



UFC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CAMPUS SOBRAL

CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA

ANA JAKELINE DA SILVA

**AS MULHERES E O VIOLÃO: UM LEVANTAMENTO DAS TRAJETÓRIAS E
PERCEPÇÕES DE FORMAÇÃO MUSICAL NO CURSO DE MÚSICA DA UFC,
*CAMPUS SOBRAL***

SOBRAL-CE

2022

ANA JAKELINE DA SILVA

AS MULHERES E O VIOLÃO: UM LEVANTAMENTO DAS TRAJETÓRIAS E
PERCEPÇÕES DE FORMAÇÃO MUSICAL NO CURSO DE MÚSICA DA UFC,
CAMPUS SOBRAL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Música. Área de concentração: Música.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira.

SOBRAL-CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S578m Silva, Ana Jakeline da.
As mulheres e o violão : um levantamento das trajetórias e percepções de formação musical no Curso de música da UFC, Campus Sobral / Ana Jakeline da Silva. – 2022.
135 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral, Curso de Música, Sobral, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira.

1. mulheres . 2. violão. 3. mulheres violonistas. 4. relações de gênero. I. Título.

CDD 780

ANA JAKELINE DA SILVA

AS MULHERES E O VIOLÃO: UM LEVANTAMENTO DAS TRAJETÓRIAS E
PERCEPÇÕES DE FORMAÇÃO MUSICAL NO CURSO DE MÚSICA DA UFC,
CAMPUS SOBRAL

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Música da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Música.
Área de concentração: Música.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr.^a Dra. Simone Santos Sousa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr.^a Dra. Eveline Andrade Ferreira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Eriberto José e Idelce Maria e
à Maria Augusta de Jesus [*in memoriam*]

AGRADECIMENTOS

Aos meus colegas de Curso, em especial os da turma de 2018, que sempre mantiveram a união ao longo dos semestres, que se apoiam e se alegram com as conquistas uns dos outros. Especialmente meus colegas, Neucleber Ribeiro, Michelle Santos, Wellington Sousa, Victor Manuel, Terezinha Santos, Webster Pereira, Isabelle Adna, Thaís Nascimento, Victória Alves, Benedito Duarte, Edwirgem Sousa e Glória Brenda que compartilharam comigo momentos inesquecíveis na UFC. Por todos que me ajudaram e de alguma forma me apoiaram neste caminho desde o início.

Aos Professores do Curso de Música, que me ajudaram nesta jornada de aprendizagem, compartilhando sábios ensinamentos dentro e fora das aulas. De vocês jamais esquecerei.

Ao Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira, pela excelente orientação, pelo apoio e paciência durante todas as etapas do trabalho.

Às professoras participantes da banca examinadora, Dra. Eveline Andrade Ferreira e Dra. Simone Santos Sousa, por aceitarem o convite e pelas valiosas contribuições e sugestões.

Às entrevistadas, Rojania Maria, Myllena Oliveira, Israela Aragão, Kátia Sousa, Juliana Cunha, Clara Ferreira, Cinthia Gomes, Laiany Rodrigues, Rosy Almada e Jéssica Cisne, pelo tempo e disponibilidade concedidos para as entrevistas. À Layze Martins por conceder disponibilidade para entrevista-piloto e por todo o apoio de sempre.

Ao meu parceiro de todos os momentos, Uélito Filho, que não mediu esforços para me amparar e me deu forças nos momentos mais difíceis nessa caminhada.

À minha família, em especial meus pais Eriberto José da Silva e Idelce Maria da Silva, por serem minha base desde sempre, a meus irmãos Erika, Arthur, a meu cunhado Vagner e meu afilhado João Lucas por estarem comigo em todos os momentos, mesmo os mais difíceis.

Por fim, à minha avó Maria Augusta de Jesus, que foi e sempre será o meu maior exemplo de bondade e perseverança.

“Em termos culturais, é possível perceber uma predominância da relação do violão com a esfera masculina, o que não estabelece propriamente questões hierárquicas ou de valor, mas, antes, nos coloca diante de importantes questionamentos sobre a escassez de registros e a forma com a qual se vincula a mulher e o instrumento” (GARCIA, 2020, p. 1)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as trajetórias e percepções de formação musical de mulheres violonistas no Curso de Música da UFC - Sobral, através de uma pesquisa qualitativa, realizando primeiramente uma revisão bibliográfica e categorias complementares sobre o tema e, posteriormente realizando entrevistas semiestruturadas com egressas e ativas do Curso que concluíram a disciplina prática instrumental - violão I a IV, entre os anos de 2011 e 2019, a fim compreender as percepções e trajetórias dessas mulheres e evidenciar a participação feminina dentro do Curso. A baixa quantidade de mulheres que finalizam a disciplina ou que têm interesse em dar continuidade ao estudo aprofundado do violão no Curso, desperta reflexões acerca da trajetória delas com o violão, das percepções que possuem acerca do incentivo ao estudo de violão na disciplina e também percepções acerca da presença feminina na disciplina e no Curso. Os resultados desta análise apontam que parte das musicistas enxerga o violão como um instrumento secundário, apontam a existência de um tratamento diferente sutil às mulheres violonistas, evidenciam a escassez de representatividade feminina no Curso de Música da UFC - Sobral e o papel do professor no estímulo ao estudo do instrumento e à representação de mulheres como referências musicais.

Palavras-chave: mulheres violonistas; percepções; Curso de Música.

ABSTRACT

This work aims to understand the trajectories and perceptions of musical training of female guitarists in the Music Course of the UFC - Sobral, through a qualitative research, first performing a bibliographic review and complementary categories on the subject and, later conducting semi-structured interviews with students and active members of the Course who have completed the instrumental practice discipline - guitar I to IV, between 2011 and 2019, in order to understand the perceptions and trajectories of these women and to highlight the female participation within the Course. The low number of women who finish the discipline or who are interested in continuing the in-depth study of the guitar in the Course arouses reflections about their trajectory with the guitar, the perceptions they have about encouraging the study of guitar in the discipline and also perceptions about the female presence in the discipline and the Course. The results of this analysis indicate that part of the musicians see the guitar as a secondary instrument, point out the existence of a different subtle treatment to women guitarists, evidence the scarcity of female representation in the UFC Music Course - Sobral and the role of the teacher in stimulating the study of the instrument and the representation of women as musical references.

Keywords: guitarists women; perceptions; Music Course.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|-----------------------------------|----|
| Figura 1 – Rojania Maria | 31 |
| Figura 2 – Myllena Oliveira | 32 |
| Figura 3 – Israela Aragão | 33 |
| Figura 4 – Kátia Sousa | 33 |
| Figura 5 – Juliana Cunha | 34 |
| Figura 6 – Clara Ferreira | 35 |
| Figura 7 – Laiany Rodrigues | 35 |
| Figura 8 – Rosy Almada | 36 |
| Figura 9 – Jéssica Cisne | 37 |

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos dados obtidos através do questionário socioeconômico.... 31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|---|
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| PPC | Projeto Pedagógico do Curso |
| TCC | Trabalho de Conclusão de Curso |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|----|
| | INTRODUÇÃO | 14 |
| | Interesse da autora | 14 |
| 1 | REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO | 18 |
| 1.1 | Categorias Complementares | 21 |
| <i>1.1.1</i> | <i>Imaginário</i> | 21 |
| <i>1.1.2</i> | <i>Imaginário masculino e dominação masculina</i> | 22 |
| <i>1.1.3</i> | <i>Diferença biológica e desigualdade de gênero</i> | 22 |
| 2 | METODOLOGIA | 26 |
| 3 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS | 31 |
| 3.1 | Apresentação das participantes da pesquisa | 31 |
| 3.2 | Trajétoria no estudo do violão | 37 |
| 3.3 | O violão no contexto do Curso de Música | 49 |
| 3.4 | A mulher na prática instrumental - violão | 57 |
| 4 | CONCLUSÃO | 82 |
| 5 | REFERÊNCIAS | 84 |
| | APÊNDICE A - | |
| | APÊNDICE B - | |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever as trajetórias de formação musical e percepções de mulheres violonistas do Curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Ceará (UFC) Campus Sobral, entre os anos de 2011 e 2019. Para tanto, terá como contexto e campo de investigação, o referido Curso¹, visto que é o ambiente em que a atuação de todas as egressas e graduandas, ocorre.

Interesse da autora

Para abordar trajetórias de mulheres no estudo do violão no Curso, considero relevante descrever primeiramente a minha². Ingressei no Curso de Música da UFC - Sobral no início do semestre de 2018.1 e, na disciplina de prática instrumental I, tive o primeiro contato com outras mulheres que demonstravam interesse em estudar violão. No decorrer dos 4 (quatro) semestres da disciplina, a quantidade de mulheres na turma diminuiu: na disciplina de violão I estavam matriculadas 7 (sete) mulheres; já na disciplina de violão IV da mesma turma, apenas eu estava matriculada. Tanto no início do meu estudo no violão antes da universidade, quanto em boa parte de minha formação na graduação, não conheci nenhuma mulher que executasse peças para violão solo, onde este atua de maneira central no repertório. Também no início, não tive contato com mulheres que tocassem um repertório de acompanhamento³ de música popular, como ocorre nos gêneros e estilos de Choro, Bossa Nova ou Samba, por exemplo. Assim, minhas referências femininas eram, até então, escassas no contexto violonístico dentro e fora da universidade.

Ao ingressar no cenário acadêmico, tanto alunas de outras práticas instrumentais - violino, piano e instrumentos de sopro, como docentes de outras práticas, como é o caso da professora Adeline Stervinou, tornaram-se minhas primeiras referências femininas na música instrumental. Menciono que neste contexto, passei a considerar referências, estudantes que concluíram a prática instrumental - disciplina obrigatória, mas que escolheram dar continuidade aos estudos na prática instrumental avançada - como disciplina optativa, o que demonstra interesse em aprofundar os conhecimentos no instrumento. Nesse sentido, minhas primeiras referências violonísticas foram essencialmente masculinas, visto que não havia

¹Neste trabalho, em alguns momentos abreviaremos o nome 'Curso de Música da UFC em Sobral' por "Curso".

²Peço licença, desde já, aos leitores, para apresentar uma trajetória em primeira pessoa.

³Repertório de acompanhamento, neste contexto, se refere a harmonias e ritmos complexos e mais elaborados

mulheres na disciplina de violão avançado, sendo eu a primeira a cursar e concluir a disciplina.

Assim, ao observar e participar tanto de atividades artísticas abertas ao público em geral na Universidade, como é o caso das rodas de choro e a Orquestra de violões - ambas atividades de extensão do curso - quanto no espaço acadêmico direcionado, como a disciplina de Prática Instrumental - Violão, notei que a presença e a atuação de mulheres era tímida. Por outro lado, após o meu ingresso e, a partir das minhas vivências no Curso, tive a oportunidade de interagir e trocar experiências musicais com outros discentes. Nessa perspectiva, fui conhecendo outros contextos em que a música se manifestava, assim como o trabalho artístico de mulheres instrumentistas, em especial violonistas, renomadas. É o caso das violonistas Rosinha de Valença, Gabriele Leite e Ana Vidovic. Estas, são exímias violonistas que tornaram-se minhas primeiras referências femininas no violão. A partir de certo ponto, comecei a entender o significado de representatividade. O site “Dicio”⁴, dicionário online de português, define representatividade como “Qualidade de alguém, de um partido, de um grupo ou de um sindicato, cujo embasamento na população faz que ele possa exprimir-se verdadeiramente em seu nome.” Com base neste conceito, afirmo que me senti representada por estas musicistas. Após tomar conhecimento sobre estas, com o tempo, comecei a explorar o paradeiro de outras violonistas, principalmente brasileiras, pois compreendi que poderia haver muito mais.

Apesar de descobrir finalmente algumas referências femininas no violão, já no segundo ano de graduação, estas influências femininas no violão eram representações que estavam distantes do espaço da Universidade, contexto no qual eu estava inserida. Nesse sentido, inferi que havia poucas manifestações de mulheres violonistas nas atividades do Curso de Música da UFC - Sobral. Isto posto, o interesse pelo tema surgiu da inquietação e ao mesmo tempo da curiosidade em entender as vivências musicais de mulheres que concluíram a prática de violão no Curso de Música da UFC - Sobral e a forma como atuavam musicalmente, no espaço acadêmico e fora dele. Nesse sentido, este trabalho tem como pergunta norteadora: Quais as trajetórias e percepções das mulheres violonistas do Curso de Música - Licenciatura da UFC, *Campus Sobral*?

Um aspecto que me provocou e, dessa forma, me fez refletir sobre esta questão, foi a curiosidade de compreender, como se configura em um ambiente predominantemente

⁴Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> acesso dia 13 jan. 2022 às 11h:50min.

masculino, as visões dessas mulheres sobre o Curso de Música da UFC - Sobral e a trajetória musical de maneira individual, observando as suas histórias de maneira particular, com o intuito de registrar e evidenciar a participação de mulheres violonistas no Curso de Música da UFC - Sobral que por vezes podem ter passado despercebido por outras pessoas, principalmente por outras estudantes de violão. Para a pesquisa, serão brevemente abordados dois trabalhos que evidenciam as contribuições históricas da participação de mulheres violonistas no Brasil, em épocas diferentes. Em relação ao universo de pesquisa, será abordado brevemente um histórico do Curso de Música da UFC - Sobral, para um maior entendimento sobre a percepção das violonistas sobre o referido curso.

Ao longo da história, observa-se que o engajamento de mulheres nos ambientes musicais cresceu de maneira significativa. A contribuição de mulheres no contexto musical ao longo da história se faz presente, porém é pouco vista e documentada.

A crescente participação das mulheres no meio musical – seja como produtoras ou consumidoras – faz transparecer a necessidade de novos estudos e reflexões sobre o tema, que continua sendo pouco pesquisado, apesar da conquista de novos espaços e da crescente visibilidade de grupos femininos (GOMES; MELLO, 2019, 507).

Isto posto, consideramos que a justificativa que faz este trabalho relevante é de que o tema é ainda escasso de pesquisas acadêmicas e, portanto, se tem a necessidade de discutir e refletir acerca da presença feminina no cenário musical.

Um ponto a ser mencionado, é que consideramos pertinente citar algumas, das muitas mulheres que movimentam o cenário violonístico nacional e internacional atualmente, como: Gabriele Leite, Elodie Bouny, Maria Haro, Beatriz Virgínia, Mayara Amaral [*in memoriam*], Renata Montanari [*in memoriam*], Thaís Nascimento, Cecília Siqueira, Letícia Marram, Paola Picherzky, Márcia Taborda, Badi Assad, Andrea González, Ana Vidovic, Paola Herмосín, Amanda Carpenedo, Raíssa Amaral, Lia Meyer, entre muitas outras que fazem belíssimas produções e interpretações de obras para violão. Além disso, cabe citar iniciativas que são criadas com a intenção de diminuir as desigualdades de gênero e promover visibilidade às mulheres violonistas e compositoras, como o Coletivo Mulheres Violonistas, AIVIC (Associação Internacional de Violonistas Compositoras) e lançamento do disco “Expressivas - Mulheres Compositoras para violão”, por exemplo.

Este trabalho tem como objetivo principal compreender as trajetórias e percepções de mulheres violonistas, sobre o estudo do violão no Curso de Música da UFC - Sobral. Para

os objetivos específicos do presente trabalho, buscamos: Descrever as trajetórias das participantes em relação ao estudo do violão; compreender as percepções quanto ao incentivo ao estudo do violão no contexto do Curso de Música da UFC - Sobral; evidenciar a participação da mulher na prática instrumental de Violão no Curso de Música da UFC - Sobral.

A estrutura deste trabalho será apresentada da seguinte forma: no primeiro capítulo é exposto o referencial bibliográfico, onde são apontados trabalhos desenvolvidos e conceitos dos principais termos encontrados, em pesquisas voltadas à temática. No capítulo dois, é exposta de maneira detalhada a metodologia utilizada para a coleta de dados nesta pesquisa, bem como o universo de pesquisa e os instrumentos de coleta de dados.

O capítulo três apresenta e traça o perfil das participantes, trazendo em seguida a análise dos dados. Por fim, é apresentada a conclusão, que finaliza a pesquisa.

1 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

Considerando os objetivos do presente trabalho, nós buscamos nos aprofundar em trabalhos acadêmicos que abordassem os temas “mulheres violonistas”, “mulheres e o violão”, “mulheres na música”, “feminismo e música”, “mulheres e licenciatura”, “mulheres e licenciatura em música”. Dessa forma, nos apoiamos principalmente nos seguintes trabalhos:

- Sobre compositoras para violão na década de 1970 (AMARAL, 2017);
- Sobre a imagem e a representação da mulher violonista no século XX (PORTO e NOGUEIRA, 2007).

A violonista Mayara Amaral escreveu sua dissertação de mestrado com o seguinte título: “A mulher compositora e o violão da década de 1970: vertentes analíticas e contextualização histórico-estilística” (AMARAL, 2017). Cabe aqui destacar que Mayara Amaral teve sua vida tragicamente interrompida⁵, vítima de feminicídio em 2017, deixando esta pesquisa e a sua experiência com o violão como legados para outras musicistas e pesquisadoras. Seu trabalho tem sido referência para outras pesquisas que abordam sobre o tema "mulheres violonistas compositoras". Sua dissertação evidencia a biografia e a obra de 5 (cinco) compositoras para violão da década de 70: Lina Pires de Campos, Adelaide Pereira da Silva, Eunice Katunda, Esther Scliar e Maria Helena da Costa. A autora aborda as trajetórias e as vertentes analíticas das obras, fazendo uma análise detalhada das composições, além de executá-las ao violão, a fim de promover visibilidade às compositoras e contribuição com o repertório violonístico nacional.

A autora discorre ainda sobre o contexto musical do período em que as composições foram feitas. Na década de 1970, já havia a ideia da consolidação de uma identidade nacional na música brasileira, onde os compositores de modo geral, buscavam em suas obras, desenvolver uma estética direcionada às características nacionalistas tais como:

Primeiramente, o uso de títulos que evocam a atmosfera nacional já se constitui como um importante recurso dessa vertente. As melodias conduzidas nas obras baseiam seus movimentos, principalmente, em intervalos de segundas. [...] Outro elemento que recebe mais liberdade é o ritmo, pois quando a obra contém um motivo, este deve se caracterizar pela combinação de intervalo e estrutura rítmica, que o tornem reconhecíveis (SCHOENBERG, 2008 *apud* AMARAL, 2017, p. 104-105).

⁵Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mayara-amaral-27-anos-mais-uma-vitima-de-feminicidio-no-brasil/>

A autora cita a desigualdade entre número de composições de mulheres e homens sendo que o número de composições divulgadas e que foram escritas por mulheres é bastante inferior:

Consultando a bibliografia especializada em música, percebemos claramente que o número de citações de mulheres na composição musical ainda é muito inferior ao dos homens. A origem dessa desigualdade é extremamente complexa e tem demandado muitos estudos a respeito da função do gênero na música e na composição musical (AMARAL, 2017, p. 14).

Para o embasamento sobre as vertentes analíticas das obras, Mayara Amaral utiliza o livro “*The Analysis of Music*” de John White (1976) como foco principal para o referencial teórico: “Segundo o autor, a análise deve ter um plano bem delineado e se iniciar com dois passos: análise descritiva e depois sínteses e conclusões” (AMARAL, 2017, p. 35).

A autora conclui que a dissertação contribui para a ampliação do repertório para violão na década de 1970 e conclui que, a presença feminina ainda é pouco explorada na história da música:

Essa busca por materiais que tratam sobre trajetórias de mulheres, que constituem o objeto do presente trabalho, se mostrou uma tarefa que ainda confere um denso esforço para encontrar fontes. Revela-se, assim, que o trabalho de investigação sobre a contribuição feminina na história está apenas em seu início (AMARAL, 2017, p. 113).

Para esta pesquisa, a dissertação de Mayara Amaral contribui ao evidenciar a desigualdade na divulgação de composições feitas por mulheres, assim como indica a necessidade de outros trabalhos que tenham como foco a compreensão do contexto da mulher e sua relação com o violão e a música.

As autoras do artigo intitulado “Imagem e representação em mulheres: algumas reflexões sobre Josefina Robledo”, escreveram uma contextualização histórica do violão no início do século XX, destacando a importância das mulheres na mudança de visão da sociedade sobre o violão, na mesma época. Além disso, evidenciam a participação e descrevem o papel da violonista espanhola Josefina Robledo para a propagação do violão solo no Rio de Janeiro, ao lado de outros instrumentistas. Estes, foram pioneiros na abordagem do violão de concerto no Brasil:

Entendemos que a trajetória do violão de concerto no Brasil reflete as crises de aceitação do instrumento ao longo da história. Desde a Renascença, o violão enfrenta um processo de desvinculação de sua realidade de instrumento unicamente acompanhador de canções e danças para sua consolidação como instrumento solista.

Este processo contempla o desenvolvimento da técnica instrumental e de sua construção física, esta atingindo sua forma definitiva no séc. XIX. (PORTO; NOGUEIRA, 2007, p. 3)

Na citação acima, percebemos uma contextualização de maneira geral, da história do violão e as mudanças de sua funcionalidade ao longo do tempo, o que nos permitirá entender melhor o papel das mulheres na consolidação do violão como um instrumento de concerto, mais à frente no texto. Além disso, para entendermos melhor as modificações a respeito de como o violão era visto à época, devemos considerar “que a prática violonística, desde sua origem no Brasil, esteve voltada apenas à música popular, e por esta mesma razão, associada às classes inferiores” (PORTO; NOGUEIRA, 2007, p. 5).

Segundo Porto e Nogueira, outro fator importante é o nacionalismo como elemento utilizado em composições a fim de firmar uma identidade nacional no Brasil, argumento corroborado por Amaral (2017). Neste artigo, as autoras Porto e Nogueira também discorrem brevemente sobre o surgimento e importância do nacionalismo para o início de uma mudança de visão sobre o violão, pois apesar de ser um instrumento bem popular no Brasil, “o violão foi marginalizado em nosso país durante séculos, transformando-se em símbolo de seresteiros e desordeiros.” (PORTO; NOGUEIRA, 2007, p. 3). Assim, [...]essa visão negativa do violão começa a se modificar lentamente, pois seu status de instrumento representativo do 'caráter nacional' colabora para sua melhor aceitação pela sociedade” (PORTO; NOGUEIRA, 2007, p. 4).

O papel de Josefina Robledo, juntamente com outros violonistas como Agustín Barrios⁶, foi essencial para transformar o ponto de vista dos brasileiros sobre a aprendizagem do violão. Josefina, que foi aluna de Francisco Tárrega, foi responsável por disseminar a metodologia⁷ de seu professor durante o tempo que esteve no Brasil. Mas as autoras destacam algo a mais de Josefina Robledo - um fator que pode ter aumentado sua contribuição nesse contexto de surgimento do violão de concerto no Brasil:

[...] no início do século XX, a boa educação era símbolo de status social e parte importante da educação feminina, da qual fazia parte o conhecimento musical. As damas representavam o que de mais elegante e delicado havia na sociedade. Assim, o fato de Robledo aparecer no Brasil tocando um instrumento que fazia parte do imaginário masculino, sempre vinculado à prática de boêmios e seresteiros, vai

⁶Agustín Barrios (1885-1944), foi um violonista e compositor, que com as obras para concerto, atingiu notoriedade em vários países sul americanos.

⁷Esta metodologia ficou conhecida como A Escola de Tárrega, mesmo que o criador, Francisco Tárrega nunca tenha publicado qualquer método. Seus alunos consolidaram esta maneira de conceber o violão de concerto que ficou conhecido como Escola de Tárrega.

contrabalançar estas duas realidades tão distintas: a delicadeza feminina com a má fama e desprezo pelo violão”(PORTO; NOGUEIRA, 2007, p. 7).

Assim, ao observarmos uma mulher violonista e concertista no início século XX no Brasil, como é o caso de Josefina Robledo, temos de um lado a delicadeza feminina que vai de encontro ao violão, um instrumento considerado até então marginalizado, de classes mais inferiores. O violão, portanto, começa a ter uma ressignificação por parte da sociedade também devido a esta associação com a doçura feminina, pois quando uma mulher aprendia a tocar um instrumento musical, era considerada de elite e assim, bem vista. Conseqüentemente, o violão começou a ser visto como um instrumento de elite, quando tocado num repertório solo e de concerto:

O fato de Robledo ensinar aos seus alunos repertório de autores “eruditos”, adotando a nova técnica desenvolvida por Tárrega, vai colaborar para que o violão tenha uma participação cada vez maior nas salas de concerto, melhorando sua aceitação pela sociedade, e transformando-o gradativamente em um instrumento acadêmico (PORTO; NOGUEIRA, 2007, p. 9).

1.1 Categorias Complementares

Após uma primeira imersão nas leituras relacionando as mulheres e o contexto violonístico, percebemos a necessidade de abordar outras categorias complementares que nos ajudarão a compreender melhor os principais embates quando relacionamos a mulher e a cultura violonística: as relações de gênero. Assim, os principais termos, encontrados com certa regularidade, não necessariamente nesta ordem, no referencial bibliográfico foram: “Imaginário masculino”, “Dominação masculina”, “Diferença biológica” e “Desigualdade de gênero”. Abordaremos a seguir, de maneira breve, o conceito de cada um, relacionando-os com a presente pesquisa.

1.1.1 Imaginário

Começaremos com o termo encontrado com mais frequência durante as leituras: o imaginário masculino. Porém, para entendermos o conceito e o que representa o “imaginário masculino”, devemos primeiro ter a definição do termo anterior a ele: o imaginário.

O imaginário é o “[...] conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens, [...] a estrutura essencial na qual se constituem todos os processamentos do pensamento humano” (DURAND, 1997 *apud* BRESSAN; MORAES; FURLAN; MORAIS, 2018, p. 9). “O imaginário é responsável pelo

pensamento, institui o sentido e espaço para a indeterminação do sujeito e da sociedade.” (SANTOS, 2018, p. 1091). Assim, o imaginário social influencia a forma como as pessoas consolidam suas relações sociais, o que impacta diretamente na educação formal, ditando que devemos nos adequar ao imaginário social atribuído à mulher e/ou ao homem. (SANTOS, 2018, p. 1104).

1.1.2 Imaginário masculino e dominação masculina

Desde a Revolução Agrícola, a maior parte das sociedades têm sido patriarcais, valorizando assim, mais os homens do que as mulheres. Portanto, independente do conceito de “homem” e “mulher”, ser homem sempre foi melhor nas sociedades patriarcais. (HARARI, 2018). Desde o nascimento, a masculinidade e a feminilidade são marcas utilizadas para identificar o sexo nos humanos. Os elementos que constituem a nossa cultura, são fundamentais para desenvolver e determinar uma consciência social de meninas e de meninos. Assim, a maneira de ser e estar em sociedade, tanto para o sexo masculino quanto para o feminino, são construções históricas e culturais. (CATANI et al., 1997, p. 39 *apud* SANTOS, 2018, p. 1091). Indo ao encontro deste pensamento, está presente na sociedade a dominação masculina e que, em relação à questão do gênero, a dominação masculina atua tanto sobre o homem como sobre a mulher. Esta também está inserida no habitus e na estrutura social, fazendo parte do contexto cultural e social (BOURDIEU, 1999 *apud* SANTOS, 2018, p. 1095).

No meio musical, especificamente no violonístico, podemos perceber consequências dessa dominação masculina no imaginário social como, no contato com uma realidade inventada ou não, a imagem que prevalece no discurso literário que permeia o violão não reflete a importância e força feminina nesse contexto, além da escassez de registros do violão em mãos femininas. Esses tornam-se discursos que reforçam o imaginário masculino, que não contempla a importância das mulheres violonistas ao longo da trajetória do instrumento (GARCIA, 2020, p. 1).

1.1.3 Diferença biológica e Desigualdade de gênero

Algumas diferenças culturais, jurídicas e políticas entre homens e mulheres são reflexo das diferenças biológicas óbvias existentes entre os sexos. Gerar uma criança sempre foi função das mulheres, pois os homens não têm útero. Mas, sobre essa verdade universal, as

sociedades aglomeraram camadas de normas, ideias e pensamentos culturais que associam masculinidade e feminilidade com uma série de atributos que, em sua maioria, não têm base biológica e nem a ver com biologia. (HARARI, 2018). Seguindo essa linha de raciocínio, Yuval Harari⁸, em sua obra “Sapiens: uma breve história da humanidade”, questiona sobre como podemos diferenciar o que é determinado biologicamente do que as pessoas apenas tentam justificar por meio de mito biológico.

Embora as definições de “homem” e “mulher” possam variar de cultura para cultura, Harari (2018) afirma que é provável que exista alguma razão biológica universal para quase todas as culturas valorizarem a masculinidade, comparado à feminilidade, mas que não se sabe qual. Segundo o autor, uma das teorias que tenta encontrar e justificar esta razão é a de que os homens são mais fortes que as mulheres e utilizaram sua maior capacidade física, a força, que permite que eles realizem tarefas que demandam trabalho braçal, e tenham influência política. O problema dessa teoria é que as mulheres geralmente são mais resistentes a fome, doenças e fadiga que os homens e, além disso, as mulheres por muito tempo foram privadas de funções que exigiam pouco esforço físico, enquanto se dedicavam a trabalho braçal nos campos, no artesanato e nos cuidados com a casa (HARARI, 2018). Assim, se o poder social fosse determinado com base em vigor ou força física, as mulheres teriam maior êxito. E, o que é ainda mais importante: não existe relação direta entre força física e poder social entre os humanos. Portanto, o argumento de que força física e bruta determina poder dentro de uma sociedade não se mantém, já que as habilidades mentais é o que determina o poder (HARARI, 2018).

O autor aborda outra teoria, que explica que a dominação masculina resulta não da força, mas da agressão. As mulheres e os homens são iguais no que diz respeito a sentir ódio, ambição e violência, mas, em uma situação crítica, os homens são mais propensos a partir para a violência física. Isso porque, devido à evolução em milhões de anos, os homens se tornaram muito mais violentos que as mulheres e, por isso, as guerras são prerrogativas dos homens, por exemplo. O autor também contra-argumenta esta teoria, afirmando que não se gerencia uma guerra com força física ou agressividade, mas que é preciso vigor, pois exige um nível de organização, cooperação e capacidade de conciliação. Assim, certamente nada impediria as mulheres de se tornarem generais, mandarinas e políticas. (HARARI, 2018).

⁸ Doutor em história pela Universidade de Oxford, especializado em história mundial e professora da Universidade Hebraica de Jerusalém. "Sapiens" foi lançado em Israel e logo se tornou um best-seller internacional.

Outros autores abordam sobre a origem da desigualdade de gênero. Para Bressan, Moraes, Furlan e Morais (2018), a convivência de homens e mulheres, a naturalidade do corpo físico começa a ser um fenômeno social e simbólico que devido à cultura, influencia as representações e pensamentos sobre a masculinidade e feminilidade. Seguindo a discussão de gêneros, homem e mulher, independentemente da classe social, reproduzem a dominação masculina, seja de forma inconsciente ou consciente. (SANTOS, 2018, p. 1095). Portanto, o reducionismo biológico assegurou por muito tempo a supremacia masculina sobre a mulher e foi sustentado até mesmo por teorias psicológicas, como por exemplo a teoria freudiana, que atribuía à mulher uma condição de inferioridade em virtude de não possuir um pênis (CORREIA, SANTOS, FERREIRA, LUCAS, DORNELAS, 2017).

Os autores Bressan, Moraes, Furlan e Morais (2018) afirmam que as mulheres, por muito tempo foram privadas de diversas atividades, como os esportes corporais, pois estas atividades poderiam prejudicar a natureza, considerada frágil, de seu sexo em relação ao sexo masculino e que, a fundamentação desta crença está na explicação biológica de que havia uma fragilidade dos órgãos femininos reprodutores e na necessidade de preservá-los para uma maternidade sadia. Assim, essas proibições também indicavam o lugar social da mulher, onde o espaço privado de cuidar da casa e da família seriam destinados a ela, pois se encaixam de maneira plena às características consideradas próprias femininas: a benevolência, o sexto sentido, a paciência, o cuidado e a serenidade.

A desigualdade de gênero perdura a partir da naturalização de que as mulheres e os homens se comportam de forma diferente como consequência às diferenças biológicas e que assim, há uma maneira ideal de os indivíduos se encaixarem no masculino ou feminino. Assim, a desigualdade de gênero se consolida na medida em que na sociedade são determinados os papéis ao homem e à mulher, tornando-os desiguais, numa relação de poder e subordinação (COSTA, 2008 *apud* CORREIA; SANTOS; FERREIRA; LUCAS; DORNELAS, 2017). Ainda segundo os autores, por muito tempo as mulheres foram inibidas dos estudos, o que dificultou a possibilidade de competirem de maneira justa, no mercado de trabalho e reforçando ainda mais a inferioridade feminina socialmente construída, devido à condição de submissão.

Na desigualdade de gênero e na ideologia do patriarcado, este responsável por determinar as identidades e os papéis sociais, os ‘setores marginalizados’, como o sexo feminino, foram participantes ativos da história, mas desapareceram no anonimato.

(TEDESCHI, 2015, p. 333 *apud* GARCIA, 2020, p. 2). O meio musical também reflete esta desigualdade. Um exemplo é que consultando a bibliografia especializada em música, percebemos claramente que o número de citações de mulheres na composição musical ainda é muito inferior ao dos homens. A origem dessa desigualdade é extremamente complexa e tem demandado muitos estudos a respeito da função do gênero na música e na composição musical (AMARAL, 2017, p. 14). Em uma breve observação da publicação de “Os Songbooks de Choro” idealizados por Almir Chediak⁹, podemos perceber um exemplo dessa desigualdade de gênero que deixa as mulheres em desvantagem e obscurecidas. Observamos no Volume 1, por exemplo, que de um total 97 (noventa e sete) choros famosos e renomados, estão presentes apenas 2 (duas) composições de mulheres, onde ambas as compositoras são citadas apenas uma vez.

⁹Organizados por Mário Sève, Rogério Souza e Dininho e editora Lumiar.

2 METODOLOGIA

Para este trabalho, tomou-se como recorte temporal o período desde 2011 (ano em que ocorreu o surgimento da primeira turma de violão no Curso de Música da UFC - Sobral), até 2019 (até o presente momento deste trabalho é o último ano que abrange uma turma que concluiu o violão básico no Curso). Esta pesquisa caracteriza-se como do tipo Qualitativa, onde há uma relação entre o mundo real e o sujeito, em um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números (SILVA, MUSZKAT, 2001). Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo ou trajetória (GOLDENBERG, 2004).

Este recorte foi feito com o intuito de atingir o número máximo de mulheres que concluíram a disciplina de Prática Instrumental - Violão, desde a criação do Curso de Música da UFC - Sobral. Assim, as participantes são mulheres egressas e ativas do curso, que finalizaram os quatro semestres de prática instrumental - violão, I¹⁰ a IV. Foi realizado um levantamento de dados, por meio de entrevistas semiestruturadas individualmente com as participantes, à distância, através da plataforma do Google Meet, devido a pandemia da Covid-19, ainda bastante presente em em 2021. Flick (2004), afirma que é uma característica dessas entrevistas que questões mais ou menos abertas sejam levadas à entrevista na forma de um guia de entrevista, onde espera-se que essas questões sejam livremente respondidas pelo entrevistado. Ao todo foram 10 (dez) mulheres entrevistadas, entre a turma de 2011.1 e 2019.1, de um total de 13 (treze) que se enquadraram no perfil da presente pesquisa. As outras três, da turma de 2014.1, 2015.1 e 2018.1 não participaram pois uma é a autora deste trabalho e não se incluiu na pesquisa, outra não aceitou participar da pesquisa e outra demonstrou interesse em participar, mas não teve disponibilidade. Todas foram contatadas com antecedência por e-mail e Whatsapp e cederam um horário para que a entrevista fosse realizada. Para um melhor aproveitamento da entrevista, houve uma entrevista-piloto com a musicista e amiga Layze Barbosa Martins Farias, também estudante de violão no Curso de Música da UFC - Sobral, mas que não se enquadra nesta pesquisa por ter ingressado na turma

¹⁰Violão I a IV - disciplina de violão básico obrigatório que se inicia no Semestre 1 (S1) e se estende até o Semestre 4 (S4). Violão V a VIII - disciplina de violão avançado optativo que se inicia no Semestre 5 (S5) e se estende até o Semestre 8 (S8).

de 2020.1, que está fora do recorte temporal. Com base nesta entrevista teste, estimou-se uma duração de pelo menos 15 (quinze) minutos. Já nas entrevistas de fato, houve variações: a menor entrevista durou cerca de 11 (onze) minutos e a maior cerca de 27 (vinte e sete) minutos.

Todas as entrevistas foram registradas através da gravação de chamada de vídeo na plataforma do Google Meet e, em seguida, transcritas em seguida, digitalmente na plataforma do Google Documentos. Durante a transcrição, ajustamos algumas palavras do texto escrito para que haja um maior entendimento das respostas, já que durante a fala, alguns maneirismos podem não fazer sentido sem o auxílio visual, com gestos e inflexões do indivíduo. Outra característica também, é que quando utilizamos o termo “mulheres violonistas”, nos referimos às mulheres do Curso que concluíram a disciplina de violão, do S1 a S4. O período da realização de todas as entrevistas ocorreu em 20 (vinte) dias: a primeira entrevista no dia 6 (seis) de agosto de 2021, e a última no dia 26 (vinte e seis) de agosto de 2021. No início de todas as entrevistas, através de gravação de vídeo, houve o registro da leitura do Termo de Consentimento por parte da pesquisadora junto às entrevistadas. Este Termo de Consentimento inicialmente informou de maneira breve, sobre o conteúdo da pesquisa, os objetivos acadêmicos e por quem o trabalho foi desenvolvido e orientado. Mais a frente, concordando com o Termo, as entrevistadas ficaram cientes de que a participação ocorreria por vontade própria, sem qualquer incentivo financeiro. Por fim, o Termo esclarece que os dados coletados serão utilizados apenas pela pesquisadora e orientador, e que as participantes poderiam se retirar a qualquer momento da pesquisa, sem sofrer qualquer constrangimento ou prejuízo. Este Termo de Consentimento concedeu autorização para a utilização dos nomes reais e da imagem de cada uma na presente pesquisa. Para confirmar a autorização das participantes, foram feitas 3 (três) perguntas bem simples após a leitura do Termo de Consentimento: 1) Você tem alguma dúvida sobre a participação na pesquisa? 2) Você concorda em utilizar seu nome real para a pesquisa? 3) Você concorda com os termos acima (conceder a entrevista e permitir a utilização dos dados no TCC)?

Todas as dúvidas que surgiram sobre a pesquisa foram esclarecidas antes e depois da entrevista e todas as participantes concordaram em utilizar seus respectivos nomes reais, em conceder a entrevista e permitir a utilização dos dados neste trabalho. Na organização para a entrevista, as perguntas foram divididas em três categorias a fim de trazer resultados mais completos para o presente trabalho: 1) Trajetória no estudo do violão; 2) Percepções quanto

ao incentivo ao estudo do violão no contexto do Curso de Música da UFC - Sobral; 3) participação da mulher na Prática Instrumental de Violão no Curso de Música da UFC - Sobral.

1) **Trajatória no estudo do violão.** Nesta primeira parte, as perguntas foram relacionadas à vivência musical das musicistas de maneira geral, antes do ingresso na Universidade: “Como ocorreu sua trajetória no estudo do violão?”. Após esta, foram feitas perguntas complementares, dando continuidade sobre o assunto: “Você estudou violão antes de ingressar no curso de Música da UFC - Sobral?”, “Participou de grupos artísticos? Quais?”, “Trabalha ou trabalhou tocando e/ou ensinando violão?”, “Qual a sua relação com o instrumento hoje?”

2) **Percepções quanto ao incentivo ao estudo do violão no contexto do Curso de Música da UFC - Sobral.** Nesta segunda parte da entrevista, as perguntas foram direcionadas à trajetória musical das musicistas dentro do curso de Música da UFC - Sobral, em relação especificamente ao estudo do violão: “Na sua percepção, em relação ao estímulo ao estudo do violão no Curso de Música da UFC - Sobral, o que você pode comentar sobre sua vontade de estudar violão durante a disciplina de Prática instrumental e no decorrer do Curso?”. Após essa, outras perguntas foram feitas como complementos para aprofundar o mesmo assunto: “Você tinha vontade de estudar o violão na disciplina de prática instrumental?”, “Sua vontade de estudar violão aumentou ou diminuiu durante o Curso?”.

3) **A participação da mulher na Prática Instrumental de Violão no Curso de Música da UFC - Sobral.** Por fim, na última parte da entrevista, as perguntas foram direcionadas às mulheres no contexto violonístico do curso de Música da UFC - Sobral: “Do ponto de vista de uma mulher, você poderia comentar as dificuldades e/ou facilidades no estudo do violão na UFC - Sobral?”. Após esta, outras perguntas foram acrescentadas a fim de dar continuidade e promover um maior aproveitamento das respostas das participantes: “Dentro das disciplinas de Prática Instrumental - Violão, você percebeu algum tratamento diferenciado por ser mulher?”, “Você se sentiu à vontade para tocar violão em outras disciplinas e atividades do Curso?”, “Agora de maneira geral, como você vê a mulher no contexto musical do violão brasileiro?”, “O que você pensa sobre a mulher no cenário violonístico no Curso de Música?”.

Para traçar um perfil das participantes e obter informações complementares, foi criado também em 28 (vinte e oito) de outubro de 2021 um questionário socioeconômico

através da plataforma do Google Formulários. Neste, as participantes que foram entrevistadas anteriormente responderam perguntas de múltipla escolha e perguntas abertas sobre idade, raça, atuação profissional, etc. As perguntas foram elaboradas com base no questionário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Belém - Divisão de Processo Seletivo. Sobre cor ou raça, de acordo com o site¹¹ “IBGE educa”, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pesquisa a população brasileira com base na autodeclaração, de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. Assim, para esta pesquisa foi utilizada a pergunta sobre cor ou raça baseada na autodeclaração do IBGE. O questionário elaborado contém as seguintes questões:

- a) nome completo;
- b) idade;
- c) raça - Branca, Preta, Parda, Amarela, Indígena;
- d) você é uma Pessoa com Deficiência (PCD)? Se sim, especifique;
- e) qual a sua atuação profissional?;
- f) em qual sistema de ensino você estudou no ensino fundamental? - Público, Privado com bolsa; Privado sem bolsa;
- g) em qual sistema de ensino você estudou no ensino médio? - Público, Privado com bolsa; Privado sem bolsa;
- h) em qual cidade e estado você reside atualmente?

O Universo de pesquisa deste trabalho é o Curso de Música da UFC - Sobral, visto que é onde ocorre as vivências musicais das participantes. O Curso de Música da UFC localiza-se em Sobral - cidade que fica a 238 quilômetros de Fortaleza, capital do estado do Ceará. De acordo com o PPC¹² (2018), o Curso de Música da UFC - Sobral, foi o terceiro Curso de Música criado na UFC e, foi criado pela demanda da população em almejar um curso superior de música na região. As atividades letivas do Curso de Música da UFC - Sobral tiveram início em fevereiro de 2011, com 6 (seis) professores que receberam a primeira turma de estudantes no Curso. Mas atualmente já possui 12 (doze) professores em seu corpo docente e um secretário, juntamente com 163 alunos com matrícula ativa:

¹¹Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html> Visitado em 25 jan. 2022

¹²Projeto Pedagógico do Curso

O curso de Música da UFC em Sobral está no contexto educacional da Região Metropolitana de Sobral, sendo a única licenciatura da UFC na região. A rede municipal de ensino de Sobral é um destaque nacional, alcançando o melhor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB (2017). Assim, o curso de Música pretende fortalecer a integração entre os sistemas de ensino municipal, estadual e federal no sentido de contribuir com a Educação Brasileira e favorecer a inserção profissional dos seus egressos (PPC, 2018, p. 12)

Já em relação à prática instrumental, ao ingressar no Curso, cada aluno deve escolher o instrumento obrigatório que estudará durante os 2 (dois) primeiros dos 4 (quatro) anos da graduação. As práticas instrumentais se dividem em sopros, cordas friccionadas, teclado e violão. Além disso, as 4 (quatro) práticas instrumentais optativas são disponibilizadas, a fim de oportunizar o aprofundamento dos estudos do instrumento durante todo o período do Curso (OLIVEIRA, 2017). Sobre a prática instrumental de violão, em linha gerais:

[...] como o próprio nome já sugere, é um espaço de construção de aprendizagens, desenvolvimento de habilidades e competências pedagógico-musicais desenvolvidas a partir do estudo violonístico, o que implica, a partir do nosso modo de trabalhar, em um desenvolvimento a nível da instrução – especialmente no que tange ao desenvolvimento técnico-mecânico, aproximação com o universo musical relacionado ao instrumento – assim como a reflexão e a apropriação desta prática como inserida dentro de um projeto pedagógico específico e que, por sua vez, está inserido dentro de um contexto sócio-cultural mais amplo, do qual todos, professores e alunos, fazem parte (OLIVEIRA, 2017).

Ainda segundo Oliveira (2017), na prática instrumental violão, de acordo com o projeto pedagógico do Curso de Música da UFC – Sobral, alguns eixos fundamentam as atividades da disciplina no Curso: estudo de acordes, repertório de acompanhamento, estudo de cadências/sequências de acordes, rodas de improvisação, repertório coletivo, repertório solo, técnica e apreciação.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistadas responderam a um questionário socioeconômico, criado através da plataforma do Google Formulário com o intuito de complementar e traçar um perfil das participantes para esta pesquisa. Assim, obtivemos o seguinte perfil, conforme é apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 – Distribuição dos dados obtidos através do questionário socioeconômico

| Categoria | Resultados |
|------------------------------------|--|
| Idade | Entre 22 e 32 anos |
| Raça | Parda, Branca e Preta |
| Pessoa com deficiência | 9 (nove) - Não; 1 (uma) - Sim |
| Atuação profissional | Professoras de Música e Artes, estudantes e artistas |
| Sistema de ensino em que estudaram | 2 (duas) no privado e 8 (oito) no público |
| Cidade onde residem | Sobral (CE), Forquilha (CE), Reriutaba (CE), Fortaleza (CE) e Natal (RN) |

Fonte: elaborada pela autora.

3.1 APRESENTAÇÃO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Rojania Maria Sousa Oliveira, 25 anos, parda, é estudante ativa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino público e é uma pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Atua como estudante e reside atualmente na cidade de Sobral - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2019.1

Figura 1 – Rojania Maria



Fonte: foto enviada pela participante.

Maria Myllena de Oliveira Vasconcelos, 22 anos, parda. Estudou no sistema de ensino público, e é estudante ativa do curso de música da UFC - Sobral. Atua profissionalmente como professora e reside atualmente na cidade de Forquilha - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2017.1

Figura 2 – Myllena Oliveira



Fonte: foto enviada pela participante.

Israela Naiara Albuquerque Aragão, 27 anos, branca, é egressa do curso de música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino público e atua profissionalmente como professora de música na área de Canto e Técnica Vocal. Reside atualmente na cidade de Forquilha - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2012.1 e 2017.1 (ingressou duas vezes)

Figura 3 – Israela Aragão



Fonte: foto enviada pela participante.

Aparecida Kátia de Sousa Ferreira, 27 anos, preta, é egressa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino público e atua profissionalmente como professora de música. Reside atualmente na cidade de Sobral - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2016.1

Figura 4 – Kátia Sousa



Fonte: foto enviada pela participante.

Juliana Cunha de Souza, 25 anos, parda, é egressa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino público e atua profissionalmente como professora de música. Reside atualmente na cidade de Sobral - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2013.1

Figura 5 – Juliana Cunha



Fonte: foto enviada pela participante

Clara Ferreira do Nascimento, 26 anos, parda, é estudante ativa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino público e atua profissionalmente como professora de música. Reside atualmente na cidade de Reriutaba - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2019.1

Figura 6 – Clara Ferreira



Fonte: foto enviada pela participante

Cinthia Gomes de Paula¹³ 28 anos, parda, é egressa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino privado e atua profissionalmente como professora de arte na rede pública de Sobral. Reside atualmente na cidade de Sobral - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2011.1

Laiany Rodrigues de Sousa, 32 anos, parda, é egressa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino público e atua profissionalmente como professora de música. Reside atualmente na cidade de Natal - RN. Ano e período de ingresso no Curso: 2012.1

Figura 7 – Laiany Rodrigues

¹³A participante não nos concedeu autorização para a utilização de sua fotografia na pesquisa.



Fonte: foto enviada pela participante

Francisca Rosimeire do Nascimento Almada, 29 anos, parda, é estudante ativa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino público e atua profissionalmente como professora de educação musical. Reside atualmente na cidade de Sobral - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2016.1

Figura 8 – Rosy Almada



Fonte: foto enviada pela participante

Jéssica Cisne do Nascimento, 29 anos, parda, é egressa do Curso de Música da UFC - Sobral. Estudou no sistema de ensino privado e atua profissionalmente como professora e artista. Reside atualmente na cidade de Fortaleza - CE. Ano e período de ingresso no Curso: 2011.1

Figura 9 – Jéssica Cisne



Fonte: foto enviada pela participante

Com o perfil das participantes traçado, apresentaremos a seguir um resumo das respostas das entrevistas realizadas com as participantes da pesquisa. Como já mencionado, a entrevista às participantes, que ocorreu de maneira individual, foi estruturada em três categorias: 1) Trajetória no estudo do violão 2) Percepções quanto ao incentivo ao estudo do violão no contexto do Curso de Música da UFC - Sobral 3) A participação da mulher na Prática Instrumental de Violão no Curso de Música da UFC - Sobral. Isto posto, reunimos os resultados das respostas obtidas. As subcategorias que se seguem inicialmente apresentarão as principais experiências vivenciadas pelas violonistas. Em seguida serão apresentadas as análises com base nos discursos delas e no referencial bibliográfico.

3.2 Trajetória no Estudo do Violão

Na primeira parte, as perguntas foram direcionadas à trajetória das participantes antes de ingressar no curso de música da UFC - Sobral.

Pergunta 1: Você estudou violão antes do ingresso no curso de Música da UFC - Sobral?

A primeira entrevistada, Rojania Maria, nos conta que aos 15 anos, seu pai lhe comprou um violão e lhe determinou que aprendesse a tocar:

Não era nem uma ambição minha, era mais uma ambição dele. E aí ele comprou um violão Giannini, até hoje eu tenho, e aí eu não toquei. Dos meus 15 aos 16 anos eu não toquei nada e aí eu decidi: “eu tenho um violão, então eu vou aprender a tocar”. E aí eu fui ver online algumas coisas e, eu toquei por pouco tempo também.

Apesar de ter este contato com o violão desde os 15 anos, promovido por seu pai, ela nos afirma que considera ter aprendido apenas no Curso de Música tudo o que sabe de violão. Rojania Maria nos reforça que depois de ingressar no Curso, sentiu interesse em aprender a tocar violão por alguns aspectos, sendo um deles possuir o instrumento:

Eu entrei no Curso e eu imaginei: “eu tenho um violão”, e eu queria muito aprender algumas coisas específicas do violão porque eu já tinha visto alguma coisa sobre partitura e música clássica no violão, mas eu achava muito complexo. Aí eu me arrisquei pro violão, pra disciplina.

A segunda entrevistada, Myllena Oliveira, nos conta que iniciou os estudos antes de entrar na faculdade. Ela relata que sempre gostou do violão e tinha vontade de aprender a tocar um instrumento, por achar bonito. Assim, pesquisou por materiais, videoaulas *online* e passou a ter noções básicas sobre o violão. Ela nos relata que teve um choque ao ingressar no Curso de Música da UFC- Sobral porque o estudo do violão não era nada do que ela imaginava, pois havia um aprofundamento bem maior na disciplina. Além disso, ela nos relata que no primeiro semestre ficou dispersa na disciplina porque não se adaptou à metodologia do professor substituto, na época. Com o decorrer dos semestres, ela conta que foi se adaptando:

No segundo semestre, quando o professor Marcelo entrou, tinha muitas coisas que eu ainda estava perdida, mas eu consegui acompanhar devagarzinho. No meu terceiro semestre, eu entrei na mesma turma da Juliana, se não me engano e foi ela que me ajudou muito também no estudo do violão e também no quarto semestre, acho que finalizei trabalho com a Juliana também no violão.

Israela Aragão nos conta que a experiência que tinha com o violão antes de entrar no Curso era amadora, porque o contato que teve com o violão foi através de um projeto musical no seu município, por cerca de seis meses, onde aprendeu as noções básicas do

instrumento. Ela nos relata que ao ingressar no Curso, o seu foco principal não era tocar, e explica porque escolheu o violão:

[...] Porque a minha entrada no Curso de música, tem muito mais relação com o fato de cantar do que o fato de tocar. Não me identificava muito tocando, e aí o meu primeiro contato com o instrumento foi esse. Por isso, por já ter essa mínima vivência com o violão, que era um instrumento harmônico que me interessava, justamente por ser um instrumento de acompanhamento para o meu canto, eu me direcionei para o violão na universidade.

Israela Aragão nos diz que também escolheu o violão como sua prática instrumental no Curso por ser um instrumento mais acessível em termos financeiros e de locomoção, além de funcionar de maneira acústica, sem a necessidade da utilização de amplificadores. Sobre sua trajetória ela reforça:

Então a minha trajetória com o violão é muito breve, eu considero muito breve porque ela aconteceu por cerca desses seis meses antes da graduação e depois que eu entrei na graduação, ela aconteceu digamos assim, ininterruptamente por dois anos, que foi o tempo que eu cursei o instrumento na UFC.

Kátia Sousa nos conta que antes de ingressar na faculdade já tinha contato com a música e tinha também conhecimentos básicos sobre o violão. No início, ao ingressar no Curso, o objetivo era aprimorar os conhecimentos na prática instrumental de cordas friccionadas - violoncelo, instrumento que ela tocava na época, mas como não havia um professor para a prática das cordas graves, ela escolheu o violão. Ela nos explica que viu uma possibilidade de aprofundar os conhecimentos no instrumento, permanecendo assim os 4 (quatro) semestres obrigatórios da disciplina.

Juliana Cunha, nos conta que sua trajetória com o violão é delicada. Quando ingressou no Curso, ela não tinha nenhuma iniciação a nenhum instrumento assim como também nunca teve aulas de música em nenhum momento antes da graduação. Assim, como no Curso não havia teste de aptidão, ela ingressou e escolheu o violão como prática instrumental e explica o porquê: “escolhi o violão por ser o instrumento que eu mais conhecia, a experiência do violão era a que eu tinha mais proximidade, de ver alguém, apesar de eu não ter instrumento”. Ela nos relata como foi árdua a trajetória no estudo do violão a partir de então:

[...] E foi difícil no sentido de chegar dentro de uma universidade e ver alguns conteúdos que já não são base; pelo menos os conteúdos que eu acredito ser base pra iniciante, não estavam lá, não eram exatamente esses... eu tinha quer ver acordes com sétima, já tinha algumas coisas de harmonia... então o meu primeiro contato

com o violão foi um pouco traumático: eu chegava na aula e eu não entendia nada, o professor falava e do mesmo jeito que eu entrava, eu saía... um pouco mais tonta, mas era isso.

Ela nos fala que no início, por não assimilar os conteúdos e assim não se sentir encaixada na disciplina, foi buscar uma iniciação em outros espaços dentro da universidade. Foi na Oficina de Violão onde ela começou a estudar os conteúdos iniciais do violão - acordes simples e batidas. Ela nos fala que essa participação na Oficina de Violão não ocorreu exatamente em paralelo ao período das disciplinas de violão. Ela relata que por vezes, reprovou a disciplina de violão, mas também conta como conseguiu terminar a disciplina:

Quando eu vi que não ia dar certo, eu saí. Eu só saí e disse: “Vou fazer as outras disciplinas do meu Curso, e aí depois eu volto pro violão”, e assim eu fiz. Saí das disciplinas, fui aprender violão à minha maneira, né? Ter essa intimidade com o instrumento que a gente precisa pra estudar realmente e fui... até o final do meu Curso, quando eu decidi fazer as aulas de violão e já foi bem mais simples compreender o que o professor passava. Depois de já ter também passado por outras disciplinas... e foi isso.

Clara Ferreira nos conta que aprendeu a tocar por total influência de seu pai, e explica como ocorreu:

Então, ele toca um pouquinho, né? Ele repassou o que ele sabia e eu comecei a estudar com as orientações dele. Depois fiquei nessa de aprender músicas que ele me passava...depois eu comecei a ver esses negócios na internet, né? O CifraClub¹⁴ e aí eu comecei a aprender mais músicas, né? Sempre o meu foco foi aprender músicas, então sempre foram acordes pra poder tocar. O foco sempre foi esse.

Clara Ferreira relata que depois recebeu dicas de um guitarrista de sua cidade, que agregaram ao que ela já sabia. Ela conta que não se aprofundou muito no estudo do instrumento, mas que já era o bastante. Ela começou a se apresentar publicamente (profissionalmente) aproximadamente 01 ano antes do ingresso no Curso.

Cinthia Gomes nos relata que ingressou no Curso de Música pelo o processo seletivo do ENEM¹⁵ e explica : “[...] então acontece com a gente que entra pelo ENEM, né? A gente faz a faculdade que passa, mas permaneci por uma escolha.”. Assim, ela nos conta que entrou no curso sem nenhuma experiência com música, nem com o violão e relata que já depois de ingressar no Curso, não teve uma trajetória muito extensa de estudo do instrumento: “[...] Eu

¹⁴Website de ensino de música online de cifras e tablaturas para violão, guitarra, ukulele, piano e outros instrumentos

¹⁵ Exame Nacional do Ensino Médio. Maiores informações disponíveis em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/fazer-o-exame-nacional-do-ensino-medio>

estudava mesmo para as aulas de violão, eu estudava para as avaliações e estudava para o meu próprio aprendizado de violão pra poder pegar o aprendizado de música que eu não tinha.”

Laiany Rodrigues nos conta que começou a estudar violão por conta própria na adolescência, por volta dos 14 (quatorze) anos de idade. Ela nos relata que morava próximo a um tio e primos que tocavam violão e narra como tentava aprender ao vê-los tocar:

[...]Então como a gente tinha uma faixa etária parecida, a gente ficava na calçada ali, eles tocavam e eu ficava observando porque eu já cantava desde a infância, tocava flauta então eu já tinha uma vivência musical e me interessava por aquilo, porque eu tinha vontade de aprender a tocar violão. Então eu ia observando o que eles faziam[...]

Laiany Rodrigues nos conta que uma amiga de sua mãe, tinha um violão velho – empenado, com cordas enferrujadas – e iria desfazer-se dele, mas acabou lhe presenteando quando soube do seu interesse em aprender a tocar. Ela nos conta que até teve problemas devido a má condição do violão, mas não desistiu: “Eu tive até um problema no pulso porque eu tinha que colocar muita força, porque ele tava muito empenado, tava horrível. Mas ainda assim eu tava conseguindo por conta própria, né?” Ela nos descreve como foi aprendendo a tocar, até ganhar o que considera ser o seu primeiro violão:

[...]Vendo coisas na internet, vendo os meus primos, né? Como fazer os acordes... coisas bem simples até que eu ganhei, de aniversário de 15 anos um violão. Um violão Tonante bem simplesinho, mas foi o meu primeiro violão de fato. E aí foi por conta própria, eu ficava ouvindo as músicas que eu gostava e procurava cifras, ia aprendendo a tocar, né? Buscando entender aqueles acordes das cifras que eu tava...por exemplo, de alguma cifra que eu queria aprender.

Assim, Laiany Rodrigues quando ingressou no Curso de Música já tocava violão, e este fato foi um dos motivos de ter escolhido o violão como sua prática instrumental. Além deste motivo, ela explana outros: “[...] eu gostava do instrumento e eu queria na verdade, aprofundar meus conhecimentos no instrumento pra auxiliar na minha prática como professora.”

Rosy Almada nos conta que antes de ingressar no Curso, possuía poucos conhecimentos sobre o violão. Ela nos relata que este foi o seu primeiro instrumento e tocava apenas algumas músicas, mas não tinha aprofundamento no estudo do violão de maneira teórica. Ao ingressar no Curso de Música, ela escolheu o violão como sua prática tanto pela acessibilidade financeira do instrumento, quanto por ver uma possibilidade de trabalhar sozinha, juntamente com o canto. Já participando da disciplina de violão, ela relata que teve

muita dificuldade, porque foi um desafio conciliar a leitura de partitura com o estudo do violão, além de ter que assimilar os conteúdos das outras disciplinas, simultaneamente, do fluxograma do Curso, na época. Ela nos relata da contribuição do professor no decorrer da disciplina: “Ele teve todo um cuidado pedagógico, que eu acabei evoluindo algumas atribuições [habilidades] ao longo da disciplina, então acabei terminando o concluindo os quatro módulos, mas foi assim que se deu. Não foi tão fácil, mas também não foi difícil.”

Jéssica Cisne nos conta que teve contato com o violão no ambiente familiar: “Meu pai tocava violão, né? Então eu cresci ouvindo ele tocando e aí vi o meu irmão do meio ali naquele processo de aprender e de repente eu fui.” Ela nos relata que tentou aprender a tocar, mas que parou muitas vezes porque sentia desconforto nos dedos e chegou a pensar que tocar violão não era algo que condizia com ela. No contexto do Curso de Música, Jéssica Cisne relata que quando ingressou, já conhecia o básico do violão, mas ainda assim se perguntava qual prática instrumental escolheria. Optou, de fato, pelo o violão por já possuir este contato e uma iniciação com o instrumento. Ela nos relata que na disciplina de violão, sentiu muitas dificuldades o que resultou em reprovações, mas que ainda assim, conseguiu concluir os quatro semestres.

Pergunta 2: Participou de grupos artísticos (tocando violão)? Quais?

Rojania Maria nos relata que não chegou a participar de grupos artísticos dentro ou fora da universidade. Myllena Oliveira nos conta que participou da Orquestra de Violões¹⁶ e do grupo 3x4¹⁷, onde os integrantes se dividiam tocando violão e cantando.

Israela Aragão nos relata que participou da Oficina de Violões¹⁸ nos primeiros semestres do Curso: “Eu não tenho mais recordação se foi seis meses ou se foi um ano inteiro, mas participei durante esse período, fora a disciplina.”

Kátia Sousa nos conta que participou tocando violão em um grupo intitulado “Caboclas” formado por mulheres que eram colegas no curso de música e explica como iniciou sua participação:

O violão me levou até o Caboclas, né? Que foi um dos primeiros grupos que eu toquei dentro da universidade. Os ensaios aconteciam lá dentro naquela época, a grande maioria era aluna do Curso ainda e aí as meninas faziam mais a parte de voz

¹⁶Grupo de extensão do curso de música da UFC - Sobral (2017 - 2019), com mais de vinte pessoas e enfoque no trabalho de repertório e apresentações

¹⁷Grupo formado por Bruna Silvino, Jackson Crispim, Myllena Oliveira e Quéren Evódia, com proposta de levar a música acústica a vários âmbitos educacionais, como escolas e universidades.

¹⁸ Grupo de extensão do curso de música da UFC - Sobral (2011 - 2015), criado pelo professor Marcelo Mateus, com enfoque em aulas em grupo e estudo de repertório.

e geralmente quando elas iam tocar, convidavam alguém pra fazer o violão, mas não era uma pessoa fixa. Até que elas decidiram chamar uma pessoa fixa pra tocar o violão e obviamente que fosse mulher e na época o convite veio pra mim, então a prática de violão obrigatório me deu essa oportunidade de entrar no Caboclas.

Juliana Cunha nos diz que participou da Orquestra de Violões na universidade. Clara Ferreira, além de realizar apresentações artísticas com voz e violão, participou dentro da universidade de alguns grupos e eventos artísticos: “Dentro da universidade já tive participação na mostra artística do EncontraMus, no Projeto Nina¹⁹ e...aquela apresentação que a gente fez lá na recepção dos calouros, né? Se não me engano.”

Cinthia Gomes nos fala que não participou de grupos artísticos tocando violão. Ela afirma que participou de poucos grupos artísticos, mas que todos eram voltados ou só para o canto ou para outros instrumentos. Ela cita o nome de 1 (um) grupo, a Oficina de Música²⁰, que estava dentro do fluxograma do Curso.

Laiany Rodrigues nos relata que no momento está focada nos estudos e no trabalho, e não participa de nenhum grupo artístico. Rosy Almada nos conta que participou da Orquestra de Violões por um curto período. Jéssica Cisne nos conta que não participou de nenhum grupo artístico tocando violão.

Pergunta 3: Trabalha ou trabalhou tocando ou ensinando violão?

Na subcategoria da atuação profissional, Rojania Maria nos relata que atualmente não trabalha ensinando violão, mas que teve uma breve experiência como professora de música e violão:

Eu cheguei a fazer um estágio com o projeto Mais Educação na escola. Eu tive que ensinar teoria musical, mas era bem básico mesmo. Isso foi antes do Curso. Então eu lia algumas coisas em livros e ensinava, mas foi o único momento. Hoje eu não ensino violão, eu não tenho uma turma, mas eu tenho duas meninas que me pedem ajuda em alguma coisa de violão. Elas têm violão e eu fiquei até de dar aulas pra elas, só que aconteceu uns imprevistos. Mas eu já tava montando um plano de aula, uns materiais pra dar essas aulas pra elas.

Myllena Oliveira, sobre sua experiência ensinando violão, nos diz: “No ensino de violão eu trabalhei com o infantil, trabalhei na Ivana Sá²¹ ensino básico mesmo de violão”.

Israela Aragão nos relata que nunca trabalhou ensinando aulas de violão e descreve como o utiliza como ferramenta de trabalho:

¹⁹Projeto musical composto por voz, violão e cajon que abrange estilos como Rock, MPB, Sertanejo e Forró.

²⁰Disciplina do currículo 2011.1, no último ano do curso, baseada na prática de conjunto em diferentes formações instrumentais e vocais.

²¹ Escola de Música privada na cidade de Sobral -CE

Eu toco, como já disse, porque preciso tocar pra me acompanhar. Agora estamos em uma pandemia, mas quando eu comecei a dar aulas de canto particular, para acompanhar os alunos nas músicas que eles queriam cantar, no acompanhamento do repertório deles, aí eu tocava para acompanhá-los, mas dando aulas especificamente de violão não.

Kátia Sousa nos relata que trabalhou ensinando aulas de violão antes mesmo de ingressar na universidade. Ela nos conta ainda que ensinava o básico em suas aulas e explica o papel do Curso de Música na sua formação como docente:

O que aconteceu foi que amplia o leque, foi isso que a universidade fez com toda a minha formação. Eu já tocava antes, mas a universidade abriu assim, sabe? Eu consegui ver mais longe, enxergar mais coisas a partir da perspectiva do professor da universidade de modo geral. No caso do violão, foi começar a pensar, por exemplo o instrumento como solista, isso foi uma coisa que eu achei muito bacana, que não me era uma realidade, mas que a partir da universidade, você começa a pensar que “Oh, dá certo fazer isso”.

Juliana Cunha nos conta que começou a trabalhar como professora de violão particular durante o terceiro ano da graduação e até hoje ministra aulas.

Clara Ferreira nos diz que há cerca de 1 (um) ano, antes da pandemia, começou a dar aulas para meninas do coral da igreja, no distrito de Campo Lindo. Ela nos detalha como iniciou:

[...] então a coordenadora lá da capela, a ministra ela decidiu fazer uma compra de violão com o objetivo das meninas do coral aprenderem. E aí como eu já toco lá, eu sirvo lá pra igreja, ela teve a ideia: “Clara, você poderia dar aula pras meninas?” e eu “Tá”, um desafio, né? Porque até então eu nunca tinha dado aula, não sabia nem por onde começar, mas fui. Aí a gente por conta da pandemia deu essa parada, né? E aí a gente não teve como avançar mais.

Cynthia Gomes nos conta que não trabalha ensinando aulas de violão, mas o utiliza como ferramenta de trabalho: “Utilizo dentro da sala de aula principalmente se tratando de musicalização, mas o ensino do violão mesmo eu não tive experiência não.”

Laiany Rodrigues, nos relata que hoje trabalha como professora de música e que utiliza o violão como ferramenta de trabalho nas aulas que ministra:

[...]Então eu trabalho com o ensino de música para crianças desde antes de entrar na universidade eu já trabalhava com crianças e aí o violão tem sido esse suporte, né? Ele, pra mim, é o meu instrumento de aula, então eu canto, eu toco muito em sala de aula com os meus alunos e o violão é o instrumento que eu utilizo todos os dias.

Rosy Almada nos relata que na universidade aprendeu outro instrumento - a viola de arco - que está na modalidade de cordas friccionadas e que se tornou a sua principal prática. Mas, nos relata que teve experiência com o ensino de violão:

[...] mas eu estava antes da pandemia, tendo alguns alunos particulares, né? Que são aqueles sem notório saber... o que abrange a minha qualificação, né, a qualificação básica. Eu estava trabalhando com alguns alunos com o letramento e os primeiros passos no violão, até que eu fui interrompida, entendeu? Mas ora ou outra eu dou uma aula assim[...]

Jéssica Cisne nos relata a utilização do violão como ferramenta de trabalho em suas aulas: “Eu trabalho com o violão. O violão é o instrumento que eu levo pra cima e pra baixo...dou aulas com ele, dou aulas de canto, o que não é muito usual, né? Dou aulas de canto com violão e super funciona.”

Pergunta 4: Qual a sua relação com o violão atualmente?

Rojania Maria nos conta que estudar violão é algo afetivo e terapêutico:

Porque por muito tempo, estar bem e tocar violão significava [a mesma coisa]. Então se eu tivesse bem psicologicamente, tocar fluiria bem, entendeu? Era o meu medidor de humor por muito tempo. E hoje eu vejo como um alivante de estresse, então mesmo que estudar violão seja estressante às vezes, é relaxante também, na mesma proporção.

Myllena Oliveira nos relata que sua relação com o violão é de utilizá-lo como ferramenta de trabalho para auxílio em suas aulas:

Confesso que eu não me vejo violonista. Eu gosto do violão para acompanhamento. Então eu não quis me aprofundar e continuar em violão. Eu uso o violão mesmo para acompanhamento, pra eu ter uma noção maior, pra eu conseguir acompanhar minhas turmas.

Israela Aragão nos fala que sua relação com o violão é de utilizá-lo como ferramenta de trabalho, como acompanhamento nas aulas de canto que ministra. Ela nos detalha o que sente em relação ao instrumento:

Seria muito hipócrita da minha parte, dizer que eu sinto o mesmo prazer tocando que eu sinto cantando, o que não é verdade. Mas isso não quer dizer que eu não gosto do instrumento, gosto bastante, acho um instrumento incrível, gosto de tocar, mas eu não tenho o mesmo prazer do que cantar, mas é óbvio que me ajudou muito no canto, foi um amparo muito importante no canto, ajudou demais.

Kátia Sousa nos conta que agora sua relação com o violão é tranquila e boa, mas que nem sempre foi assim, pois na época da universidade, especificamente a partir do terceiro

semestre, a turma passou por um período conturbado devido a uma substituição do professor da disciplina, que ocorreu no terceiro semestre:

Então a gente vinha bem, teve uma queda no terceiro [semestre] e a gente teve que dar um salto no quarto [semestre] de novo, sabe? Aí eu lembro que a gente teve que fazer uma peça solo, tinha que apresentar no EncontraMus uma peça solo a primeira vez, nossa... foi terrível. Era o terror da turma, sabe? E aí pra tocar você tem que treinar todo dia, só que você cria um trauma e você não consegue. Foi o que me aconteceu ali no muito no quarto semestre. Eu ainda tentei fazer violão cinco, mas acabei desistindo porque de fato não estava dando pra mim, sabe?

Juliana Cunha nos relata que hoje é feliz por saber tocar violão e que sua relação com o instrumento é essencial para sua prática, porque o utiliza na sala de aula e em suas apresentações artísticas de voz e violão.

Clara Ferreira, sobre sua relação com o violão hoje, nos diz: “Minha relação, assim... hoje eu me apresento publicamente em eventos e é mais isso mesmo, relação mesmo profissional, digamos assim.”

Cinthia Gomes nos relata sua relação com o violão: “É bem longe assim, eu tento realmente estudar, eu tento continuar mas é complicado hoje em dia.” Ela nos relata que depois de formada pelo Curso de Música, houve um período em que conseguiu estabelecer uma maior aproximação com o violão; aproximação esta que não teve nem dentro da faculdade. Ela nos diz que hoje é complicado conciliar o tempo que tem para dedicar-se ao estudo do violão e complementa:

“Eu tento bastante ter uma rotina, mas é complicado, é complicado.. tanto que o meu conhecimento de violão, eu percebo que ele vem só decaindo ao longo do tempo assim, desde que comecei a aprender e tive uma leve evolução e hoje em dia precisava treinar mais. Treinar e estudar, né? A gente usa a palavra estudar porque é melhor, na verdade.”

Laiany Rodrigues antes de nos contar sobre sua relação com o violão, explica que ao terminar os quatro semestres obrigatórios da disciplina, sentiu interesse em continuar aprofundando os conhecimentos e por isso, quis dar continuidade nos estudos, na disciplina optativa de violão avançado. Ela nos relata que como não foi possível, optou por outro instrumento que desde então tem sido sua prática principal:

[...] eu queria continuar fazendo as disciplinas optativas de violão, mas o professor Marcelo na época ele não tava podendo ofertar e eu tinha esses créditos de optativas pra fazer e acabei escolhendo flauta transversal e aí aprendi flauta transversal, gostei

e enveredei por aí, né? Fui da orquestra, né? Da OSUFC²². Desde então, minha prática tinha sido mais voltada para flauta transversal[...]

Laiany Rodrigues acrescenta que ainda assim continuou utilizando o violão, mas que sua relação é de o utilizar como ferramenta de trabalho em suas aulas de música atualmente.

Rosy Almada nos relata sua relação com o violão e como o utiliza:

Eu utilizo ele tanto para eu verificar algumas coisas de produção e plano de ensino, né? Para verificar escala e essas coisas, mas mais como ferramenta de trabalho e hora ou outra eu dou uma aula particular. Mas assim, trabalhar só com ele em si eu não trabalho, eu não segui, por exemplo, com a profissão do violão, mas eu utilizo em forma de estudo para músicas da minha aptidão, né? E também para dar algumas ajudas pras pessoas que precisam daquele direcionamento profissional. Mas nada além disso.

Jéssica Cisne nos exprime sobre a sua relação com o violão atualmente:

Hoje eu tenho uma outra relação assim, hoje eu paro pra pegar músicas: “Ah, queria tocar essa música”, vou lá e fico treinando, de vez em quando eu pego ainda. Não é um estudo para ser uma exímia violonista, não é esse lugar. É melhorar o meu acompanhamento, sabe? Basicamente é isso, hoje em dia.

3.2.1 ANÁLISE DA TRAJETÓRIA NO ESTUDO DO VIOLÃO

Na primeira parte da entrevista, através de perguntas voltadas à trajetória musical, buscamos conhecer como se deu a introdução ao cenário musical, o primeiro contato e a relação das participantes com o violão. Consideramos relevante mostrar a história das musicistas e os vínculos musicais que trazem consigo, por estarem de acordo com a realidade em que cada uma está inserida. Ao analisarmos as respostas, percebemos aspectos que nos permitem aproximar e distanciar suas trajetórias no estudo do violão.

3.2.1.1 Iniciação no estudo do violão

Quando perguntadas sobre como ocorreu a trajetória no no estudo do violão, com exceção de Juliana e Cinthia, todas apresentaram falas semelhantes: estabeleceram contato e aprenderam a tocar violão antes de ingressarem no Curso de Música da UFC - Sobral. Rojania, Clara, Laiany e Jéssica estabeleceram esse contato por intermédio de familiares próximos que já sabiam tocar violão. A apresentação ao instrumento destas quatro

²² Orquestra Sinfônica da Universidade Federal do Ceará

participantes, dentro dos respectivos contextos familiares, converge: Rojania Maria foi incentivada a aprender a tocar violão por seu pai, de maneira quase obrigatória, o que não despertou o interesse dela pelo instrumento de imediato. Clara também foi incentivada por seu pai e despertou o interesse pelo violão pelos conhecimentos que lhe foram apresentados por seu pai. Ainda no contexto familiar, a aprendizagem de Laiany e Jéssica foi construída, no início, por meios semelhantes: ambas observavam os familiares tocando ou aprendendo a tocar, e se integravam no ambiente. Assim, podemos considerar essencial a influência de pessoas próximas, principalmente da família, para nutrir o estímulo e desenvolvimento no início da prática de violão destas musicistas. Clara nos diz ter utilizado a internet em sites com vídeo aulas *online* como ferramenta para aprender a tocar, o que se assemelha ao relato de Rojania, Rosy, Myllena e Laiany. Isso demonstra um forte interesse em tocar violão em um segundo momento, já que buscaram por conta própria, meios de continuar aprendendo e praticando. É interessante todas as participantes que já haviam aprendido a tocar violão antes de ingressar no Curso, acentuam que sabiam apenas noções básicas sobre o instrumento, como acordes simples e algumas batidas, o que nos dá a percepção de que quiseram enfatizar que os conhecimentos que possuíam eram muito vagos, comparados aos que construíram após ingressarem no Curso, quando escolheram o violão como prática instrumental.

3.2.1.2 O lugar do violão na atuação musical

Percebemos semelhanças nos relatos, já no contexto do Curso de Música, onde elas nos contam porque escolheram o violão como prática instrumental. Rosy nos conta que o violão é um instrumento acessível, em termos financeiros, o que é compartilhado também por Israela que complementa ser um instrumento de fácil locomoção. Kátia nos relata que escolheu o violão porque viu uma possibilidade de aprofundar os conhecimentos, mas isso ocorreu apenas porque o instrumento que ela tinha interesse em estudar de fato, estava sem professor na disciplina; Laiany vai ao encontro do relato de Kátia, pois nos conta que também queria aprofundar os conhecimentos no violão para auxiliar em sua prática como professora de música. Jéssica e Rojania compartilham que escolheram o violão porque já tinham um contato com o instrumento; Juliana escolheu por ser o instrumento que mais conhecia: observar pessoas tocarem era a sua experiência mais próxima do violão, já que não tinha um.

O motivo mais frequente nos relatos foi o de enxergar o violão como um apoio, para acompanhar outras práticas musicais, principalmente relacionadas à voz. Em contrapartida, Rojania foi a única que expressou ter escolhido o violão na prática por interesse em estudá-lo como um instrumento principal, o que nos revela que a escolha da maioria das estudantes na prática de violão, refere-se a enxergarem uma oportunidade de aprofundamento no instrumento a fim de utilizá-lo como ferramenta de apoio, ou seja, o foco principal ao ingressar na disciplina não consiste no desenvolvimento como violonistas profissionais ou professoras de violão. Assim, esta relação reflete em como trabalham com o ensino de violão: Rojania, Katia e Rosy nos relatam já trabalharem ministrando aulas de violão, enquanto Juliana e Clara, atuam também fazendo apresentações artísticas de voz e violão. Myllena nos relata que já atuou dando aulas, o que nos é interessante, já que mesmo não se considerando violonista, o estudo aprofundado do violão na disciplina lhe possibilitou empenhar o papel como professora de violão. Isto posto, inferimos que, neste contexto, a escolha do violão como prática instrumental, não significou tomá-lo como instrumento e prática musical principal mesmo concluindo os quatro semestres obrigatórios da disciplina. Percebemos ainda que as participantes, em maioria, consideram o violão como um instrumento secundário, o utilizando como aparato para outras práticas musicais, como as aulas de canto e musicalização infantil, bem como para acompanhar a voz em apresentações artísticas. Assim, surge o questionamento sobre a organização curricular da disciplina de violão: a prática instrumental de violão atende aos anseios e necessidades profissionais dos estudantes?

3.3 O violão no contexto do Curso de Música

Pergunta 1: Você tinha vontade de estudar violão na disciplina de prática instrumental?

Rojania Maria nos conta que teve o estímulo de estudar violão no Curso por ver colegas tocando e tomá-los como referência. Ela relata que devido à essas referências que foi descobrindo durante o Curso de Música, se sentiu estimulada já no primeiro semestre, a dar continuidade até o quarto semestre da disciplina de violão. Ela nos relata ainda que outro estímulo foi o professor da disciplina:

Os meus colegas realmente foram os que estimularam, sabe? E o professor também porque o Marcelo sempre acreditou numa coisa que eu nem via em mim. Ele até

disse que me esperava no violão IV²³. Eu estava no violão II ou era no violão I e eu fiquei tipo: “pro IV tem dois semestres ainda. Como assim? Ele já tá me esperando lá.

Myllena Oliveira, nos relata que o estudo do violão na disciplina não era muito prazeroso, porque os conteúdos como a leitura de peças de partitura, eram voltados para o desenvolvimento de violonistas. Ela complementa dizendo ser algo que não gostava e assim, fez porque precisava fazer:

Quando eu entrei [no Curso], eu tinha outra mentalidade do que era estudar violão. Aliás, eu só estudava na internet. E no Curso, como eu já falei, é muito pra quem quer ser violonista. A disciplina de violão é muito pra quem quer ser violonista mesmo, ela é muito formada nesse trabalho e não era o que eu queria. Então, foi me desestimulando ao longo do tempo.

Israela Aragão nos conta que o sentimento era híbrido no que diz respeito à vontade de estudar violão na disciplina. Por um lado, se sentia motivada por descobrir, aprender novos conteúdos e desvendar os que antes eram considerados difíceis. Mas por outro, sentia que na disciplina, achava complicado e ficava um pouco presa aos conteúdos de técnica no violão. Ela complementa: “Óbvio que eu entendo que a técnica é importante, eu sou professora de técnica vocal então é óbvio que a técnica ampara a prática. Mas às vezes eu sentia que a gente era um pouco preso nessa coisa da técnica”.

Outro fator que Israela Aragão nos relata que provocou em certos momentos um desestímulo, foi o repertório, pois apesar de entender que em um curso superior é necessário estudar os mais variados tipos repertórios, ela afirma que não sentia tanto prazer em tocar na disciplina, com exceção de momentos pontuais como a construção de arranjos, que era algo complexo mas um momento onde poderia utilizar músicas que gostava:

O violão é um instrumento popular, né? Ele é bem popular. Praticamente todo mundo conhece alguém que tem um violão, muitas pessoas tocam violão... e eu acho que é importante que ele seja um instrumento popular, inclusive pra gente conseguir fazer valer essa história de que música é uma coisa acessível, que todo mundo pode tocar. Então eu acho que quando a gente tem certos tipos de repertório um pouco mais afastados da nossa realidade, um repertório digamos mais erudito, a gente começa a perder um pouco o prazer de tocar porque você não se identifica com aquilo.

Sobre o estudo de violão, ela complementa: “Eu entendo que a gente não consegue só tocar o que a gente ama lindo e maravilhoso porque a vida não é assim, mas eu

²³ Disciplina de prática instrumental - violão básico: semestre 01 ao semestre 04 (obrigatório); Disciplina de prática instrumental - violão avançado: semestre 05 ao semestre 08 (optativo)

acho que é um sentimento um pouco híbrido... às vezes sim, mas talvez a maior parte das vezes não.”

Kátia Sousa nos fala sobre o contexto da participação de mulheres na disciplina de violão em sua turma: 4 (quatro) mulheres finalizaram os 4 (quatro) semestres da prática instrumental de violão básico. Assim, ela nos relata a vontade de estudar violão na disciplina em duas vertentes: a primeira é a do estímulo que sentiu por parte das colegas de turma:

Olha, eu acho que vontade sempre todo mundo tem, sabe? Tipo a minha turma...tive uma turma muito boa, a turma de 2016. As meninas se ajudavam bastante, sabe? Pra chegar até o final, tinha uma vontade, tipo: “Vamos terminar, vamos coesas, vamos tentar chegar todo mundo junto”, sabe? E acabava que isso dava um gás também.

Por outro lado, elas nos conta as dificuldades que vivenciou na transição da disciplina de violão básico, onde estudara algumas peças solos, para a disciplina de prática instrumental - violão avançado, onde estudava peças em quantidade e nos conta como isso a desestimulou:

Só que quando eu passei e terminei violão IV²⁴, pra ir pro violão V,²⁵ Poucas pessoas continuam, né? Porque não é a parte obrigatória e eu lembro que só tinha eu de menina na turma. Então ficava um pouco complicado, eu tinha de fato muita dificuldade para leitura, porque a gente teve que fazer um salto, né?[...] E é complicado porque é uma outra dinâmica e então pra mim, eu tinha vontade mas eu tinha muita dificuldade na questão da prática, né? E isso acaba desestimulando porque quando você não consegue ver as coisas acontecendo, você acaba perdendo a vontade de fazer, sabe?

Já no violão V, ela nos conta que outro fator que a desestimulou na disciplina foi ser a única mulher na turma e relata suas vivências:

[...] então às vezes chegavam os meninos tocando horrores [tocando muito] então, pra mim eu me sentia às vezes muito inibida por conta disso. E eu não sei se isso é uma opressão que eu sinto, se é uma coisa pessoal, mas parece que tem sempre um olhar um pouquinho mais crítico quando você é mulher e toca violão. Parece que tem sempre alguém ali prestando mais atenção onde você erra e prestando menos atenção onde você acerta, sabe? A impressão que dá às vezes é essa. Eu não sei se isso é uma percepção só minha ou se isso se repete... mas a sensação que eu tinha era essa, sabe? E isso de fato dá uma desestimulada.

Juliana Cunha nos relata que no início não sentia vontade de estudar violão, mas explica porque seguiu adiante na disciplina:

²⁴ Último semestre do violão básico obrigatório no currículo de 2011.

²⁵ O primeiro semestre da disciplina de violão avançado - optativo.

[...] por mais que, não que isso viesse exatamente do professor, mas eu não entendia como uma disciplina que tem muitas pessoas, se mais pessoas sabem, às vezes o conteúdo vai pra essa maioria, mas uma minoria às vezes não é tão contemplada assim. E foi um pouco do que aconteceu, eu não sentia vontade de aprender, mas eu precisava me formar...aí a gente vai atrás. E aí depois, quando eu fui buscar mesmo, depois de um pouquinho de trauma e aí a gente vai aprender.

Clara Ferreira nos conta que, especificamente no último semestre da disciplina de violão básico, não conseguiu desenvolver-se tanto na leitura de partituras, porque o seu foco no estudo do violão sempre foi voltado ao repertório de música popular. Ela complementa que estudou repertório de música popular na disciplina, mas devido à demanda do Curso e de outras disciplinas, não conseguiu dar muito enfoque ao estudo. Quando perguntada sobre a sua vontade de estudar violão na disciplina, Clara Ferreira nos diz:

Não, na verdade, como é meu único instrumento, né? Em nenhum momento passou pela minha cabeça, tipo, mudar de instrumento, né? Eu queria ficar nele mesmo, apesar de às vezes: “Meu Deus, que coisa difícil!”, mas pensar mesmo em mudar... eu nunca pensei. Então “Não, eu vou ficar aqui porque esse é o meu instrumento, é o que eu sei, é o instrumento que eu tenho em casa... então eu vou ter como estudar”, né?

Cinthia Gomes nos conta que não tinha muita vontade de estudar violão na disciplina e nos relata um pouco sobre o que sentia a respeito:

A disciplina, você [Ana Jakeline] que é aluna do violão sabe, a disciplina é super técnica e por mais repertório que ela pudesse trazer, mais repertório popular que ela pudesse trazer, a técnica eu sempre achei bem chata, pra falar a verdade. Na verdade toda técnica de qualquer conhecimento científico ou não é bem chata, né?

Assim, Cinthia Gomes nos explica que percebeu estímulos externos vindo das pessoas, como o professor, mas sobretudo, quando pensou em desistir da disciplina de violão, percebeu estímulos dos colegas de turma para que repensasse a possibilidade. Ela nos explica porque na época pensou em desistir e que hoje pensa diferente:

[...] foi um pensamento que ocorreu em determinado momento porque é um instrumento, ele precisa de um tempo de dedicação e eu não tinha tido, que eu acredito que pudesse ser melhor se eu tivesse tido antes da faculdade, né? Mais cedo, mas enfim... hoje em dia eu sei que eram ideias bem equivocadas e que provavelmente se eu tivesse realmente estudado mais, melhor...hoje em dia eu sei que eu teria um técnica melhor e tocaria melhor, na verdade, essa é a questão.

Laiany Rodrigues nos conta que sentia vontade de estudar violão na disciplina, tanto é que queria dar continuidade aos estudos na disciplina de prática avançada, optativa. Ela nos diz: “nas disciplinas de violão eu pude ter uma outra visão do instrumento que até

então eu não tinha, porque a visão que eu tinha era de acompanhamento, né?”. Laiany Rodrigues nos descreve ainda outras descobertas que fez ao ingressar na universidade, especialmente, na disciplina de violão:

[...] então eu não tinha conhecimento por exemplo desse mundo do violão erudito, do violão solado, do violão tocado em grupo, de arranjos pra grupos de violões, né? Que eu gostava muito na disciplina era justamente como, inclusive coisas que a gente aprendia nas disciplinas de percepção e solfejo eram aplicadas ali, porque a gente tinha que ler os arranjos, né? A partitura. E aí eu não conhecia essa perspectiva de por exemplo, você dividir o arranjo ou até mesmo a mesma melodia entre vários naipes de violão e aí cada naipe, cada estudante fazia a sua melodia ou tocava a sua parte dentro do arranjo de acordo, inclusive, com o seu nível no instrumento, né? Então, como professora em formação na época, eu achei isso muito estimulante, né?

Laiany ainda complementa que o estudo da técnica no violão foi outro elemento que a estimulou na disciplina e que muitos conteúdos estudados agregaram à sua formação como professora de música:

[...]então tudo isso... questões técnicas também no instrumento, que até então eu não tinha conhecimento... então tudo isso me estimulava muito sim a querer aprender cada vez mais e... como eu já queria ser professora e já era, isso também ampliou pra mim essa possibilidade, né? Em relação aos arranjos, não só no violão mas em outros instrumentos também porque eu trabalho com flauta doce também, então eu pego essa mesma perspectiva para trabalhar com os meus alunos, né? Pegar um arranjo e trabalhar esse arranjo colocando cada estudante para tocar dentro das suas potencialidades, né? Então... bem bacana.

Rosy Almada nos reforça as dificuldades que ela e alguns colegas de turma, sentiram durante a disciplina de violão:

Alguns alunos passaram por algumas questões mesmo de... sentir dificuldade na forma que era passado, porque assim... não que o professor Marcelo seja um professor assim muito rígido: ele é rígido, mas também se você não se dedicar totalmente ou dedicar muito tempo pra disciplina de violão, isso naquele momento da matriz curricular, você se perdia. E era muito conteúdo, muito conteúdo. Eu entendo que o nosso período de formação é comprimido, né? Mas foi tudo muito rápido e pra mim que estava iniciando o violão, foi um pouco dificultoso.

Rosy Almada complementa que uma das maiores dificuldades com que teve que lidar, foi a cobrança excessiva que fez a si mesma: “[...] porque às vezes eu não conseguia acompanhar... muitos alunos conseguiam acompanhar porque já tinha alguma coisa na música... eu tive dificuldade de acompanhar o nível da turma, entendeu?” Ela nos conta que apesar de melhorar no decorrer dos semestres, as dificuldades no violão a fizeram ter contato com a viola de arco. Ela complementa dizendo que apesar das adversidades, a experiência com o violão não foi traumática e que gosta de tocá-lo:

[...] sempre eu tento...que eu preciso estudar, de vez em quando eu pego nele pra pegar uma partitura...eu consigo de boa, mas aquela aptidão que eu tinha antes de ficar toda hora “pa, pa, pa” tocando...meio que ficou um pouco de lado. Eu não sei te dizer se é por conta da cobrança de acertar e não se permitir errar ou se foi uma questão mais de trava minha, entendeu? Porque eu acho que eu precisava de mais tempo para absorver o violão. E acabou que foi acontecendo as coisas e eu acabei indo... terminando os quatro módulos e seguindo em outro instrumento e... não, eu não fiquei mais feliz no outro instrumento; acabou que é a mesma coisa: o estudo é necessário.

Jéssica Cisne nos fala que se sentiu desestimulada no decorrer dos semestres e explica como foi estudar violão na disciplina ao longo dos semestres:

[...] o primeiro semestre foi lindo, assim, porque era bem o básico que eu sabia, né, ainda aperfeiçoei com escalas, então consegui passar; só que a partir do segundo semestre começam peças e começam outras coisas mais elaboradas e aí começa uma grande dificuldade pra mim porque eu começo também a trabalhar, em horário[...] comercial de quarenta horas numa instituição, não tinha tempo pra estudar e comecei a me dar muito mal no violão, tanto que eu acho que eu reprovei umas duas... eu não lembro se foi o [violão] II e o III...sabe?

Ela nos explica sobre sua vontade de estudar violão: “[...]eu não queria, não era algo como a voz que eu estudava e queria estudar mais, e queria estudar mais... violão não era esse lugar. Mas aos trancos e barrancos, eu fui lá e terminei. Pós faculdade eu fiquei uns dois anos sem tocar, do trauma”. Ela nos explica ainda que não gostava de estudar violão na disciplina porque considerava alto o nível de dificuldade, além de não ter tempo para se dedicar e, nos descreve outros segmentos que a desestimularam:

[...] tinha uma outra coisa também que...como a gente... eu sou da primeira turma, né? O Marcelo também estava iniciando nesse processo, muita coisa foi se modificando, então no começo teve esse nível, só que depois ele subiu o nível muito fortemente pra mim, por exemplo, e aí eu acho que foi uma das coisas que me desestimulou. Por ser também uma das que menos sabia na sala, porque a maioria dos meninos que estavam lá, eu acho que eu era...eu sempre estudei com uma ou duas meninas no máximo... e eu sempre era assim, médio pra ruim; sempre tinha gente muito melhor.

Ela nos relata que não se considerava violonista e que o direcionamento da disciplina de violão não lhe favoreceu:

E lá eu acho que, no Curso, a proposta era muito violão solo. Tinha as partes de acompanhamento, mas como eu te disse: era mais pra trabalhar essa técnica, mas não era estimulado: “Vamos fazer aqui uma roda e todo mundo... o que é que você vai cantar e tocar...se você canta e toca...”. Eu sentia falta dessa junção, sabe? De você ver, por exemplo, de um olhar sensível e dizer: “Olha, acho que ela gosta de cantar”, então juntar as duas coisas, né? De repente estimular, de... em vez de ser uma prova com a peça solo, que eu não me imaginaria sendo violonista... acho

importante você passar pela a experiência, mas de repente focar em algo que fosse... que eu fosse me estimular mais.

3.3.1 ANÁLISE: O VIOLÃO NO CONTEXTO DO CURSO DE MÚSICA

Na segunda parte da entrevista, as perguntas foram direcionadas ao estudo de violão que ocorreu dentro da disciplina de violão, onde buscamos através dos relatos, compreender as percepções das participantes quanto ao incentivo ao estudo do violão no contexto do Curso de Música da UFC - Sobral. Destacamos que a partir desta categoria, as respostas serão abordadas em ordem cronológica, de acordo com o ingresso das participantes no Curso, para um maior entendimento da análise.

3.3.1.1 Percepções sobre os conteúdos abordados e o estímulo na disciplina de violão

As respostas se aproximam e se distanciam em alguns pontos. Cinthia e Jéssica (ambas da turma de 2011.1), nos contam que não sentiram muita vontade de estudar violão na disciplina. Cinthia diz que na disciplina, os alunos estudavam repertório popular, nos dando a entender a abordagem deste conteúdo como um ponto positivo; mas na parte técnica do violão, não se configurava como algo prazeroso de estudar. O relato de Jéssica se assemelha, já que ela deixa bem claro o desestímulo que sentiu durante a disciplina a ponto de, após concluir, passar cerca de dois anos sem tocar violão, devido a experiência que considera traumática. O discurso de Jéssica nos recorda bastante o de Israela, (da turma de 2012.1 e 2017.1) e o de Myllena (da turma de 2017.1), que afirmam que os conteúdos voltados para o desenvolvimento de violonistas - como o estudo de leitura de partituras para violão solo e o estudo de técnica - foram um dos fatores para que esse desestímulo tenha ocorrido, visto que elas não se enxerguem como violonistas e algumas delas, como Israela e Cínthia sentirem a disciplina muito voltada para a técnica do violão. Israel traz à tona outro fator que considera como desmotivador - o estudo do repertório erudito - que não lhe despertava interesse em tocar violão. Clara (da turma de 2019.1) não afirma ao certo se se sentia estimulada ou não a estudar violão, apenas que no quarto semestre da disciplina, não desenvolveu-se como desejava na leitura de partitura, porque seu foco desde o início era tocar repertório popular de acompanhamento. Por outra vertente, Laiany (da turma de 2012.1), relata que na disciplina, passou a ter um olhar amplo sobre a função do violão, a partir de conteúdos como o violão solista, o violão tocado em grupo e arranjos para grupos de violões - o que também agregou à sua formação como docente. Discurso que se assemelha ao de Kátia (da turma de 2016.1) que,

especificamente na disciplina de violão, teve uma dimensão maior das possibilidades de atuação do violão, a partir do estudo de leitura de partitura para violão solista, e que isso refletiu positivamente no modo como passou a utilizá-lo; o que acrescentou também à sua formação como docente. Na segunda parte da entrevista, as perguntas foram direcionadas ao estudo do violão já dentro do Curso de Música da UFC - Sobral.

Podemos relacionar o estímulo de estudar violão na disciplina com a afinidade que cada estudante tem com os conteúdos abordados, e que isto pode interferir positivamente ou não no aprendizado das estudantes. As estudantes são motivadas a aprender violão por seus objetivos pessoais que trazem com suas vivências anteriores e de acordo com suas realidades, ou seja, demonstram empenho maior em executar conteúdos com os quais se identificam, o que nos leva a entender porque algumas temáticas - como o estudo da técnica no violão e do repertório erudito - parecem tão interessantes e essenciais para algumas que querem ter um aprofundamento para atuação como docentes, mas “chatas” e inconsistentes para outras que querem desenvolver o estudo do repertório popular que gostam.

Observamos uma semelhança nos relatos acerca do estímulo de Cinthia e Rojania (da turma de 2019.1), estudantes da primeira e última turma pesquisada de violão do Curso de Música, respectivamente. Ambas mencionam que tanto o professor da disciplina quanto os colegas de turma, foram estímulos importantes para o rendimento na disciplina. Cinthia recebeu estímulo do professor e colegas de turma para dar continuidade e concluir a disciplina, enquanto Rojania recebeu estímulo dos colegas, quando os tomou como referência ao vê-los tocar e, estímulo do professor quando este lhe falou que já a esperava na prática de violão avançado, quando ela ainda estava no primeiro semestre do Curso.

Por outro lado, Juliana (da turma de 2013.1), ao ingressar sem nenhum conhecimento musical formal prévio, sentiu desde o início muitas dificuldades, vindo a reprovar a disciplina mais de uma vez. Para conseguir acompanhar os conteúdos da disciplina, teve que buscar por conta própria, outro espaço da universidade onde pudesse ser instruída acerca dos conhecimentos iniciais e básicos do violão. Na Oficina de Violão, portanto, foi onde aprendeu a tocar e apenas depois dessas instruções, decidiu dar continuidade e cursar a disciplina de violão. O relato de Juliana nos faz refletir sobre o acolhimento de estudantes que não possuem nenhuma iniciação musical formal prévia ao ingressarem no Curso de Música,

especialmente, na disciplina de violão. Assim como Cinthia, Juliana aprendeu a tocar violão no curso e, mesmo que ambas estivessem nas mesmas circunstâncias nesse sentido, a receptividade na disciplina de violão teve papel fundamental no desempenho de ambas. Cinthia, como afirmou em seu relato, não possuía “muita vontade” para estudar violão, mas conseguia em certo nível, acompanhar os conteúdos propostos e, concluiu a disciplina com a ajuda do professor e colegas de turma. Enquanto no caso de Juliana, a falta desse amparo somado à dificuldade em assimilar os conteúdos propostos na disciplina, afetou o rendimento no estudo do violão e conseqüentemente, na disciplina por alguns semestres. Acreditamos que tanto a maneira de acolher e o apoio advindo do professor, quanto a maneira de se relacionar com os colegas de turma na disciplina, pode interferir diretamente no rendimento das estudantes, de modo a lhes trazerem um melhor aproveitamento da disciplina.

Ampliando a discussão, surgem reflexões sobre o acolhimento que o Curso faz aos ingressantes. O Curso torna-se mais acessível por não exigir teste de aptidão para admissão dos estudantes ou é acessível quando possui prontamente um acolhimento aos ingressantes, especialmente os que não possuem uma iniciação musical formal prévia? Observando por outra vertente, um curso que não exige teste de aptidão para o ingresso pode estar tratando os seus estudantes como se já tivessem uma iniciação formal prévia, desconsiderando os alunos em maior dificuldade?

3.4 A mulher na Prática Instrumental - Violão

Na terceira parte da entrevista, as perguntas foram direcionadas à percepção das entrevistadas sobre a participação de mulheres na disciplina de prática instrumental - violão, no Curso de Música da UFC - Sobral.

Pergunta 1: Dentro das disciplinas de prática instrumental-violão, você percebeu algum tratamento diferenciado por ser mulher?

Ao perguntarmos sobre, Rojania Maria nos relata que percebeu em certa situação um tratamento diferente de colegas à uma colega de turma e como reagiu:

Por parte do professor não... por parte dos alunos sim. Por parte dos alunos eu já vi uma situação de acharem que eu ia reprovar porque eu estava fazendo dupla com uma mulher. Chegaram e falaram assim: “Tu vai fazer dupla com essa menina? Tu vai é reprovar”. E eu ganhei dez nesse semestre... achei um vacilo tão grande! Foi tão impactante no dia que esse menino fez esse comentário, que eu nem soube o que responder. Por quê? Fazer com ele ia me trazer uma aprovação? Eu não acho.

Ela nos conta ainda que preferiu fazer a avaliação com a colega porque houve empatia e uma troca de experiências entre elas ao estudar os conteúdos, e diz: “Coisa que eu não via com os meninos: eles têm o tempo deles e eles vão trabalhar no tempo deles. E tipo, cada um se vira ali. Não tem essa de ‘Ah, vamos esperar.’”

Myllena Oliveira, quando perguntada sobre perceber algum tratamento diferente na disciplina por ser mulher, nos diz: “Não. Nunca senti um tratamento diferente não...acho que foi bem igual pra todos. Só me senti um pouco excluída, né? Por ser uma das únicas mulheres dentro da turma, mas fora isso não.” Ela afirma que o professor Marcelo sempre foi muito aberto a ajudar, mas que se sentia à vontade mesmo com uma mulher, que no contexto era sua colega de turma.

Israela Aragão nos relata que ser mulher fazendo música é algo desafiador, porque primeiramente quando ingressou no curso, sentiu que havia uma cultura de rotulação: “[...] eu entrei na música pelo canto, aí já te colocam numa caixa de que você ‘é só cantor’. Como se ser cantor não fosse uma coisa importante, como se a música não começasse pela voz, mas tudo bem.” Outro fator que Israela Aragão nos conta é o de a disciplina de violão ser majoritariamente composta por homens. Nesses ambientes, quando uma mulher costuma explicitar opinião sobre algo, é mal vista. Assim, ela narra uma situação de um tratamento diferente que percebeu:

[...] Quando você tem uma mulher que toca, parece que as pessoas encaram como se tivesse alguma coisa fora do lugar. Aconteceu uma vez, por exemplo, não com os meus colegas de turma, mas com um outro colega de eu comentar que eu já tinha terminado um instrumento e: “Ah, fez que instrumento?” “- Fiz violão, já terminei” “-Ah, pois toca aí pra eu ver se tu sabe tocar”. Esse comentário não seria feito para um homem. Como nunca foi feito, eu nunca presenciei esse comentário sendo feito para um homem. Eu nunca vi um colega precisando tocar a escala ou um acorde com sétima, ou seja lá o que for, pra demonstrar que ele sabia tocar.

Além desta, ela relata outras situações que vivenciou ao ingressar no curso:

[...] quando eu entrei na Música, me sugeriram todos os instrumentos que tu possa imaginar, menos o violão; menos os instrumentos ditos masculinos. Então “Ah, faz violino, porque combina com você, combina com a sua imagem”, “Ah, faz flauta porque combina com você, combina com a sua imagem”. Ninguém disse “Faz violão”, sabe? Se a gente tivesse bateria no curso, ninguém ia dizer “Faz bateria”.

Ela complementa que a experiência como uma mulher dentro da disciplina de violão foi tranquila na medida do possível, mas que vivenciou algumas experiências onde se sentiu silenciada e não pode opinar ou que sua opinião foi levada para outro viés:

[...] me senti um pouco silenciada, um pouco chateada, um pouco constrangida, mas entendo que essas coisas vêm de uma raiz de uma educação muito ainda voltada para os homens não estarem acostumados à mulheres questionando determinadas coisas e, quando eu digo questionando eu não tô falando de você desrespeitar ninguém, de você se colocar acima de figura nenhuma, sobretudo de professor; eu tô falando de você realmente dizer “Olha, eu não concordo”, de você ser assertiva: “Poderia ser assim?” , “Eu gostaria de fazer desse jeito”, “Eu não me sinto à vontade dessa forma”.

Além desta, ela narra outra situação na disciplina de violão por parte de um professor:

[...] Como eu já passei, por exemplo, de um professor substituto do violão chegar aleatoriamente, no primeiro dia de aula dele, se apresentar pra turma, chegar pra mim na frente de todo mundo e falar que eu deveria ter escolhido outro tom pra cantar a música [...] sendo que o tom que eu tinha cantado tava ok, tinha dado tudo certo, tava tudo bem [...] então assim, chegar e dar uma opinião, que é uma coisa que eu jamais... eu jamais chegaria pra um homem que é violonista e diria “Olha, eu acho que você deveria tocar essa música em outro tom, porque eu acho que ela não funciona desse jeito, porque eu não gostei do que eu ouvi”.

Kátia Sousa, quando perguntada se percebeu algum tratamento diferente por ser mulher, afirma que na prática de violão básico, não. Em relação à disciplina de violão avançado, ela expressa:

Eu não...é... é difícil falar porque eu nunca conversei com outra mulher que fez violão V, por exemplo. [...] Então é até difícil de falar se outras foram tratadas de forma diferente na disciplina ou não. Mas o que eu percebo é que... não sei, parecia... pra mim era a questão da inibição, sabe? Sempre tem esse olhar que é um pouquinho mais crítico, como se tivesse uma exigência a mais, como se eu tivesse que fazer dois degraus a mais por ser mulher.

Juliana Cunha nos fala que não sabe ao certo se sentiu um tratamento diferente por saber menos ou por causa do seu gênero e acrescenta:

Eu senti mais por realmente chegar ali sem saber de nada e ver muita gente tocando, a maioria homens, né? Posso dizer que sim, a maioria das pessoas que participavam na disciplina são homens, eram homens também no meu tempo... se não me engano só tinha duas mulheres, mas questão de me sentir menor por ser mulher... não. Talvez eu me sentia realmente excluída só por saber menos, por não conseguir me encaixar dentro dos que sabiam mais, dos que já tinham uma vivência no violão.

Clara Ferreira nos diz que nunca tinha visto mulheres tocando violão de perto, mas que no momento que ingressou no curso, teve este contato: “Então assim, no momento em que eu entrei, eu senti assim: ‘Nossa, tem mulheres’. Então de certa forma eu me senti

representada, sabe? ‘Nossa, não vai ser só eu, tem mais meninas ali’”. A respeito das adversidades na disciplina e de perceber um tratamento diferente, ela nos descreve:

[...] falando um pouco das dificuldades, eu não encontrei nenhuma, mas a questão mesmo é só de se deparar com a grande quantidade de homens, principalmente na disciplina de violão, né? A gente sabe que tem poucas meninas, mas eu ficava: “Nossa, só eu”... no caso quem terminou na turma comigo foi só eu e a Rojania, se eu não me engano. Tipo assim: “Nossa, só nós duas”, né? Eu fiquei pensando... só nós duas... é isso aí.

Cinthia Gomes nos revela sobre o contexto de sua turma na disciplina de violão, que foi a primeira turma do Curso de Música da UFC-Sobral: ela relata que na época percebia apenas que, de fato, era a única mulher assídua entre as que participavam da disciplina:

E de assídua de mulher, eu era a única nesse grupo que era pequeno, mas eu era a única mulher. Para mim, não foi uma questão na época eu ser a única mulher, mas hoje em dia depois de amadurecimento, eu entrei com dezessete anos na faculdade, então assim, depois de amadurecer ideias, depois de pensar sobre o assunto, na verdade ela é só o reflexo de tudo que tava acontecendo, né? Ao redor, na sociedade inteira, né?

Cinthia Gomes nos conta que na época, não construiu problematizações em situações que hoje questionaria:

E assim, hoje eu vejo que coisas que não eram questões na época, na verdade foram coisas que afetaram diretamente, por exemplo: eu nunca me considerei boa no violão, mas sabe aquela sensação de ser esperado eu não ser boa no violão? Entre aqueles homens que além de experiência, eles eram mais velhos e... eram homens, sabe? Era esperado que eu não soubesse. Era esperado que eles me ensinassem em determinado momento... isso tudo eu vejo hoje.

Ademais, Cinthia Gomes nos afirma que muitas dessas situações vivenciadas, como ouvir ideias e brincadeiras que não gostava, aconteceram com ela por ser a única mulher em meio a vários homens e relata, com mais detalhes, essas situações que passaram despercebido na época:

[...] Muitas das coisas que aconteciam: coisas de que era esperado que eu não soubesse, como eu falei, era esperado que eu ouvisse as brincadeiras calada, era esperado que, como eu falei também, alguém me ensinasse, alguém deles tava na posição de saber mais, ser melhor, me ensinar enfim, e eu mesma também fazia determinadas coisas: pensar que, sei lá, conhecimentos mais avançados eu tinha que ir procurar um homem. Quando entrou, em determinado momento, uma mulher que sabia tocar, eu mesma não ia procurá-la, sabe? Assim, uma questão de.. é uma coisa que tá dentro da gente e é difícil tirar.

Laiany Rodrigues nos explica que em sua turma de violão, havia poucas mulheres na disciplina e que boa parte delas não deu continuidade, permanecendo apenas 2 (duas) na disciplina: “[...] entraram comigo, eu acho que mais umas três ou quatro alunas na disciplina de violão, e aí quando foi no decorrer das disciplinas de violão elas foram algumas desistindo, algumas trancando, algumas desistiram do Curso [...]” Assim, Laiany Rodrigues afirma que o fato de ser mulher em um ambiente majoritariamente masculino tem alguns complicadores:

[...] Porque a gente sabe por uma série de questões, de razões que o meio musical ele é majoritariamente masculino, né? Então os homens de certa forma têm acesso a algumas coisas que muitas vezes a gente não tem, né? Então talvez eu tive oportunidade de ter contato com o violão porque eu tinha os meus primos, mas os meus primos, eles tinham acesso a isso de uma forma muito mais ampliada do que eu.

Laiany Rodrigues nos relata que dentro do contexto do Curso, onde também há poucas mulheres, a visão que sente que existe em relação às mulheres: “é como se você...tipo assim, não sabe tanto quanto eles, não saca tanto de harmonia, não saca tanto disso daqui”. Ela exemplifica, narrando uma situação que vivenciou com alguns colegas de Curso de Música, na disciplina de Análise:

[...] a gente fez a prova e na aula seguinte eu faltei e fui receber minha prova e eu vi os meninos conversando, os meus colegas... essa disciplina mais uma vez, éramos só duas mulheres[...].E aí eles me perguntavam... eu ouvia eles falando: “Ah, a prova tava muito difícil... fulaninho foi quem tirou a maior nota, ele tirou sete...” e eu aqui calada, quando alguém me perguntou “Ei, Laiany, quanto foi a tua nota?” E eu: “Ah, foi nove”. Eles ficaram em silêncio porque eram todos homens e tipo : “Ah, fulaninho, que era tido como o bambambam, tecladista, pianista, tocava muito, sacava muito de harmonia” e no caso, naquele momento ali, mesmo sendo a única mulher eu consegui mostrar pra eles que não era bem assim, e me destacar.

Na disciplina de violão, Laiany Rodrigues também relata que percebia um tratamento diferente por parte de colegas de turma em relação à ela, mesmo que não fosse propositalmente:

[...]Então eu percebia de alguma forma dos meus colegas, talvez não fosse uma questão consciente ou fosse, mas uma certa... de início por não me conhecer, uma certa dúvida, né? Ou então um descrédito. Porque alguns já eram músicos profissionais, e alguns guitarristas já tocavam muito bem, né?

Rosy Almada nos relata que na disciplina de violão, sua turma tinha poucas mulheres e que não se recorda de alguma delas ter se firmado como violonista: “[...]porque a

maioria das meninas se interessava mais pelo canto, mas por ser mais repleta de homens, a disciplina se tornava meio...desproporcional[...]. Ela nos explica:

[...] em questão de posicionamento, eu não tive esse problema, mas a Alice e a Israela tinham a mão pequena, tá entendendo? E elas tinham dificuldade de ter a velocidade, de posicionamento da mão e também a questão de por ser mais homens, aquela coisa: a gente sempre quer ficar mais com as meninas, entendeu? E não tinha tantas meninas assim...não deu pra fazer uma coisa diferenciada.

Dado este contexto, Rosy Almada nos relata que não sentia um tratamento diferente na disciplina de violão por parte do professor: “na questão de mudança entre homem e mulher, eu não senti nenhuma. Pra mim ele foi bem gênero, bem neutro.” E explana:

O Marcelo sempre foi muito assim...cuidadoso nessa questão, né? Porque por se tratar de poucas mulheres no violão, ele sempre tentou e conseguiu, né, deixar a disciplina mais leve num aspecto de, por exemplo, dar mais atenção, né? Porque na nossa turma, a gente sentia: eu, a Alice, a Israela, a gente tinha um pouco de dificuldade, né, de velocidade para aprender e tinha uma parte dos meninos que tocavam mais...mas a questão do Marcelo, por exemplo, numa prova se a gente precisasse de uma aula extra ou coisa assim, ele era totalmente disposto, entendeu?

Rosy Almada nos relata situações que presenciou fora da sala de aula, com colegas da turma de violão:

[...] os meninos sempre se encontravam em frente ao RU²⁶. O violão... começavam a tocar lá, né? E por exemplo, muitos tocam muito, sabe? Já tocam há muito tempo, e naquele momento ali eu estava aprendendo ainda, eu tinha todas as inseguranças do mundo, né? Aí quando a gente pegava o violão pra tocar o pouco que a gente sabe, o que canalizou naquele pouco momento de violão, por exemplo, no primeiro semestre, eles... não que isso fosse da forma negativa, mas eles meio que falavam: “Ei! Erros! Tem que estudar” e isso meio que pressiona mais ainda a gente, sabe?

Jéssica Cisne nos conta que, na época de estudante do Curso de Música, tinha o pensamento voltado para um embate entre ela e o violão, mas não fazia reflexões sobre ao relacionamento com as pessoas ao redor e examina:

Mas se você for parar pra analisar...eu acho que o fato de todo mundo, eu sempre achava que todo mundo na sala era melhor do que eu, eu tava sempre um nível abaixo porque parecia que quem escolhia o violão já tocava antes e já fazia, entendeu? Enfim, eu acho que pela a representatividade mesmo, sabe? Não ter outra *mana*²⁷ ali, que chegasse e destruísse no violão, que era referência...era sempre masculina, sempre eram os meninos que assumiam esse lugar de instrumentista, né? E eu acho o curso extremamente machista nesse lugar, né, das mulheres que são instrumentistas já terem ali uma... sei lá, uma desconfiança, né?

²⁶ Restaurante Universitário da UFC Sobral

²⁷ Termo que a participante (Jéssica Cisne) utiliza de maneira carinhosa para referir-se a outras mulheres. Abreviação similar a “hermana”, do espanhol.

Jéssica Cisne nos relata sobre situações muito desconfortáveis que vivenciou no Curso, e que posteriormente, as reflexões que fez sobre essas vivências a impulsionaram a escrever sua monografia relacionada a questões de gênero e feminismo:

Então quando eu fui me *ligando* disso, né? Quando eu fui ganhando consciência desse processo, a gente foi começando a cantar isso, né, no Caboclas, que me levou a fazer um trabalho sobre isso. É meio que você vai abrindo a sua percepção de coisas que você escuta, de assédio... eu sofri assédio de professores... de professor, né, foi de um professor da UFC e... enfim, extremamente pesado, sabe? Ainda hoje eu escuto histórias de pessoas: “Ah, fulana que tá no curso”, de comentários de colegas. Tem muita gente assim... sabe, cheia de preconceitos e questões.

Em outro momento, ela complementa: “Então eu acho que a reflexão é mais sobre a representatividade, de não ter... do que assim, a dificuldade por ser mulher e estar ali dentro da sala... eu pelo menos na época, não fazia esse tipo de reflexão.”

Pergunta 2: Você se sentiu à vontade para tocar violão em outras disciplinas e atividades do curso?

Rojania Maria nos conta que hoje se sente à vontade, porque com o decorrer dos semestres foi ganhando segurança, que hoje sente um apoio maior dos colegas, e se sente confortável tocando com eles. Mas também nos conta que no início não foi assim:

Os meus colegas hoje, eu me sinto mais confortável com eles, sabe? Um conforto muito maior, um apoio muito maior, então eu não sinto esse problema, mas nos primeiros semestres era pesado. Tipo, até improvisar uma coisa simples era meio complicado porque os caras chegavam e mostravam tudo o que sabiam em um só minuto. E aí, eu cheguei sem saber nada, e dava passos lentos, né? Eu tinha muito esse problema.

Myllena Oliveira nos conta: “Não. Tiveram algumas disciplinas que eu toquei violão, mas porque não tinha outras pessoas e eu tinha que tocar, mas não que eu me sentisse à vontade pra tocar porque eu não queria tocar.”

Israela Aragão nos diz que quando terminou as disciplinas de violão, passou um ano sem tocar no instrumento e costuma dizer em tom de brincadeira que é devido ao trauma. Ela complementa afirmando que sabe que isso tem a ver mais com experiências dentro do curso do que de fato com o violão. Assim, Israela Aragão nos fala que não se sentia e até hoje não se sente à vontade para tocar violão e explica o porquê:

Não me sentia à vontade por “n” motivos. A gente sabe que no meio musical existe uma coisa de ego muito grande, né? Parece que se você não estiver fazendo música pra competir com outra pessoa, você não tá fazendo música e, a minha intenção no Curso de Música não era competir com ninguém, era aprender a fazer música,

aprender algo além do que eu já sabia, que eu tinha noção que era pouco, mas eu que também sabia que eu poderia aprender.

Ela nos conta que não se sentia à vontade para tocar principalmente em processos avaliativos, porque não se vê como uma instrumentista. Ademais, ela acrescenta que não se sentia à vontade devido também aos julgamentos que sentia acontecer dentro do Curso:

O nosso Curso, infelizmente, eu sei que não sou só eu que tenho essa leitura, mas o nosso Curso tinha muito sim uma questão de quem são as pessoas que sabem fazer as coisas, né? Então, se o fulano de tal é bom cantando, é só ele que canta. Se o fulano de tal é bom tocando, então só ele que toca. Aí a galera que parte como eu, do nada, ou então do meio do caminho, [...] você pegar uma pessoa que nunca tocou e fazer ela se sentir à vontade para tocar na frente de outras pessoas que tocam há quinze, vinte anos...[...] é muito discrepante.

Kátia Sousa nos conta que se sentia à vontade para tocar violão em alguns espaços, mas em outros não. No grupo Caboclas, composto apenas por mulheres, ela diz que se sentia acolhida e por isso se sentia à vontade para tocar. Outro espaço em que ela afirma ter se sentido confortável foi nas próprias aulas, apesar de o professor colocar os alunos à prova:

[...] eu lembro que no violão V eu cheguei a tocar; por exemplo, ele [o professor] chegava e dizia assim: “Não, cadê as peças de vocês? A gente vai agora ali pra frente do antigo RU²⁸ e a gente vai tocar ali”. Então, o que ele queria era fazer a gente sentir essa atmosfera do palco e, a gente foi também em algumas salas... e era bacana, ali dentro do contexto de que a gente tava na aula e tinha o professor ali do lado...na minha cabeça as pessoas entendiam que a gente tava num processo de aprendizagem.

Por outro lado, Kátia Sousa nos fala que não se sentia à vontade para participar em outros espaços dentro da universidade que não fosse dentro do contexto de aula - como em rodas de música que posteriormente se tornaram as rodas de choro - porque não se sentia confiante e segura para tocar.

Juliana Cunha nos conta primeiramente que não se sentia à vontade para participar tocando violão nos espaços da universidade. Em seguida, ela nos conta que na verdade nem sempre se sentia porque o seu foco era a voz e por mais que ela fizesse as disciplinas e ministrasse aulas de violão, não se direcionava às atividades do curso. Ela relata que tocava somente na Orquestra de Violões, onde chegou até a reger. Ela complementa que: “outras disciplinas também não, eu sempre ia pro canto, o pessoal me colocava sempre pra cantar porque na verdade eu sempre ia pra cantar.”

²⁸ Restaurante Universitário da UFC.

Clara Ferreira nos conta que se sentiu à vontade para tocar nos espaços e atividades na universidade, mas também que as dificuldades em se desenvolver a impediram em certo momento de tocar violão nas rodas de Choro da UFC e na Orquestra de Violões: “e eu senti dificuldades, então isso meio que me desmotivou um pouco, não a ponto de querer largar o violão, mas me senti mais na minha... ‘Nossa, eu não consigo desenvolver’... só essa questão mesmo”.

Cinthia Gomes nos relata que não se sentia à vontade para tocar violão por uma questão pessoal que ainda hoje permanece: de não se sentir segura para tocar em determinados espaços, em locais e com pessoas. Ela considera que falta bastante estudo para que ela possa se sentir segura tocando violão. Por outro lado, ela nos revela que se sente confortável tocando para seus alunos em sala de aula:

[...] o que é engraçado porque em sala de aula eu me sinto mais à vontade do que, sei lá, com minha família. Tá aqui na roda de amigos, todo mundo vai arranjar um violão, vai querer que eu toque e eu... não... vou ser resistente. Mas na sala de aula que eu tenho, sei lá, trinta e cinco, quarenta pessoas me olhando... ok também. É muito... uma questão de virar a chave da professora também, certo? Virar a chavinha da professora... vira a chave da professora e aí você perde vergonha de muitas coisas que você costuma ter e muito uma questão de não me sentir à vontade ainda hoje[...]

Cinthia Gomes nos explica que sentiu falta de alguns estímulos para que se sentisse mais à vontade tocando nos espaços da universidade:

Na época era pior porque ainda era, na época que eu fazia faculdade, né? Era uma época de aprendizado e a gente tá aprendendo, a gente não tem...eu sinto falta ainda hoje de um estímulo do tipo... “Ai, tu tá aprendendo...tá, ok”, sabe? “Vai errar mesmo”, não lembro de ter tido esse estímulo de “Ai, tá ok, tu tá aprendendo, continua, se apresenta mesmo”, eu sinto falta desse estímulo ainda hoje e na época eu realmente não tinha muito.

Laiany Rodrigues, apesar de estar em um ambiente majoritariamente masculino, tanto na disciplina de violão quanto no Curso, e de por vezes, perceber um tratamento diferente por outros colegas, ela nos diz: “[..]só que eu sempre tive uma personalidade um pouco mais forte, sabe? Eu nunca me deixei abater por isso, até porque como eu me esforçava bastante e eu já tocava. Eu já tinha o conhecimento pelo menos básico do instrumento. Então eu consegui acompanhar, né?”

Rosy Almada nos conta que não se sentia à vontade para tocar violão na universidade, e explica o porquê:

Sempre acontecia o momento de música ali perto do RU, né? Eu não me sentia à vontade de tocar, entendeu? Porque por se tratar dos meus colegas de turma, eles meio que olhavam com um olhar crítico demais por eles saberem e tal... não que fosse na maldade, né? Mas por eles saberem demais e não terem o preparo pedagógico para falar: “Ei, você tá errando nisso aqui”, acabava falando de uma forma meio... né... que dava mais insegurança pra gente. Mas naquele momento ali que eles ficavam tocando violão, eu gostava mais de cantar, entendeu? Entrava em questão musical, mas só cantava; questão de tocar eu não me sentia bem.

Jéssica Cisne nos conta que não se sentia parte do ambiente musical da universidade, especificamente na disciplina de violão: “Não me sentia pertencente, eu me sentia mais fazendo uma obrigação porque eu tenho que me formar e aquilo que eu gostava de fazer ou “Poxa, eu tô vendo aquela pessoa tocar e cantar”... a gente não fazia assim... muito, né?””

Pergunta 3: Como você vê a mulher no contexto musical do violão brasileiro?

Rojania nos conta o nome de duas violonistas: Elodie Bouny e Beatriz Nascimento. Ela nos relata que são as únicas que ela tomou como referência nacional até o momento, porque ainda não pesquisou sobre outras violonistas, e complementa: “mas óbvio que tem muito mais”. No contexto nacional, Rojania nos conta que não vê muitos espaços que deem visibilidade à existência de mulheres violonistas:

[...] De vez em quando eu vou ver alguns festivais, na TV aberta mesmo, e não tem violonista mulher. Por exemplo, eu já vi documentários, apresentações de uma hora ou duas só de homens tocando. Aí eu não vejo a representatividade no cenário nacional.

Myllena Oliveira menciona sobre a escassez de referências femininas e como isso implica na disciplina de violão:

Então, eu acho que ao meu ver faltam representatividades femininas, eu acho que tem pouquíssimas. Pelo menos durante a disciplina, acho que poucos exemplos femininos... É sempre mais masculinos, sempre nessa área masculina, em homens violonistas e que tem estudo e, eu acho que falta um pouco das mulheres ali como essa área.

Quando questionada sobre isso, Israela Aragão nos fala que as mulheres têm uma história muito apagada dentro na música, e dentro da história como um todo. Assim, sobre referências femininas no violão, ela narra:

[...] a gente estudava peças de violão erudito, aí tem Garoto, tem outros e, eu não lembro de um nome feminino. Eu não lembro da gente estudar uma peça feminina²⁹.

²⁹ Músicas compostas por mulheres

Eu lembro que as referências eram Nelson Faria, como é até hoje... eu não lembro de ter uma referência de mulher, de exímia violonista. Provavelmente eu devo ter visto em algum momento, o professor deve ter levado um vídeo ou outro de uma mulher tocando muito bem, mas eu não lembro de ter essas referências. Então a minha visão da mulher no meio musical é de que a gente ainda passa por esse apagamento histórico.

Kátia Sousa nos conta que acredita que existem muitas mulheres que tocam bem, mas que estas não chegam às referências dentro da universidade. Ela complementa: “e isso não só no violão... acredito que o que se expande pra todas as áreas é que são sempre masculinas, sabe? E aí, de fato, é difícil.” Assim, ela conta que conheceu outras violonistas tocando depois que já havia saído da disciplina de violão V.

Juliana Cunha nos diz que pouco vê mulheres no violão e afirma que é difícil encontrar mulheres que se direcionam à voz e ao violão na mesma proporção, porque em geral o rumo que tomam é o de cantar. Assim, ela exemplifica:

Se você perceber no sertanejo, tem muita mulher que canta e que toca: Marília Mendonça³⁰ [*in memoriam*], ela canta e toca violão, mas ela tá na carreira solo dela no canto, então o violão fica lá de lado, né? Eu não sei como são as histórias nos outros gêneros musicais, mas geralmente a mulher só canta e o violão fica lá do ladinho. Mas existem muitas mulheres que tocam violão, só que o violão tá ali do ladinho. Eu falo muito do popular porque é realmente essa linha que eu acompanho, né? A linha do popular.

Juliana Cunha conclui sua fala afirmando que hoje, durante a pandemia, tem percebido um aumento no número de mulheres que tocam e cantam nas redes sociais e acrescenta que se sente motivada por isso:

Eu vejo que esse movimento tá bem maior, né? Que talvez já existia mas não tinha a proporção que está tomando agora. Até eu mesma posto vídeos, né? Às vezes a gente se sente mais à vontade postando um vídeo cantando, mas aí quando a gente vê meninas também tocando violão, a gente se sente animada e posta também.

Clara Ferreira nos reforça que foi apenas no Curso que conheceu mulheres violonistas, porque antes não teve também a curiosidade de pesquisar sobre isso. Ademais, ela nos relata quem as apresentou a esse meio:

[...] mas só quando entrei no Curso, eu vi que existem muitas, né? Principalmente essa questão do violão erudito, repertório erudito, eu pude conhecer através das indicações do professor. Eu não tinha muito essa visão de conhecer mulheres

³⁰Cantora do estilo sertanejo que se tornou referência feminina em seu estilo musical, por abordar em suas composições o protagonismo feminino. Seu falecimento foi uma grande perda para a música nacional da década de 2020, visto que foi prematuramente, aos 26 anos.

violonistas. Então foi só a partir do Curso mesmo e eu acho interessante... e dá pra gente se espelhar nessas mulheres sim.

Cinthia Gomes nos relata que tenta lembrar de alguma figura feminina que estava em destaque, mas que na época não havia muitas. Ainda assim, ela menciona uma violonista e como lhe foi apresentada:

[...] Mas assim, tinha uma específica e isso quando o professor trazia exemplos de violonista ela sempre aparecia, mas ela sempre aparecia muito raramente, certo? Ela sempre aparecia muito de... de longe, que era a Badi Assad, que era uma mulher que pra gente ela foi apresentada como uma mulher no violão e depois eu descobri que o trabalho dela é muito maior também, mas assim, quando ela aparecia ela também tava sempre ligada à figura masculina de alguém.

Cinthia Gomes nos explana mais sobre a ideia que expressa em relação a mulher violonista estar ligada à uma figura masculina:

Na época da faculdade eu lembro bem de fazer essa associação de a mulher no violão, na verdade ela é uma mulher masculinizada. Quando ela é mais jovem, ela é ok, é fofinha, bonitinha, mas se ela se mantém adulta, uma mulher adulta no violão ela vai ser de alguma forma ligada à figura masculina. Não é um problema, certo? Isso não é um problema pra mim hoje em dia, não é; ok, beleza, mas é porque era regra, é regra, né? É tido como regra, se você é uma mulher, uma mulher adulta, uma figura adulta vai ser ligada à figura masculina. Não é a regra, sabe? Não era pra ser, pelo menos, né?

Laiany Rodrigues acredita que existe uma estrutura machista na sociedade e que o contexto musical e artístico reflete uma cultura maior na qual está inserido. Assim, ela afirma:

Então eu acredito sim que o meio musical, como eu falei de início, ele é machista. Machista porque é majoritariamente masculino e mesmo que... né... quando eu digo machista no sentido de muitas vezes você pode até não ser hostilizada, ou ser objetificada, sexualizada... pode até ser que não aconteça, mas a gente sente, como eu disse: para no ar, você tem sempre que tá se validando, você sente um certo... você se sente um pouco descredibilizada, ou então até mesmo... em alguns momentos sexualizadas também, né? Em alguns contextos, em algumas situações.

Rosy Almada nos conta que o papel das mulheres no violão atualmente tem sido um pouco escasso, porque afirma não haver muitas mulheres que se reconhecem no instrumento e como instrumentistas. Ela nos relata ainda sobre a baixa quantidade de mulheres em outros ambientes em que estudou música:

E no contexto do Brasil acaba sendo a mesma coisa. Não é diferente daqui do Ceará. Quando eu estudei no conservatório Villa Lobos de Osasco [São Paulo- SP], um curto período de dois bimestres no curso de música, né, eu também não via tantas mulheres, entendeu? Então não se trata de ser um problema só da cidade de Sobral.

Não se trata de ser um problema só da disciplina daqui, do Ceará. Eu acho que é um contexto mesmo nacional, entendeu?

Jéssica Cisne nos conta que não conhece as violonistas que movimentam o cenário do violão nacional atualmente:

O que eu conheço de mulheres que tocam violão é sempre ligado à voz: são cantoras que tocam violão. Que é esse universo que eu me aproximo e que eu gosto, e que eu quero pra mim. Apesar de hoje em dia ter uma visão muito mais crítica de “Por que não, se eu quiser?”, sabe? Porque antes eu acho que eu tinha essa coisa de: “Esse lugar não é pra mim, porque isso aqui é muito difícil ou porque...”, enfim, não sei.

Pergunta 4: O que você pensa sobre a mulher no cenário violonístico no Curso de Música?

Rojania Maria nos conta que espera que tenham mais mulheres no cenário violonístico do Curso e que mais delas deem continuidade nas disciplinas de violão avançado e explica o porquê:

[...] eu quero que as meninas vão pro violão avançado pela questão de ser referência assim que elas ingressarem no Curso. Quando elas chegarem no primeiro semestre, elas possam olhar pro quinto e ver outra menina tocando e se imaginarem. Então o papel que eu vejo da mulher no violão na UFC, é um papel político e de ter espaço. Eu tinha até falado com uma colega: hoje, tocar violão pra mim não é nem uma questão só de gostar, mas um ato político...é necessário que eu faça isso.

Myllena Oliveira nos relata que durante dois ou três semestres era a única mulher na turma de violão e, acha que falta estímulo feminino para o violão. Assim, ela complementa: “Acho que é uma área muito masculina, que tem muitos homens e eu me sentia muito solitária.” Ela nos conta como se sentiu quando outra discente ingressou na mesma turma de violão:

É tanto que quando eu entrei no mesmo semestre que a Juliana entrou, eu me senti bem mais acolhida, porque eu me sinto mais à vontade com uma mulher do meu lado, né? De estudar com uma mulher do que com um homem. Nada contra, mas acho que é coisa minha mesmo. Então eu me sentia à vontade: “Juliana me ajuda aqui, me ajuda aí”.

Israela Aragão afirma que o curso de música da UFC - Sobral é um ambiente machista e questiona:

Vamos observar o corpo docente do Curso de Música: quantas mulheres têm nesse corpo docente? Quantas mulheres instrumentistas têm nesse corpo docente? Será que é porque as mulheres não se interessam por instrumentos? Eu acho difícil, tem muita mulher que toca muito bem, sabe? Então é um ambiente majoritariamente masculino, e a gente sabe por ser mulher que por mais que a gente acredite que isso

não influencia, influencia na maneira que a gente se comporta, se posiciona, fala... a gente tem medo de sofrer represálias.

Kátia Sousa nos relata sobre a mulher no cenário violonístico do Curso de Música da UFC - Sobral, afirmando que não teve referências femininas, principalmente na disciplina de violão V:

[...] Mas é complicado você olhar pro lado e não ter por exemplo representatividade, sabe? Você não ter uma pessoa que chegou até ali e disse: “Nossa, dá pra fazer”, você não tem, não tem, de jeito nenhum. Eu não conheço, por exemplo, outra pessoa que tenha terminado violão antes da minha turma.

Kátia Sousa nos relata ainda que na época que cursava as disciplinas de violão, as referências nos livros eram sempre masculinas e, que na academia, o fato de não chegar referências de mulheres que tocam violão, é um ponto fraco. Assim, ela questiona:

[...] Por que nós não estamos ocupando esses espaços? A gente tá dentro da universidade, então porque a gente não tá, por exemplo, nas práticas de violão chegando até a prática de violão VIII? E eu acho que talvez falte essa referência, né? Se a gente não tem, por exemplo, ali na hora meninas tocando, que a gente tenha, que a gente consiga ver dentro da universidade, que seja apresentado outras mulheres tocando. Eu acho isso tem pouco... eu acho que aí é uma coisa que peca, na minha visão.

Juliana Cunha nos conta que são poucas as mulheres que se destacam no violão dentro curso, mas que isso depende da vontade de cada uma. Ela fala que hoje, ao ver a atuação de mais mulheres no curso: “Tem você, eu consigo citar a Laídia³¹ que tá lá dentro do grupo de choro. Antes de você chegar tinha a Laídia, de repente você [Ana Jakeline] chegou... que também vai na mesma linha.” . Em sua percepção, ela diz que quando há a participação de mulheres, mais mulheres se interessam também:

Então, às vezes, se eu tivesse encontrado outra mulher que já tivesse muito ativa no Curso de Música e que ela dissesse “Olha, Juliana”, e se aproximasse, né? Porque, querendo ou não, é mais simples da gente se aproximar, né? Mulheres se aproximarem de outras mulheres...talvez tivesse sido mais simples, talvez tivesse chegado lá sem ter passado por tanto.

Clara Ferreira, acredita que faltam mulheres tocando violão no Curso e nos diz: “[...]até mesmo pra gente unir mesmo forças, para aumentar esse número de mulheres. Eu acho que é por aí.”

³¹Laídia Evangelista é uma multi-instrumentista graduada em Música pela UFC - Sobral e atualmente é mestranda em Computação, Comunicação e Artes pela UFPB.

Cinthia Gomes nos relata que dentro da universidade não tinha muitas referências femininas no violão e que ainda hoje continua a não ter:

E aí na época da faculdade, eu vejo... eu via a mulher no violão muito raramente e muito... apagada, certo? Isso também é uma visão minha hoje em dia, na época comigo não existia problematizações do tipo, mas assim eu vejo que figura feminina, figura da mulher dentro do mundo do violão eu ainda não tenho muitas referências, somente essa específica que eu citei e poucas próximas de colegas que eu tinha dentro da faculdade.

Laiany Rodrigues nos diz que as mulheres precisam avançar no sentido de conquistar espaços e menciona sobre uma rotulação que recai sobre elas:

[...] porque...acredito que até mesmo muitas meninas, muitas mulheres acabam internalizando essa visão, né? “Ah, não é pra mim”, “Ah, se for por exemplo, de trabalhar com música, eu vou cantar, eu vou fazer isso ou aquilo”, “Violão é muito masculino”, ou então como instrumento de sopro também: saxofone, tuba, essas coisas... “Não, mulher toca violino, mulher toca isso, toca aquilo.” Então existe esse sexismo sim, essa rotulação, sabe?

Laiany Rodrigues complementa que o Curso de Música é apenas um reflexo disso, porque está inserido dentro de uma cadeia. Ela nos conta que no Curso, existia um sentimento de sempre ter que se validar: “por mais que ninguém chegasse e falasse alguma coisa, mas... acho que você entende né...como é isso, tá ali no ar.”

Rosy Almada sobre a presença de mulheres violonistas no Curso afirma: “na minha recordação, você [Ana Jakeline] é a única menina assim, que tá a frente do violão, que tá lá, que vai até o final, que tá se aperfeiçoando cada vez mais”. Ela considera que a disciplina de violão é um reflexo do que ocorre na sociedade e afirma que o espaço deve ser conquistado pelas mulheres:

Nenhuma das meninas da minha turma que eu conheço, elas não continuaram, entendeu? Então eu acho que esse espaço, eu acho que é um pouco histórico, né? Um pouco histórico porque a mulher na música em si, é recente, porque era uma tarefa dos homens, né? Os homens que iam pra lá, pra noite, pra tocar e tal... uma coisa bem histórica, né, a função da mulher na sociedade. Eu acredito que isso refletiu e reflete ainda na disciplina de violão.

Rosy Almada complementa que deve haver alguma maneira de incentivar as mulheres:

[...] não por falta de incentivo, mas acaba que...eu acho que deveria ter algum... ou algum projeto ou alguma coisa que seja assim só movimento das mulheres: “Mulheres, vamos aprender violão...”, alguma coisa, alguma coisa do tipo, um

projeto que incluía apenas mulheres, entendeu? Uma forma de impulsionar, né, a mulher no violão.

Ademais, ela afirma que o espaço no cenário violonístico deve ser conquistado pelas mulheres: “Então eu acho que entra um pouco do feminismo no meio, entendeu? Então essas duas coisas elas andam lado a lado[...].”

Jéssica Cisne considera o Curso de Música um ambiente adoecedor. A respeito da atuação de mulheres no âmbito musical acadêmico, ela espera que seja mais fácil para as estudantes que atualmente se encontram ativas no Curso, pois ela nos relata que era um ambiente extremamente machista, na época em que era estudante. Ademais, dentro do contexto da disciplina de violão, ela nos fala sobre a ausência de referências femininas e, estende para um contexto mais amplo:

[...] outra coisa: eu não lembro de estudar nenhuma mulher. Não têm referências femininas no violão. Isso é um ponto importantíssimo. Na verdade, têm poucas referências femininas em toda a referência, em todos os livros ou coisas que eu estudei durante a faculdade. São pouquíssimas. Têm poucas mulheres no quadro de professoras e isso se alarga para poucas violonistas conhecidas, porque eu nem sei te dizer, porque eu nem lembro de ter estudado. Eu lembro de, sei lá, Garoto, Baden Powell... mas referências femininas eu não sei.

Sobre a situação de mulheres violonistas no Curso e na disciplina de violão, Jéssica Cisne espera que hoje seja diferente: que haja uma maior atuação das mulheres, porque acredita que existam muito mais violonistas e que elas estão ocupando os espaços.

3.4.1 ANÁLISE: A MULHER NA PRÁTICA INSTRUMENTAL - VIOLÃO

Na terceira e última parte da entrevista, as perguntas foram direcionadas à presença feminina no contexto do Curso de Música da UFC - Sobral, especificamente na disciplina de violão. Buscamos evidenciar a participação de mulheres na prática instrumental - violão, através de seus relatos sobre situações vivenciadas dentro e fora da disciplina, sobre o acolhimento dentro e fora de sala de aula e, mostrar suas percepções sobre representatividade feminina na disciplina de violão.

3.4.1.1 Percepções das participantes sobre a presença de mulheres no espaço acadêmico do Curso

Quando perguntadas sobre a percepção da presença de mulheres na disciplina de violão e no Curso de Música da UFC - Sobral, as participantes trazem questionamentos pertinentes sobre a atuação de mulheres violonistas e musicistas em geral no Curso. Jéssica (da turma de 2011.1), considera o Curso de Música um ambiente adoeceador e espera que seja mais fácil para as mulheres estudantes, visto que o Curso era um ambiente extremamente machista na sua época de estudante. Israela (da turma de 2012.1 e 2017.1), reforça este relato quando afirma que o Curso de Música da UFC - Sobral é um ambiente machista e traz questionamentos. Israela traz uma fala forte que expõe uma situação complexa e traz reflexões sobre o paradeiro das mulheres no Curso de música da UFC - Sobral. O relato de Laiany (da turma de 2012.1) de certa maneira, está interligado à fala de Israela, pois ela afirma que mulheres precisam avançar nos espaços e que no Curso há um sexismo porque está inserido em uma cadeia e reflete o que ocorre nela. Rosy (da turma de 2016.1), também fala sobre mulheres conquistarem mais espaço.

Juliana (da turma de 2013.1) afirma que dentro do Curso existem poucas mulheres que se destacam no violão, mas que quando há mais mulheres participando, outras também se interessam. Relato que se assemelha ao de Rojania (da turma de 2019.1). É interessante que o relato de Rojania nos transparece um sentimento de desejo de mudança no cenário da disciplina; desejo que é demonstrado de maneira ativa, visto que atualmente ela dá continuidade aos estudos de violão avançado.

Percebemos que as mulheres não se sentem à vontade em espaços com uma quantidade maior de homens, como relatado por algumas participantes anteriormente. Clara (da turma de 2019.1), acredita que faltam mulheres tocando violão no Curso. Rojania espera que na disciplina haja mais mulheres tocando; relato semelhante ao de Jéssica, que também demonstra essa esperança em sua fala.

3.4.1.2 Percepções da pesquisadora sobre a mulher na disciplina de violão e no Curso

Quando perguntadas se perceberam receber um tratamento diferente na disciplina de violão, as participantes relataram experiências diretas ou indiretas com o questionamento. Um resultado interessante, é em relação à percepção sobre serem tratadas com diferença, pois algumas como Juliana (da turma de 2013.1), Myllena (da turma de 2017.1) e Clara (da turma

de 2019.1) se mostraram muito assertivas ao responderem não perceber o recebimento de um tratamento diferente. Percebemos semelhanças nos relatos das três para esta pergunta; Julianna diz que, apesar da disciplina ser majoritariamente masculina, se sentiu excluída por “saber tocar menos” que os colegas de turma. Myllena também afirma que não sentia um tratamento diferente, mas que se sentia excluída por ser a única mulher em sua turma de violão. Clara também afirma que a questão foi de deparar-se com a grande quantidade de homens na disciplina, e perceber que havia poucas mulheres na turma. Por outra vertente, algumas das que direcionaram sua resposta para o “sim”, como Jéssica e Cinthia (ambas da turma de 2011.1) e Rosemeire (da turma de 2016.1), o disseram de maneira implícita e indireta, quando trouxeram à tona como exemplos, algumas situações em que sentiram este tratamento diferente ocorrer. Neste ponto da análise, mostraremos alguns relatos das participantes, a fim de assegurar e zelar a espontaneidade de suas falas sobre as diversas situações que vivenciaram durante o Curso. Cinthia e Jéssica passaram por situações em que na época de estudantes, inicialmente, não enxergavam como problema e portanto, sobre as quais não nutriam reflexões.

No relato, percebemos que o tratamento diferente não era explícito, o que vai ao encontro do relato de Laiany (turma de 2012.1). Kátia Sousa (da turma de 2016.1), quando perguntada sobre perceber um tratamento diferente na disciplina, relata que sentia um olhar crítico, aparentemente vindo do professor.

Percebemos que o tratamento parece estar nivelado por falas, gestos, questionamentos. Acreditamos que a fala de Laiany nos traz reflexões acerca da consciência deste tratamento diferente que ocorre por parte dos homens de maneira sutil. Já a fala de Cinthia, quando afirma que “é uma coisa que está dentro da gente e é difícil tirar”, tem relação com comportamentos não só de homens mas também de mulheres reproduzidos pelo imaginário masculino e à dominação masculina, de maneira inconsciente, que resultam em um tratamento diferente que ocorre de maneira sutil e resulta na desigualdade de gênero. “[...]Homem e mulher, independentemente da classe social, reproduzem a dominação masculina, seja de forma inconsciente ou consciente” (Bourdieu, 1999 *apud* SANTOS, 2018, p. 1096). Percebemos isso quando algumas das próprias participantes explicitam que somente pararam para refletir sobre situações em que se sentiram desconfortáveis, muito tempo depois delas acontecerem. Assim, alguns relatos evidenciam que existe algum tipo de diminuição ou discriminação em relação à mulher com o violão e que isso não é explícito e notório: é sutil e

(quase) invisível, mas que deixam marcas na trajetória dessas musicistas. Percebemos, através dos relatos sobre o tratamento diferente que as participantes sentiram, como ele se manifesta. No relato de algumas participantes, percebemos uma rotulação que ocorre entre elas e o instrumento por parte de colegas de turma e Curso.

“A diferença biológica entre os sexos passa a ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros, principalmente no que se refere à divisão social do trabalho e às próprias relações sociais” (Bourdieu, 1999 *apud* SANTOS, 2018, p. 1096). Assim, podemos afirmar que em nossa sociedade, há diferenciações no tratamento e delimitação de papéis de acordo com o gênero. Com base no referencial bibliográfico deste trabalho, acreditamos que essa delimitação existe decorrente do imaginário masculino que permeia o social e que inicialmente, ela não é um problema desde que não desestimule quem tem pretensões de seguir um outro caminho.

Contudo, em uma sociedade onde o imaginário masculino se faz presente fortemente, essa delimitação provoca uma falta de estímulo, tanto a homens quanto à mulheres que não se encaixam nos papéis que lhes são definidos socialmente. Podemos considerar que o baixo número de mulheres que procuram por instrumentos considerados masculinos - como o violão - que está fora do “padrão” de instrumentos considerados femininos - estes geralmente instrumentos dóceis, agudos e leves como a flauta e o violino - e, até mesmo a baixa quantidade de mulheres na disciplina de violão, podem ser considerados exemplos da consequência do não incentivo e desestímulo às pessoas, nesse caso mulheres, que estão fora do estereótipos socialmente construídos. Bressan; Moraes; Furlan e Morais (2018) sobre estereótipo, afirmam: “Vale ressaltar que o estereótipo é uma generalização sobre o comportamento ou as características de uma pessoa, apresentados no imaginário social, baseado em representações de uma determinada situação”. Assim, afirmamos que este estereótipo construído socialmente, resulta em rotulações, que recaem nas mulheres. A fala de Israela sobre rotulação, é reforçada pelo relato de Laiany (da turma de 2012.1). Percebemos pelo relato de Cinthia, que a masculinização de mulheres que tocam violão, também pode ser vista como uma rotulação que ocorre com a associação das violonistas à uma figura masculina.

Concordamos com o ponto de vista de Cinthia e Israela sobre esta rotulação que recai sobre as mulheres violonistas, e complementamos com o pensamento de Green (2001), citada pelas autoras Zerbinatti, Nogueira e Neiva (2017), que considera que segundo um

conceito de feminilidade socialmente construído, cantoras estariam próximas ao esse conceito, mulheres instrumentistas seriam parcialmente alvo deste conceito, enquanto as mulheres compositoras e improvisadoras estariam mais distantes desse ideal. Garcia (2020) também corrobora com este pensamento quando diz:

No terreno das atividades consideradas pertencentes ao feminino, identifica-se uma cesura na percepção relacionada às mulheres instrumentistas, improvisadoras, compositoras ou intelectuais, em contraposição às professoras ou cantoras, mais aceitas neste ideal de feminilidade.”(GARCIA, 2020, p.3).

Assim, percebemos que é notória a presença do imaginário masculino na rotulação existente às mulheres instrumentistas; quando há um ideal feminino a ser seguido que consiste na realização de atividades que exijam menos esforço intelectual.

Alguns relatos, mostraram de maneira explícita um tratamento diferente sentido pelas participantes no espaço acadêmico. Israela nos relatou várias situações em que foi tratada com desrespeito. Percebemos que Israela passou por uma situação em que houve uma desconfiança e certa dúvida de um colega, sobre ela saber tocar violão, mesmo ela contando que já havia concluído a disciplina de violão básico. Assim, o relato nos traz a percepção de que o colega viu necessidade de validar os conhecimentos de Israela sobre o instrumento, como se para “tocar bem”, ela dependesse da opinião e aprovação dele. O fato dela nunca ter presenciado este comentário sendo feito a um homem, nos dá a entender que, no contexto do Curso de Música, homens não veem necessidade de validar outros homens tocando violão. Quando ela afirma de maneira assertiva, que este comentário não seria feito para um homem, imaginamos que esta situação é mais recorrente às mulheres, e que assim há um preconceito no sentido de duvidarem da capacidade de mulheres de se desenvolverem no violão. Esta ideia pode ser reforçada e ampliada por outro relato também de Israela, onde um professor substituto de violão, na época, avaliou uma apresentação cantada sem que ela tenha lhe dado abertura para fazer isso.

Outro que se assemelha é o relato de Rojania (da turma de 2019.1), que quando perguntada sobre perceber um tratamento diferente, nos expressa que também vivenciou uma situação onde houve dúvidas, por parte dos colegas, sobre a capacidade de uma estudante de tocar violão na disciplina. Este relato nos mostra de maneira explícita, o quão grave a desconfiança sobre a capacidade de uma mulher tocar violão pode moldar opiniões preconceituosas que podem trazer desconforto e deixar marcas às mulheres que as ouvem.

Mais uma vez, há opiniões de homens sobre uma mulher, que não lhes deu abertura para opinar sobre; percebemos novamente o desejo dos homens de validarem os conhecimentos de uma mulher que estuda violão, que nos parece ser algo recorrente entre colegas da turma de violão. Garcia (2020), nos ajuda a fortalecer este argumento quando afirma que: “[...] além do desejo de aprovação, a validação da mulher está condicionada à aprovação de um homem, ‘seja pai, marido, professor ou colega’, de maneira que também ‘não se torne uma ameaça para a comunidade feminina’”. Laiany (da turma de 2012.1), sentia necessidade de sempre se validar como musicista: “por mais que ninguém chegasse e falasse alguma coisa, mas... acho que você entende né...como é isso, tá ali no ar”. Percebemos também pelo relato de Laiany, que esta validação por parte de homens, pode condicionar as mulheres, a um sentimento de que precisam se validar.

Por outra vertente, de maneira ainda mais explícita e grave, temos o relato de Jéssica (da turma de 2011.1), que conta uma situação de assédio que sofreu por parte de um professor da universidade e que conhece pessoas que também já sofreram assédio na mesma faculdade. Estes relatos por um lado nos mostram evidências de uma desigualdade de gênero presente no Curso de Música da UFC - Sobral, onde mulheres enquanto estudantes do Curso, são inferiorizadas, através da necessidade de validação principalmente por parte de colegas e, pelo último relato, também são objetificadas por homens que se consideram superiores, que enxergam o corpo de mulheres como propriedade e que acreditam ter posse sobre ele; e que isso ocorre até mesmo por parte da figura do professor, que deveria ser um apoio na desconstrução dessas desigualdades, mas que nos mostra que o papel por ele desempenhado na universidade, não o isenta de praticar discriminação contra mulheres. Garcia (2020) nos faz observar de maneira mais ampla, a objetificação que ocorre de outra maneira: do corpo físico da mulher quando comparada ao formato do violão; que constrói um ideal do corpo feminino, e cria um estereótipo que recai sobre as mulheres.

Quando perguntadas sobre se sentir à vontade para tocar em espaços da universidade, fora da disciplina de violão, as respostas foram bem próximas, visto que boa parte afirmou não se sentir à vontade para tocar violão. Porém, as justificativas que possuem, são motivos bem distintos uns dos outros.

Jéssica (da turma de 2011.1), em seu relato, expressa que não se sentia à vontade para tocar violão, pois não se sentia parte do ambiente musical da universidade e fazia a disciplina por obrigação, visto que não se sentia pertencente ao espaço da universidade.

Cinthia (da turma de 2011.1), também expressa que não se sentia à vontade para tocar violão e que ainda hoje não se sente por questões que considera pessoais. Israela (da turma de 2012.1 e 2017.1), não se sentia à vontade para tocar porque percebia um sentimento de competição no Curso de Música, além de não se enxergar como uma violonista e sentir julgamentos também no Curso. No relato de Israela, percebemos que há um “sentimento” de competição. O que nos é interessante é que ela diz que não está para competir, mas nesta fala, ela própria estabelece uma relação de competição, na qual ela está “perdendo” por estar “para trás” na suposta corrida. Este sentimento de competição é compartilhado por Jéssica. Destacamos que a presença desse sentimento de competição transparece na fala das participantes que se inferiorizam por expressões como: “como eu, que parte do nada”, “ser uma das que menos sabia”, “sempre tinha gente muito melhor”. Este é um aspecto que talvez precise ser observado na abordagem didática das disciplinas do Curso, em geral.

Em relação à se sentir à vontade para tocar violão em outros espaços, Juliana (da turma de 2013.1) não se sentia confortável porque seu foco principal era a voz; portanto, ela se sentia mais à vontade para cantar do que para tocar nos espaços fora da sala de aula.

Percebemos no relato de Kátia (da turma de 2016.1), um forte sentimento de inibição sentido por ela, já que ela reforça sentia receber um olhar mais crítico por ser mulher. Rosy (da turma de 2016.1), em seu relato, também menciona sobre “um olhar crítico” que sentiu e como isso a afetou. Esses relatos nos mostram que algumas das estudantes se sentiram inibidas a tocar violão em espaços na universidade fora da disciplina de violão. Nesse caso, é interessante notar que o fato de se sentirem inibidas pode ter refletido na vontade delas de tocar violão nos espaços fora da disciplina. Mas percebemos que essa inibição é apenas um fator entre tantos outros que são citados pelas musicistas.

Myllena (da turma de 2017.1), não se sentia à vontade para tocar porque não queria tocar; acreditamos que isso esteja relacionado ao fato de ela não se enxergar como violonista. Em contrapartida aos relatos anteriores, as estudantes Clara e Rojania (ambas da turma de 2019.1), relatam que se sentiram à vontade para tocar violão nos espaços acadêmicos fora da disciplina. Clara sentiu dificuldades para tocar por questões de desenvolvimento no estudo do violão, mas isso não a impediu de tocar, apesar de lhe causar desestímulo em certo grau. Rojania quando ingressou no Curso sentiu dificuldades por ingressar “sem saber de nada”, mas com o tempo e apoio dos colegas, passou a se sentir confortável para tocar violão nos espaços fora da sala de aula.

Observamos que há uma mudança nas justificativas apresentadas por algumas participantes, como Jéssica, Israela, Kátia, Rosy das primeiras turmas - entre 2011.1 e 2016.1 - em relação às últimas turmas - de 2017.1 e 2019.1. Enquanto as participantes das primeiras turmas relatam que uma parte da influência do ambiente musical, as últimas relatam sobre se sentirem à vontade ou não para tocar violão baseadas em dificuldades ou por apenas não gostarem, Myllena e Clara. Rojania, menciona sobre a influência do ambiente externo, mas de maneira positiva, que a estimulou e a fez se sentir à vontade para tocar violão nos espaços acadêmicos fora da disciplina.

3.4.1.3. Referências femininas na disciplina de violão

Quando perguntadas ainda sobre a percepção de mulheres dentro do Curso de Música da UFC - Sobral, as participantes mencionaram sobre referências femininas. Em relação a referências femininas de violão no espaço acadêmico, Kátia (da turma de 2016.1), não possuía dentro da disciplina, principalmente no violão V. No relato de Kátia, devemos considerar o pouco tempo de existência da possibilidade de violão avançado no curso. O Curso foi criado no ano de 2011 e, nos moldes que o violão avançado opera - voltado ao violão solo, poucas pessoas por si só ingressam na disciplina. Relato semelhante ao de Jéssica (da turma de 2011.1), que relata sobre a falta de representatividade no ambiente do Curso e na disciplina de violão. Relato que se assemelha ainda ao de Juliana (da turma de 2013.1), que em seguida, amplia o seu relato e fala de representatividade no cenário nacional.

Acreditamos que a relação profissional de mulheres com o violão, não se limita ao violão instrumental solo, visto que, no presente momento deste trabalho, a presença de mulheres que tocam violão enquanto cantam, como mencionado por Juliana, demonstra que esta também é a representatividade atual das mulheres no violão no Brasil. Em estilos como o sertanejo, a frequência de mulheres que cantam e tocam violão tem aumentado nas plataformas digitais e de mídias e influenciado outras mulheres nos últimos anos.

Rosy (da turma de 2016.1), relata que vê a escassez de mulheres instrumentistas, porque muitas não se reconhecem no instrumento ou como instrumentistas de fato, e abrange sobre a escassez de mulheres na música. Representatividade de maneira mais ampla também mencionado por Rojania (da turma de 2019.1).

Já em relação às referências femininas de violão abordadas dentro da disciplina, como em materiais didáticos e repertório, Cinthia (da turma de 2011.1) afirma que dentro da universidade não possuía muitas e que ainda hoje não possui. Já Jéssica diz não ter a lembrança de um nome feminino. Relato semelhante ao de Israela (da turma de 2012.1 e 2017.1) e que também vai ao encontro da fala de Kátia que acredita que existem muitas mulheres que tocam bem, mas que estas não chegam às referências dentro da universidade. Myllena também afirma que não possuiu referências femininas na disciplina e assim como Jéssica, afirma que há pouca representatividade na disciplina. Em contrapartida aos anteriores, o relato de Clara constrói outro discurso (2019.1), que nos chama bastante a atenção, visto que conheceu mulheres violonistas por meio do professor, que as apresentou na disciplina.

Fazendo uma análise com base nestas respostas, percebemos que no contexto do Curso e da disciplina de violão, a presença de mulheres tocando violão ainda é um pouco tímida, mas que pode estar mudando nos últimos anos. Já em relação às referências femininas no violão dentro da disciplina, em materiais e repertório, a abordagem é escassa, pois percebemos em boa parte dos relatos que as estudantes, durante a disciplina não conheceram e estudaram mulheres violonistas ou obras de compositoras para violão. Acreditamos que essa baixa quantidade de referências decorre de um apagamento histórico, já que a ausência de referências femininas no Curso, não significa que elas não existam. Corroboramos com a fala de Garcia (2020):

“Outras muitas mulheres influenciaram e participaram de maneira definitiva na construção da história do violão no Brasil. Essa força feminina, é claro, tem uma amplitude muito maior, fazendo se presente no violão da América Latina, na Europa, e em todo o mundo. Ela emerge e se atualiza, rompendo mecanismos velados (ou não) de apagamentos históricos.”(GARCIA, 2020, p.17).

Esse apagamento ainda hoje pode estar sendo perpetuado, por pequenas atitudes no cotidiano. Sobre isto, Murgel (2018) explica:

“Os apagamentos também acontecem quando escutamos uma música de que gostamos muito sem nos perguntar quem são seus compositores, ou ainda quando as rádios dizem que a canção é só de um dos autores ou do intérprete – um exemplo disso é Anastácia, que fez as letras de muitas canções extraordinárias musicadas por Dominginhos, como “Só quero um xodó”, “Tenho sede” e “Contrato de separação”.”(MURGEL, 2018, p. 187)

Por outro lado, porém, há a possibilidade de que este cenário possua mudanças que podem refletir significativamente na formação de ingressantes nos próximos anos, pois o relato de Clara, que conheceu mulheres violonistas apenas através da disciplina, nos dá a impressão de que isso não era algo notado antes, e depois passou a ser por alguma influência. Percebemos que ao contrário dos relatos das outras participantes de turmas anteriores, a disciplina mostrou à Clara a existência de mulheres que atuam tocando violão solista e são exímias violonistas.

Assim, pelos relatos podemos notar uma mudança na postura do professor ao longo dos anos, em relação à abordagem de mulheres violonistas na disciplina, o que é um ponto positivo para a representatividade e inclusão feminina no Curso de Música e na disciplina de violão também. Notamos também como a representatividade feminina é importante para estas estudantes, visto que tanto a assiduidade de mulheres quanto referências femininas são citadas por boa parte delas, demonstrando ser algo relevante até mesmo na formação como violonistas e docentes. Percebemos ainda que o professor pode ter um papel muito importante nesta representatividade e inclusão ao fazer uma aproximação das estudantes com mulheres violonistas durante a disciplina de violão. Acerca disto, corroboramos com a fala de Garcia (2020): “[...] além do incentivo à pesquisa histórica e às iniciativas que promovam a divulgação e o trabalho de mulheres violonistas, é importante a contínua discussão sobre as perspectivas estereotipadas que recaem sobre a esfera do feminino.”(GARCIA, 2020, p.19).

4 CONCLUSÃO

Para este trabalho, buscamos compreender as trajetórias e percepções de mulheres violonistas, sobre o estudo do violão no Curso de Música da UFC - Sobral. Ao finalizarmos a análise deste trabalho, apontamos algumas observações que surgiram no decorrer desta pesquisa, pelo relato das participantes, baseadas no referencial bibliográfico e em nossas análises.

Primeiramente, é essencial a influência de pessoas próximas, principalmente da família, para nutrir o estímulo e desenvolvimento no início da prática de violão das musicistas do Curso de Música da UFC - Sobral, visto que boa parte teve seu contato com o instrumento por meio de pessoas do ambiente familiar. No contexto do Curso, de 10 (dez) musicistas, 8 (oito) delas ingressaram já sabendo tocar violão e alguns conhecimentos básicos.

Boa parte das musicistas, especificamente 9 (nove), enxergam o violão como um instrumento secundário, o utilizando como aparato para outras práticas musicais. Assim, a maioria das mulheres que se matricularam e concluíram a disciplina de violão básico, não se consideram violonistas pois não o utilizam como foco principal. Para o Curso de Licenciatura, refletimos o acolhimento aos estudantes ingressantes nos trazem reflexões sobre como ocorre se apresenta a receptividade aos que ingressam no Curso sem conhecimentos musicais formais prévios.

Em relação às discussões sobre desigualdade de gênero, algumas estudantes de violão expõem e revelam um tratamento diferente velado, que geralmente ocorre nos espaços da universidade, não apenas dentro da disciplina de violão. Há evidências de que a quantidade de referências femininas abordadas dentro da disciplina é escassa, mas que a postura do professor pode ter mudado nos últimos anos, já que ele passou a incluir e mostrar exemplos de mulheres violonistas em sala de aula nas últimas turmas de violão. Assim, destacamos o papel do professor no estímulo ao estudo do instrumento e à representação de mulheres como referências musicais no período de formação musical. Também ressaltamos que no decorrer das descobertas desta pesquisa, surgiram questões que não foram respondidas por não estarem diretamente ligadas ao foco principal do nosso trabalho, mas que apontam para novas pesquisas que podem ser desenvolvidas futuramente, como por exemplo, a maneira que

ocorre o acolhimento aos ingressantes sem conhecimentos musicais prévios no Curso e a organização da disciplina de violão, se atende aos anseios e necessidades profissionais dos estudantes.

Acreditamos que este trabalho tenha concluído seus objetivos e esperamos que contribua para reflexões acerca da desigualdade de gênero no meio musical e que possa também colaborar para estudos sobre o tema. A fim de dar continuidade ao desenvolvimento da pesquisa sobre gênero no ambiente do Curso de Música da UFC - Sobral, propomos que seja desenvolvido um estudo sobre a quantidade de alunas que ingressam no violão e desistem, fazendo uma comparação com a porcentagem de homens desistentes, e entendermos de maneira mais objetiva se a maior desistência é de homens ou mulheres na disciplina. Outra proposta seria o desenvolvimento de uma nova pesquisa sobre as referências utilizadas e como seria o impacto na representação e pertencimento dos estudantes. Outra ideia ainda seria o desenvolvimento de um novo estudo sobre a percepção de musicistas no Curso de Música, mas de maneira mais ampla, não só nas disciplinas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Mayara. **A MULHER COMPOSITORA E O VIOLÃO DA DÉCADA DE 1970: [manuscrito]: VERTENTES ANALÍTICAS E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO- ESTILÍSTICA**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.
- ANDRADE, Marina de; LAKATOS, Eva. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo, EDITORA ATLAS S.A, 2002.
- ANDRADE, Victória Kellen de; PEREIRA, Cilene Margarete. **MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E GÊNERO: como se cantam as mulheres?** Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 15, n. 1, p. 118-128, jan./jul. 2017
- ATALLAH, Gianne Zanella. **TRAJETÓRIAS MUSICAIS DE ALUNAS E PROFESSORAS DO CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE RIO GRANDE**. Universidade Federal de Pelotas Instituto de Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em memória social e patrimônio cultural, Pelotas, 2011
- BRESSAN, Luiza Liene; MORAES, Heloisa Juncklaus Preis; FURLAN, Erica; MORAIS, Adriana Zomer de. **LITERATURA INFANTIL, RELAÇÕES DE GÊNERO E IMAGINÁRIO: UM ESTUDO SOBRE A EXPRESSÃO DO FEMININO NOS CONTOS DE FADA**. Rev. Memorare, Tubarão, v.5, n.1, p. 3-23 jan./abr. 2018
- CALDEIRA, Larissa. **O silêncio dos arquivos: mulheres compositoras, música, corpos, discursos e apagamentos estético-políticos**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. Intercom – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020
- CHERÑAVSKY, Analía. **O nacionalismo musical e a necessidade de formação do público**. XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM) Salvador, 2008
- COELHO, Mayara Pacheco; SILVA, Marcos Vieira; MACHADO, Marília Novais da Mata. **“Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas”: uma pesquisa sobre o lugar feminino nas corporações musicais**. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG, Brasil, 2014
- CORREIA, Camila Rodrigues; SANTOS, Laila Laenna Souza; FERREIRA, Selma Delia Rosa; LUCAS, Warllan Renata De Sousa; DORNELAS, Kirlla Cristhine Almeida. **“O REFLEXO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NAS ORGANIZAÇÕES”**. Rev. ESFERA ACADÊMICA HUMANAS (ISSN 2526-1339), v. 2, n. 2, 2017
- CUNHA, Laura Cardoso. **Feminaria Musical II: o que (não) se produz sobre música e mulheres no Brasil nos anais dos encontros das associações musicais brasileiras**. In: REDOR - 18º ENCONTRO NACIONAL DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E RELAÇÕES DE GÊNERO, Recife, 2014

- FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. Porto Alegre, 2004
- GARCIA, Cláudia Araújo. **A Fuga da Donzela: Relações entre Mulheres, Violão e Discurso na Cultura Brasileira**. Revista Vórtex, [S.l.], v. 8, n. 3, dez. 2020
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro, 2004
- GOMES, R. C. S.; MELLO, M. I. C. **Relações de gênero e a música popular brasileira: um estudo sobre as bandas femininas**. Da Pesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 500-510, 2019
- GUEDES, Moema de Castro. **A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a idéia da universidade como espaço masculino**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Trad. Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2018
- MURGEL, A. C. A. de T. **Pesquisando as compositoras brasileiras no século XXI**. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, (71), 181-192, 2018
- NASCIMENTO, Jéssica Cisne do. **FEMINISMO, ATIVISMO E MÚSICA**. Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2018
- OLIVEIRA, Marcelo Mateus de. **A APRENDIZAGEM MUSICAL COMPARTILHADA E A DIDÁTICA DO VIOLÃO: UMA PESQUISA-AÇÃO NA LICENCIATURA EM MÚSICA DA UFC EM SOBRAL (CEARÁ)**. Universidade Federal do Ceará - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. Sobral, 2017
- PADRE, Larissa Caldeira Gaspar. **O silêncio dos arquivos: mulheres compositoras, música, corpos, discursos e apagamentos estético-políticos**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020 Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA.
- PORTO, Patrícia Pereira; NOGUEIRA, Isabel Porto. **Imagem e representação em mulheres violonistas: algumas reflexões sobre Josefina Robledo**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM), XVII, São Paulo, Anais... 2007
- RUDIO, Franz. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis, 2007
- SANTOS, Adriana Regina de Jesus. **O IMAGINÁRIO E A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO E DA DOCÊNCIA NA CIDADE DE LONDRINA: CONCEITO, CONTEXTO E IMPLICAÇÕES**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v.18, n.4[78], p.1089-1108,out./ dez 2018
- SILVA, Edna; MUSZKAT, Estera. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis, 2001

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, 1987

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Pró-Reitoria de Graduação. Coordenadoria de Projetos e Acompanhamento Curricular. **Projeto Pedagógico do Curso de Música-Licenciatura da Universidade Federal do Ceará – Campus Sobral**, outubro/2018. Disponível em: <<http://www.musicasobral.ufc.br/v2/wp-content/uploads/2014/07/1-PPC-Musica-Sobral-2019.1-05set19.pdf>>. Acessado em 07 de fev. de 2022

ZERBINATTI, Camila Durães; NOGUEIRA, Isabel; NEIVA, Tânia. **O que estou ensinando quando ensino teoria e análise musical no âmbito do ensino superior? Reflexões sobre neutralidade, silenciamento, representatividade e subjetividades nos campos da análise, teoria, composição e criação musical**. II Congresso da Associação Brasileira de Teoria e Análise Musical, 2017, Florianópolis, UDESC

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Questionário Socioeconômico

Este é um questionário complementar às participantes que já aceitaram participar da pesquisa de TCC intitulada “As Mulheres e o Violão: um levantamento das trajetórias e percepções de formação musical no curso de Música da UFC, Campus Sobral” desenvolvida por Ana Jakeline da Silva, sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira. O objetivo deste questionário é traçar um breve perfil das participantes.

Contato para esclarecimento de dúvidas sobre o questionário:

Email: anajakelinesilva11@gmail.com / Whatsapp: (88) 993321104

*Obrigatório

1. 1. Nome completo: *

2. 2. Idade: *

3. 3. Raça: *

Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena

4. 4. Você é portadora de alguma deficiência ? Se sim, especifique. *

5. 5. Qual a sua atuação profissional ? *

6. 6. Em qual sistema de ensino você estudou no ensino fundamental ? *

Marque todas que se aplicam.

- Público
- Privado sem bolsa
- Privado com bolsa

7. 7. Em qual sistema de ensino você estudou no ensino médio ? *

Marque todas que se aplicam.

- Público
- Privado sem bolsa
- Privado com bolsa

8. 8. Em qual cidade e estado você reside atualmente ? *

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada para a pesquisa intitulada “**As Mulheres e o Violão: um levantamento das trajetórias e percepções de formação musical no curso de Música da UFC, Campus Sobral**” desenvolvida por Ana Jakeline da Silva. Fui informada, ainda, de que a pesquisa é orientada por Prof. Dr. Marcelo Mateus de Oliveira, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail marcelomateus@sobral.ufc.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que, em linhas gerais é **compreender as trajetórias e percepções de mulheres violonistas sobre o estudo do violão no curso de Música - Licenciatura da UFC, Campus Sobral**.

Minha colaboração se fará por meio de entrevista semi-estruturada, através da plataforma Google Meet. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e/ou seu orientador.

Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADA ÀS VIOLONISTAS DO
CURSO DE MÚSICA DA UFC - SOBRAL**

1) Eu gostaria que você comentasse como ocorreu sua trajetória no estudo do violão.

1.1) Estudou violão antes do ingresso no curso de Licenciatura em Música da UFC em Sobral?

1.2) Participou de grupos artísticos? Quais?

1.3) Trabalha ou trabalhou tocando e/ou ensinando violão?

1.4) Qual a sua relação com o instrumento?

2) Na sua percepção, em relação ao estímulo ao estudo do violão no Curso de Música da UFC-Sobral, o que você pode comentar sobre sua vontade de estudar violão durante a disciplina de Prática instrumental e no decorrer do Curso?

2.1) Você tinha vontade de estudar o violão na disciplina de prática instrumental?

2.2) Sua vontade de estudar violão aumentou ou diminuiu durante o Curso?

3) Do ponto de vista de uma mulher, você poderia comentar as dificuldades e/ou facilidades no estudo do violão na UFC-Sobral?

3.1) Dentro das disciplinas de prática instrumental-violão, você percebeu algum tratamento diferenciado por ser mulher?

3.2) Você se sentiu à vontade para tocar violão em outras disciplinas e atividades do curso?

3.3) Como você vê a mulher no contexto musical do violão brasileiro?

3.4) O que você pensa sobre a mulher no cenário violonístico no Curso de Música?

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS FALAS DAS PARTICIPANTES

Rojania Maria - Entrevista realizada em 06/02/2021

1) Eu queria que você comentasse sobre como ocorreu a sua trajetória no estudo do violão. Se você estudou violão antes de ingressar no curso.

- *No meu caso, aconteceu que quando eu tinha 15 anos meu pai comprou um violão pra mim e disse tipo assim: “tu vai aprender a tocar violão”. Não era nem uma ambição minha, era mais uma ambição dele. E aí ele comprou um violão Giannini, até hoje eu tenho, e aí eu não toquei. Dos meus 15 aos 16 anos eu não toquei nada e aí eu decidi: “eu tenho um violão, então eu vou aprender a tocar”. E aí eu fui ver online algumas coisas e, eu toquei por pouco tempo também. Aí, eu entro no curso, e eu não tocava quase nada mais, eu não pegava no violão pra nada. Eu entrei no curso e eu imaginei: “eu tenho um violão”, e eu queria muito aprender algumas coisas específicas do violão porque eu já tinha visto alguma coisa sobre partitura e música clássica no violão, mas eu achava muito complexo. Aí eu me arrisquei pro violão, pra disciplina. Foi na disciplina que eu desenvolvi tudo o que eu sei hoje. Eu considero que eu cheguei sem saber nada de violão, eu aprendi no curso mesmo.*

E você participou de algum grupo artístico, mesmo antes de entrar na universidade ou depois que entrou na universidade?

- *Não. Não cheguei a participar de nenhum grupo não.*

E sobre trabalho...você trabalha ou trabalhou tocando ou ensinando violão?

- *Eu cheguei a fazer um estágio com o projeto Mais Educação na escola. Eu tive que ensinar teoria musical, mas era bem básico mesmo. Isso foi antes do curso. Então eu lia algumas coisas em livros e ensinava, mas foi o único momento. Hoje eu não ensino violão, eu não tenho uma turma, mas eu tenho duas meninas que me pedem ajuda em alguma coisa de violão. Elas têm violão e eu fiquei até de dar aulas pra elas, só que aconteceu uns imprevistos. Mas eu já tava montando um plano de aula, uns materiais pra dar essas aulas pra elas. Eu vou até voltar com essa ideia pra dar especificamente pra elas, mas no momento não dou aula e não trabalho tocando não, na noite ou coisa assim.*

E qual a sua relação com o violão?

- *Eu costumo dizer que é afetiva e terapêutica. Porque por muito tempo, estar bem e tocar violão significava. Então se eu tivesse bem psicologicamente, tocar fluiria bem, entendeu?*

Era o meu medidor de humor por muito tempo. E hoje eu vejo como um aliviante de estresse, então mesmo que estudar violão seja estressante às vezes, é relaxante também, na mesma proporção. Então hoje é uma relação muito de terapia, de gostar do timbre do violão... é a relação afetiva mesmo.

2) Agora indo pro contexto do violão no curso de Música da UFC - Sobral, na sua percepção em relação ao estímulo ao estudo do violão no Curso de Música da UFC - Sobral, o que você pode comentar sobre sua vontade de estudar violão durante a disciplina de Prática instrumental e no decorrer do Curso? Sua vontade de estudar violão aumentou no decorrer do Curso?

- Sim, assim que ingressei no curso eu vi as apresentações de roda de Choro, com o professor Marcelo e vi o Jonas tocando. Então foram as minhas referências assim que eu cheguei, e aí eu fiquei imaginando: “Caramba, eu quero tocar assim um dia”. Eu entrei no curso já no primeiro semestre já querendo ir pro quarto semestre de violão e foi sempre minha meta, então meu maior estímulo foi isso, essas referências que eu fui criando dentro do curso. Então quando eu via alguém avançando, eu pensava “Nossa, eu consigo também”. E foi isso que foi gerando... até você, Jakeline, por exemplo. É uma razão d’eu continuar no violão porque eu vi tu tocar também e cantar e eu pensei “caramba, que coisa bonita!” E foi uma série de estímulos, sabe? Os meus colegas realmente foram os que estimularam, sabe? E o professor também porque o Marcelo sempre acreditou numa coisa que eu nem via em mim. Ele até disse que me esperava no violão IV. Eu tava no violão II ou era no violão I e eu fiquei tipo: “pro IV tem dois semestres ainda. Como assim? Ele já tá me esperando lá”. Aí eu fui tipo pensando nisso: “O Marcelo acredita muito em mim, então eu vou fazer o meu melhor pra que ele não se decepcione”. Então é um outro motivador também.

3) Agora eu queria voltar mais pra parte da participação das mulheres na prática instrumental de violão, que é o foco de minha pesquisa. Do ponto de vista de uma mulher, você poderia falar das dificuldades e/ou facilidades no estudo do violão na UFC-Sobral?

- Como mulher... é muito de não ter referência. Então não ter referência é um peso muito grande, porque você olhar pro homem tocando, você pode achar bonito mas você não consegue se ver naquele papel. E quando eu entrei na disciplina, tinham quatro mulheres, então eu sempre tentava ter equipe com elas. E a minha referência já foi a Mari, a Clara... e aí eu sempre fui fazendo essas aproximações porque realmente é a questão da representatividade. Então eu não via isso e isso na época, me desmotivava. Por um lado era

só eu... por muito tempo era eu contra toda aquela roda de pessoas masculinas ali, um ambiente muito masculino. Então não ter referência é meio complicado. Eu acho importante. Hoje, quando eu vou tocar uma peça, eu coloco no Youtube e eu não vou ver vídeos de homens tocando, apesar de eu ver, mas eu vou focar em mulheres. Tipo, “Se ela perguntar” que eu tô estudando, até agora eu devo ter visto dois vídeos com homem. Mas todos os vídeos que eu vou ver são com mulheres. É tanto que meu Youtube já sugere. E aí eu me sinto muito mais representada assim.

E dentro das disciplinas, você percebeu algum tratamento diferente por ser mulher?

- Por parte do professor não... por parte dos alunos sim. Por parte dos alunos eu já vi uma situação de acharem que eu ia reprovar porque eu tava fazendo dupla com uma mulher. Chegaram e falaram assim: “Tu vai fazer dupla com essa menina? Tu vai é reprovar”. E eu ganhei dez nesse semestre... eu achei um vacilo tão grande! Foi tão impactante no dia que esse menino fez esse comentário, que eu nem soube o que responder. Por quê? Fazer com ele ia me trazer uma aprovação? Eu não acho. Eu preferi fazer com a menina que eu fiz, porque teve um lance de empatia, porque ela sabia coisas que eu não sabia: questões de harmonia e melodia eu tenho mais dificuldade de fazer separadas, então quando a gente foi estudar juntas, ela foi com muita paciência, sabe? Coisa que eu não via com os meninos: eles têm o tempo deles e eles vão trabalhar no tempo deles. E tipo, cada um se vira ali. Não essa de “Ah, vamos esperar”.

E você sentiu vontade pra tocar violão nesse espaços? Na disciplina, ou em extensões ou outros grupos dentro da universidade?

- Na disciplina não tanto, antes. Hoje em dia já tenho. Então eu acho que, por exemplo, em quatro semestres eu já tenho essa segurança no 4º. Hoje eu vou tocar e eu já não tenho essa preocupação porque eu sei que o ambiente já é outro pra mim, né? Os meus colegas hoje, eu me sinto mais confortável com eles, sabe? Um conforto muito maior, um apoio muito maior, então eu não sinto esse problema, mas nos primeiros semestres era pesado. Tipo, até improvisar uma coisa simples era meio complicado porque os caras chegavam e mostravam tudo o que sabiam em um só minuto. E aí, eu cheguei sem saber nada, e dava passos lentos, né? Eu tinha muito esse problema.

Como você vê a mulher no contexto musical do violão brasileiro?

- No momento eu só conheço duas: a mulher do Yamandú, que eu não sei pronunciar o nome dela...

Elodie... Elodie Bouny

- Sim. E tem uma moça que é de Minas Gerais que participou do Desvairadas.

A Beatriz.

- Sim. São as únicas que eu tenho como referência a nível nacional porque chegou até mim. Não fui buscar ainda, mas foi o que chegou até mim e eu peguei como referência, mas óbvio que tem muito mais. A nível nacional eu vejo que não tem muito espaço pra mostrar que existe, sabe? Porque são muito poucos os meios que vão aparecer. Tipo, de vez em quando eu vou ver alguns festivais, na TV aberta mesmo, e não tem violonista mulher. Por exemplo, eu já vi documentários, apresentações de uma hora ou duas só de homens tocando. Aí eu não vejo a representatividade no cenário nacional.

Uma última pergunta: o que você pensa sobre a mulher no cenário violonístico no Curso de Música?

- Eu espero que tenha mais, sabe? Eu espero que tenha muito mais... eu espero que muito mais meninas vão pro violão avançado. Porque, não é ir pro violão avançado pra mostrar alguma coisa pras pessoas, porque o violão avançado não mostra que você é bom, mas mostra que você tá querendo se aperfeiçoar em algo e, eu quero que as meninas vão pro violão avançado pela questão de ser referência assim que elas ingressarem no curso. Então, quando elas chegarem no primeiro semestre, elas possam olhar pro quinto e ver outra menina tocando e se imaginarem. Então o papel que eu vejo da mulher no violão na UFC, é um papel político e de ter espaço. Eu tinha até falado com a Layze: hoje, tocar violão pra mim não é nem uma questão só de gostar, mas um ato político... é necessário que eu faça isso.

Myllena Oliveira - Entrevista realizada em 09/08/2021

1) Eu queria saber primeiramente como ocorreu a sua trajetória no estudo do violão.

- No estudo do violão em si, eu comecei antes de entrar na faculdade. Sempre gostei de violão e queria tocar algum instrumento, sempre achei muito bonito e foi quando eu comecei a pesquisar por video aulas online, como fazer um acorde... enfim. E quando eu entro na UFC, eu já tinha algumas noções básicas. Mas o estudo do violão não era nada do que eu imaginava. Tem um aprofundamento bem maior dentro, no estudo do violão. No meu primeiro semestre foi um baque pra mim: ainda não era o professor Marcelo. Ficou outro professor, assim que eu entrei, entrei eu não me dei muito bem com a metodologia dele e fiquei muito

dispersa nesse primeiro semestre. No segundo semestre, quando o professor Marcelo entrou, tinha muitas coisas que eu ainda estava perdida, mas eu consegui acompanhar devagarzinho. No meu terceiro semestre, eu entrei na mesma turma da Juliana, se não me engano e foi ela que me ajudou muito também no estudo do violão e também no quarto semestre, acho que finalizei trabalho com a Juliana também no violão. Confesso que eu não me vejo violonista. Eu gosto do violão pra acompanhamento. Então eu não quis me aprofundar e continuar em violão. Eu uso o violão mesmo pra acompanhamento, pra eu ter uma noção maior, pra eu conseguir acompanhar minhas turmas...e o violão, pelo menos com o professor Marcelo, é muito pra quem quer ser violonista mesmo, né? Ele trabalha muito isso, trabalha partituras e não era uma coisa que eu não gostava, sendo bem sincera. Eu fiz mesmo porque precisava fazer, mas não era um estudo muito prazeroso pra mim.

Então a sua relação com o violão, como é que você pode dizer que é?

- Pronto, minha relação com o violão é mesmo pra acompanhamento. Violão básico mesmo pra acompanhamento, pra que eu consiga acompanhar em aulas de canto.

Então você trabalha ou trabalhou tocando violão ou ensinando violão?

- No ensino de violão eu trabalhei com o infantil, trabalhei na Ivana Sá, ensino básico mesmo do violão

E sobre participação em grupos artísticos, você teve alguma?

- Eu participei da Orquestra de Violões na UFC, participei também do 3x4, que a gente se dividia ali e tocava umas músicas no violão e cantava...enfim.

2) Sobre o estudo do violão no contexto do curso de música da UFC-Sobral, na sua percepção, o que você pode comentar sobre o estímulo ao estudo do violão no curso?

- Quando eu entrei, eu tinha outra mentalidade do que era estudar violão. Aliás, eu só estudava na internet. E no curso, como eu já falei, é muito pra quem quer ser violonista. A disciplina de violão é muito pra quem quer ser violonista mesmo, ela é muito formada nesse trabalho e não era o que eu queria. Então, foi me desestimulando ao longo do tempo.

3) Agora de outra perspectiva, do ponto de vista de uma mulher, o que você pode comentar sobre as dificuldades ou facilidades no estudo do violão na UFC-Sobral?

- Durante meus dois ou três semestres, eu era a única mulher na minha turma de violão. Então era só eu de mulher e vários homens, então eu acho que falta muito essa parte de estímulo feminino mesmo pra o violão. Acho que é uma área muito masculina, que tem muitos homens e eu me sentia muito solitária. É tanto que quando eu entrei no mesmo semestre que a

Juliana entrou, eu me senti bem mais acolhida, porque eu me sinto mais à vontade com uma mulher do meu lado, né? De estudar com uma mulher do que com um homem. Nada contra, mas acho que é coisa minha mesmo. Então eu me sentia à vontade: “Juliana me ajuda aqui, me ajuda aí”. O professor Marcelo sempre foi muito aberto a ajudar, mas eu me sentia mesmo à vontade com uma mulher, que no caso era a Juliana, que me ajudou muito ali ao longo dos últimos semestres.

Você percebeu algum tratamento diferenciado, nesse contexto, que você diz ser masculino, só pelo fato de você ser mulher?

- Não. Nunca senti um tratamento diferente não...acho que foi bem igual pra todos. Só me senti um pouco excluída, né? Por ser uma das únicas mulheres dentro da turma, mas fora isso não.

E nesse contexto ainda, você se sentiu à vontade pra tocar violão em outras disciplinas, ou atividades do curso, extensões?

- Não. Tiveram algumas disciplinas que eu toquei violão, mas porque não tinha outras pessoas e eu tinha que tocar, mas não que eu me sentisse à vontade pra tocar porque eu não queria tocar.

E como você vê a mulher no contexto musical do violão brasileiro?

- Então, eu acho que ao meu ver faltam representatividades femininas, eu acho que tem pouquíssimas. Pelo menos durante a disciplina, acho que poucos exemplos femininos... é sempre mais masculinos, sempre nessa área masculina, em homens violonistas e que tem estudo e, eu acho que falta um pouco das mulheres ali como essa área.

Israela Aragão - Entrevista realizada em 09/08/2021

1) Eu queria saber como ocorreu o seu estudo, a sua trajetória no estudo do violão.

- Em linhas gerais ou dentro da universidade?

Em linhas gerais. Antes de você ingressar no curso de Licenciatura em música.

- A minha experiência com o violão antes de entrar na universidade era muito amadora. Eu não gosto muito dessa palavra, mas era. Porque o meu contato com a música foi através de projetos musicais no meu município. E dentro desses projetos havia um projeto de ensino de violão e eu participei dele, mas foi por um curto período, coisa de seis meses e eu participei e aprendi o básico do básico, né? O nome das cordas, o corpo do instrumento em si, fazer os

primeiros acordes simples, as tríades... e foi esse o meu primeiro contato. Porque a minha entrada no curso de música, tem muito mais relação com o fato de cantar do que o fato de tocar. Não me identificava muito tocando, e aí o meu primeiro contato com o instrumento foi esse. Por isso, por já ter essa mínima vivência com o violão, que era um instrumento harmônico que me interessava, justamente por ser um instrumento de acompanhamento para o meu canto, eu me direcionei para o violão na universidade. Não só por isso, outras questões como a acessibilidade de um instrumento tanto em termos financeiros, quanto em termos de você se locomover e levar os instrumentos pros lugares. É um instrumento que funciona sem necessariamente você precisar plugá-lo. Então a minha trajetória com o violão é muito breve, eu considero muito breve porque ela aconteceu por cerca desses seis meses antes da graduação e depois que eu entrei na graduação, ela aconteceu digamos assim, ininterruptamente por dois anos, que foi o tempo que eu cursei o instrumento na UFC.

Você participou de algum grupo artístico, fora ou dentro da universidade?

- De violões, especificamente?

Sim, de violões.

- Eu participei da Oficina de violões, que era um curso de extensão, feito pelo professor Marcelo, mas isso foi bem no começo, foi no meu primeiro, segundo semestre, acredito. Eu não tenho mais recordação se foi seis meses ou se foi um ano inteiro, mas participei durante esse período, fora a disciplina.

E você trabalha ou já trabalhou tocando ou ensinando violão?

- Não, violão especificamente não. Eu toco, como já disse porque preciso tocar pra me acompanhar e porque como eu tava, porque agora estamos em uma pandemia, mas quando eu comecei a dar aulas de canto particular, para acompanhar os alunos nas músicas que eles queriam cantar, no acompanhamento do repertório deles, aí eu tocava para acompanhá-los, mas dando aulas especificamente de violão não. Nunca trabalhei dando aula específica de violão não.

Então você pode dizer que a sua relação com o violão é mais pra acompanhar os alunos ou se acompanhar. É isso?

- Sim, eu diria que sim. Seria muito hipócrita da minha parte, dizer que eu sinto o mesmo prazer tocando que eu sinto cantando, o que não é verdade. Mas isso não quer dizer que eu não gosto do instrumento, gosto bastante, acho um instrumento incrível, gosto de tocar, mas

eu não tenho o mesmo prazer do que cantar, mas é óbvio que me ajudou muito no canto, foi um amparo muito importante no canto, ajudou demais.

2) E voltando o pouco olhar pro estudo do violão no contexto da universidade no curso de música da UFC-Sobral, na sua percepção, em relação ao estímulo do estudo do violão, o que você pode comentar sobre a sua vontade de estudar violão, durante a disciplina e no decorrer do curso de música?

- Assim, eu me sentia motivada a estudar violão na disciplina: sim e não. Me sentia motivada porque é óbvio que quando você começa a descobrir as coisas e a aprender um pouco mais, e a desvendar o que antes pra você era muito nebuloso, muito difícil, você se anima pra continuar estudando. Então eu sentia prazer em entender como se forma um acorde, em saber reproduzir esse acorde...mas ao mesmo tempo eu achava muito complicado e sentia que a gente era muito preso, às vezes. Óbvio que eu entendo que a técnica é importante, eu sou professora de técnica vocal então é óbvio que a técnica ampara a prática. Mas às vezes eu sentia que a gente era um pouco preso nessa coisa da técnica... eu acho que uma coisa que pega muito, e não tem culpa de ninguém, nem nada específico, é a questão do repertório. O violão é um instrumento popular, né? Ele é bem popular. Praticamente todo mundo conhece alguém que tem um violão, muitas pessoas tocam violão... e eu acho que é importante que ele seja um instrumento popular, inclusive pra gente conseguir fazer valer essa história de que música é uma coisa acessível, que todo mundo pode tocar. Então eu acho que quando a gente tem certos tipos de repertório um pouco mais afastados da nossa realidade, um repertório digamos mais erudito, a gente começa a perder um pouco o prazer de tocar porque você não se identifica com aquilo. Porque quer queira ou não, a gente toca e a gente canta obviamente o que a gente gosta, o que a gente se identifica, o que a gente sente prazer em fazer. Eu acho super importante, óbvio inclusive, quem está num curso superior de música, que a gente tenha uma variedade de repertório, isso é óbvio. Assim como quando eu vou falar de canto popular, eu também vou fazer paralelas com o canto erudito. Mas me sentia motivada pra estudar, pra aprender? Sim, mas como eu já falei eu não sentia esse: "Uau" que prazer, hoje eu vou tocar na disciplina!" Não sentia. Em Alguns momentos pontuais sim, por exemplo, quando a gente tava nos últimos semestres... acho que esse momento, não só pra mim, lógico que eu tô falando por mim, mas que eu ouvia conversando com os colegas, quando a gente chegava na época de construir arranjo pro violão. Nenhum de nós, pelo menos eu, nunca tinha arranjado pra violão na minha vida. Fazer arranjo é uma coisa complexa. Mas mesmo

sendo uma coisa difícil, pelo menos pra mim foi, não achei fácil fazer um arranjo de violão... quando se tem a oportunidade de arranjar uma música que você gosta, no instrumento que você tá aprendendo a tocar é mais prazeroso. Então nessas épocas eu tinha mais prazer. Ou a gente tocava um repertório um pouco mais popular, que eu me identificava, eu gostava mais... mas assim, honestamente não era: “Nossa, uau, hoje eu vou tocar todas as escalas e construir aqui os acordes e as inversões e aprender...”. É óbvio de novo, eu sei que isso é super importante, e nossa, me ajudou muito e é fundamental, fundamental mesmo. E esses são os paradoxos, né? Eu entendo que a gente não consegue só tocar o que a gente ama lindo e maravilhoso porque a vida não é assim, mas eu acho que é um sentimento um pouco híbrido... às vezes sim, mas talvez a maior parte das vezes não.

3) Agora eu queria falar mais de uma parte sobre a sua participação como mulher na prática instrumental de violão. No seu ponto de vista, como uma mulher, o que você pode comentar sobre as dificuldades ou facilidades no estudo do violão tanto na disciplina quanto no curso?

- Nossa, falar de ser mulher fazendo música é uma coisa que me atravessa muito e especificamente em instrumentos como o violão. A gente ainda tem muito uma cultura, primeiro de que como eu disse: eu entrei na música pelo canto, aí já te colocam numa caixa de que você “é só cantor”. Como se ser cantor não fosse uma coisa importante, como se a música não começasse pela voz, mas tudo bem. E depois que te colocam nessa caixa do “é só cantor”, quando você entra pra cursar uma disciplina que é majoritariamente composta de homens... porque assim, eu entrei na música em 2012 e saí em 2019, então fiquei lá sete anos, porque entrei lá duas vezes. A minha primeira turma era composta majoritariamente por homens, mas tinham mais mulheres. A última turma que eu fiquei, que foi a que eu cursei em 2016 quando voltei pro violão I e fiz tudo de novo, se não me falha a memória só havia três mulheres. Todo o resto eram homens e sobretudo, dessas três, a que mais se posicionava e tinha digamos uma voz um pouco mais ativa, era eu. Porque as outras duas meninas eram mais quietas e na delas. E aí quando você é mulher nesses ambientes, e você tem o costume de se posicionar, automaticamente você é mal vista. E mulher, como eu já disse, colocam muito a mulher na caixinha do “só cantar”. Então quando você tem uma mulher que toca, parece que as pessoas encaram como se tivesse alguma coisa fora do lugar. Aconteceu uma vez, por exemplo, não com os meus colegas de turma, mas com um outro colega de eu comentar que eu já tinha terminado um instrumento e :”Ah, fez que instrumento?” “- Fiz violão, já terminei” “Ah, pois toca aí pra eu ver se tu sabe tocar”. Esse comentário não seria

feito para um homem. Como nunca foi feito, eu nunca presenciei esse comentário sendo feito para um homem. Eu nunca vi um colega precisando tocar a escala ou um acorde com sétima, ou seja lá o que for, pra demonstrar que ele sabia tocar. E aí eu falei “Eu sei tocar, eu não preciso provar pra você que eu sei tocar. Se você quiser, pergunta ao professor lá as minhas notas, as avaliações... enfim. Então a minha experiência como mulher dentro de uma turma de violão, foi tranquila na medida do possível... não posso dizer que foi traumático mas sim, vivenciei algumas situações que eu considero complicadas. Não sei se é o viés da tua pesquisa, mas algumas situações que eu considero machista sim, por parte de colegas, não só de colegas³², mas por parte de colegas também e como eu falei: quando você tá ali num lugar que “aparentemente” não é pra você estar, tudo o que você faz... das duas uma: ou você é incrível, magnífica “Meu Deus!” Porque você toca e eu nem sou, não me considero instrumentista, como se mulheres não pudessem ser boas instrumentistas. Eu falo porque quando eu entrei na Música, me sugeriram todos os instrumentos que tu possa imaginar, menos o violão; menos os instrumentos ditos masculinos. Então “Ah, faz violino, porque combina com você, combina com a sua imagem”, “Ah, faz flauta porque combina com você, combina com a sua imagem”. Ninguém disse “Faz violão”, sabe? Se a gente tivesse bateria no curso, ninguém ia dizer “Faz bateria”. Então são essas pequenas coisas assim, mas a minha vivência dentro da disciplina apesar de como eu te falei, de ter tido algumas experiências onde eu me senti silenciada e eu não pude talvez opinar... até pude, mas a opinião foi levada pra outro viés. Tá, se você não queria ouvir a opinião dos alunos, então não perguntasse. Então assim, me senti um pouco silenciada, um pouco chateada, um pouco constrangida, mas entendo que essas coisas vêm de uma raiz de uma educação muito ainda voltada para os homens não estarem acostumados à mulheres questionando determinadas coisas e, quando eu digo questionando eu não tô falando de você desrespeitar ninguém, de você se colocar acima de figura nenhuma, sobretudo de professor; eu tô falando de você realmente dizer “Olha, eu não concordo”, de você ser assertiva: “Poderia ser assim?”, “Eu gostaria de fazer desse jeito”, “Eu não me sinto à vontade dessa forma”... então foi basicamente isso. Não sei se respondi o que você queria.

³² Este termo refere-se ao pronome neutro: uma linguagem que ainda não está inserida formalmente na língua portuguesa, mas está sendo utilizada por adeptos à esta gramática no cotidiano da sociedade, no Brasil do século XXI.

Respondeu, claro, respondeu sim. Eu gostaria de aproveitar essa parte e perguntar se você sentia à vontade pra tocar nos espaços, principalmente da universidade: em disciplinas ou extensões, atividades do curso. Você se sentia à vontade?

Não. Não me sentia e não me sinto até hoje. Até converso às vezes com algumas colegas, que depois que eu terminei o instrumento, eu fiquei um ano sem tocar no instrumento, sem pegar. Eu brinco dizendo que é o trauma. Mas o violão não tem nada a ver com isso, né? São as experiências da própria UFC. Não me sentia à vontade por “n” motivos. A gente sabe que no meio musical existe uma coisa de ego muito grande, né? Parece que se você não estiver fazendo música pra competir com outra pessoa, você não tá fazendo música e, a minha intenção no curso de Música não era competir com ninguém, era aprender a fazer música, aprender algo além do que eu já sabia, que eu tinha noção que era pouco, mas eu que também sabia que eu poderia aprender. Não me sentia à vontade, sobretudo em processos avaliativos... todo mundo passa por isso, né? Você toca super bem, aí na frente do professor você não sabe nem mais o seu nome. Não me sentia à vontade, sobretudo em processos avaliativos... não me sinto até hoje, tanto é que eu falo que eu não me vejo instrumentista. Eu sempre falo que eu toco porque eu canto e toco pra me acompanhar, mas eu não me entendo instrumentista, não sei se vou me entender algum dia... não sei se vou fazer as pazes um dia com esse termo aí, acho que são outros processos também, mas eu não me sentia à vontade, tanto por essa questão de não me ler instrumentista, como também por uma questão que a gente sabe, que eu até comentei na pergunta anterior, que existe uma coisa do julgamento sim, muito forte. Falo por parte mesmo, inclusive, de colegas, sabe? O nosso curso, infelizmente, eu sei que não sou só eu que tenho essa leitura, mas o nosso curso tinha muito sim uma questão de quem são as pessoas que sabem fazer as coisas, né? Então, se o fulano de tal é bom cantando, é só ele que canta. Se o fulano de tal é bom tocando, então só ele que toca. Aí a galera que parte como eu, do nada, ou então do meio do caminho, porque eu não parti do nada no canto porque eu já cantava, mas eu parti do nada no instrumento... se você pegar uma pessoa que nunca tocou e fazer ela se sentir à vontade pra tocar na frente de outras pessoas que tocam há quinze, vinte anos... porque minha turma era assim; eu não tocava violão e tinha uma pessoa do meu lado que tocava violão há quinze anos. Então é muito discrepante isso... é muito discrepante. Aí você fazer uma pessoa que nunca tocou na vida, se sentir à vontade de tocar na frente de uma pessoa que é “Uau!”, que é um virtuoso do instrumento, porque também tem isso né? Que se você não for um virtuoso você não toca;

e você fazer essa pessoa se sentir à vontade, tem que ter todo um trabalho de acolhimento e sobretudo, eu acho, de humanizar o erro, né? De entender que todo mundo erra quando tá aprendendo, sobretudo num instrumento musical, sobretudo que não é pecado você errar quando você tá tocando e que é esse o processo. E o nosso curso tinha muito essa coisa, não sei se ainda tem porque eu saí de lá em 2019, mas tinha muito...durou por alguns anos essa coisa dos nichos: “Ah, tem um grupinho de fulano de tal que toca não sei aonde”. Lógico, é normal, as pessoas se identificam por grupos e eu também tive grupos lá dentro, formei um grupo vocal, mas eu acho que é tão complicado esse negócio assim. Sabe aquela história do: “Não, todo mundo pode participar”, mas não é todo mundo que pode participar... não é, a gente sabe que não é. É todo mundo que pode participar, mas se você aqui tá começando a aprender a tocar, você vai tocar só uma corda do violão a música todinha. Então eu não sei até que ponto, né? Acho que é complicado você fazer uma pessoa se sentir à vontade, quando ela sente que o que ela tá fazendo é, uma palavra até pesada, entre aspas, besta. É bobo, sabe? Você não se sente fazendo música, você não se sente parte daquilo, você não se sente participando, você não se sente acolhido.

Mas você acha que o fato de você não se sentir à vontade pra tocar nos espaços da universidade, tem a ver também com o fato de você ser uma mulher no meio de um ambiente masculino?

- Sim, nossa, demais. Também. Não vou dizer que é o fator principal, porque na verdade eu não sei se é o fator principal; eu acho que tem outras coisas aí envolvidas. Mas sim, também... isso também. Fazendo uma comparação que não necessariamente tem a ver com o violão.. por exemplo: essa mesma pessoa, esse mesmo colega de curso, e olha só, era uma pessoa que tinha entrado e tava no primeiro semestre, e eu já estava na UFC há anos, já tinha terminado o violão e, era na época que eu tava dando monitoria de solfejo...ele era uma pessoa que, entre aspas, era aluno meu, participando da célula de solfejo e, ele ficava questionando. Uma vez eu fui dar uma aula de solfejo e tava tudo ok, tudo certo, tava todo mundo entendendo e ele ficava interrompendo a aula o tempo inteiro pra ele explicar o que eu tava explicando. Aí eu perdi a paciência e eu perguntei se ele queria ir pra frente explicar, se ele explicasse melhor não teria nenhum problema, e falei calmamente: “Não tem nenhum problema, se você explicar melhor eu sento e assisto; tô aqui pra aprender com vocês”. Então, com certeza tem esse fator também envolvido. Eu não sei se é o principal, honestamente. Eu acho que tem outras coisas que pegam mais ,no machismo dentro do curso

de Música, do que isso especificamente, mas com certeza. Você começa, olha... vamos observar o corpo docente do curso de música: quantas mulheres têm nesse corpo docente? Quantas mulheres instrumentistas têm nesse corpo docente? Será que é porque as mulheres não se interessam por instrumentos? Eu acho difícil, tem muita mulher que toca muito bem, sabe? Então é um ambiente majoritariamente masculino, e a gente sabe por ser mulher que por mais que a gente acredite que isso não influencia, influencia na maneira que a gente se comporta, se posiciona, fala... a gente tem medo de sofrer represálias... então sim, tem um elemento muito forte aí de eu não me sentir confortável por ser um lugar muito masculino e, geralmente, não sei se todos, mas os violonistas virtuosos eles têm um ego absurdo... então tem esse elemento aí. Não sei se é só isso, mas com certeza tem uma grande influência; digamos que, se a gente pensar em porcentagem, 70% talvez.

Bastante coisa então, né? E fazendo uma pergunta bem abrangente agora, como você vê a mulher no contexto musical do violão brasileiro?

- Vou retomar inclusive a reflexão anterior: se a gente começar olhando pro corpo docente do nosso curso, a gente não tem uma equidade de homens e mulheres, né? Independentemente se ensina violão, teclado ou seja lá o que for. E aí, as mulheres têm uma história muito apagada dentro da música. Não só dentro da música, dentro da história como um todo. Mas dentro da música sobretudo. Quando você me pergunta do contexto do ensino do violão, eu fico tentando catar aqui na minha cabeça alguma referência e eu não posso afirmar com 100% de certeza, porque já faz um tempo que eu saí da UFC, mas eu não me lembro da gente ter tido... por exemplo: a gente estudava peças de violão erudito, aí tem Garoto, tem outros e, eu não lembro de um nome feminino. Eu não lembro da gente estudar uma peça feminina. Eu lembro que as referências eram Nelson Faria, como é até hoje... eu não lembro de ter uma referência de mulher, de exímia violonista. Provavelmente eu devo ter visto em algum momento, o professor deve ter levado um vídeo ou outro de uma mulher tocando muito bem, mas eu não lembro de ter essas referências. Então a minha visão da mulher no meio musical é de que a gente ainda passa por esse apagamento histórico. Por esse apagamento do sexismo, né? Que é o lugar da mulher na música, o que não é o lugar da mulher na música. Geralmente o lugar da mulher na música ou é ensinando técnica vocal e canto, porque as pessoas acham que técnica vocal e canto é, entre aspas, mais fácil ou é tocando um instrumento que as pessoas acham, entre aspas, mais bonitinho, mais sensível pra mulher, como instrumentos mais agudos, né? Geralmente é flauta, violino...instrução de instrumentos

menores. Então acho que tem um apagamento aí histórico muito grande, tanto porque a gente não tem muitas referências, não me lembro dessas referências no ensino de violão, quanto por uma questão mesmo de machismo, e sexismo. É que a pergunta que você me fez é muito abrangente assim...eu fico tentando focar na resposta do violão, mas vai um TCC sobre isso, sobre a gente ver colegas tripudiando de outras colegas que fazem um trabalho musical tão bom, às vezes até superior do que o deles e achar que não é tão bom simplesmente porque é uma mulher que está fazendo. Não dizendo “Ah, você não faz isso bem porque você é mulher”, mas por exemplo, tem uma colega do curso que uma vez ela me contou que tava trabalhando em um lugar específico e tinha um cara que trabalhava junto com ela, que não tem formação específica em música, mas é um músico famoso em Sobral, e ela foi fazer uma apresentação, chegou lá e ele disse: “Essa fulaninha aí...” e disse o nome do instrumento dela; vamos supor que ela é flautista: “Essa flautistazinha aí que vai tocar a gente?”. A menina na graduação em música, e ele não. Como eu já passei, por exemplo, de um professor substituto do violão chegar aleatoriamente, no primeiro dia de aula dele, se apresentar pra turma, chegar pra mim na frente de todo mundo e falar que eu deveria ter escolhido outro tom pra cantar música. Aleatoriamente, sendo que o tom que eu tinha cantando tava ok, tinha dado tudo certo, tava tudo bem... mais autocrítica do que eu com meu trabalho, não existe...então assim, chegar e dar uma opinião, que é uma coisa que eu jamais... eu jamais chegaria pra um homem que é violonista e diria “Olha, eu acho que você deveria tocar essa música em outro tom, porque eu acho que ela não funciona desse jeito, porque eu não gostei do que eu ouvi”. E o cara se achar no direito de vir dizer pra mim que eu tenho que cantar em outro tom porque ele não gostou! Só porque ele tem uma certa projeção no meio musical sobralense, sabe? Essas coisas assim... esses micromachismos, essas microviolências.

Kátia Sousa - Entrevista realizada em 10/08/2021

1) Primeiramente, eu gostaria de saber como ocorreu a sua trajetória no estudo do violão.

- Eu já tocava violão antes de entrar na universidade, já tinha contato com a música antes do curso de música. A intenção inicial era ir pra cordas graves, que é o violoncelo, que eu tava tocando na época, né... e toquei a faculdade inteira com a OSUFC³³. Só que não tinha professor de cordas graves, só tinha professor de cordas agudas, né? Então eu pensei: “Não,

³³OSUFC - Orquestra Sinfônica da UFC Sobral

eu vou pro violão porque aí eu tenho uma oportunidade de aprofundar o conhecimento nele, no instrumento”. Conhecia, mas não era... era aquele básico, tipo tríades, sabe? “Dó, Mi, Sol” e pronto. E aí eu fui pro violão já no primeiro semestre e, entrei nele e não mudei de instrumento, né? É obrigatório no decorrer do curso... e fiquei nele os quatro períodos obrigatórios.

E como você aprendeu a tocar antes da Universidade?

- Eu já sabia tocar antes da Universidade, mas assim o Marcelo faz o esquema já com quatro notas, né? Ele já inicia... eu não sei como é que tá agora, mas antes na minha época, já era com tétrades, né? Ele já entrava com as tétrades. E aí eram acordes que alguns eu já conhecia mas não tinha tanta prática. A gente acaba fazendo o primeiro semestre inteiro, todas as músicas são tétrades e não passa pelas tríades. O que eu tinha mais base eram as tríades e aí eu me aventurava, uma vez ou outra na tétrades; aí já no violão I, a gente já faz tudo dentro do universo das tétrades e da questão dos arranjos, né? O Marcelo junta as turmas, no caso I, III e II e IV pra se apresentarem no EncontraMus³⁴ com os arranjos, então divide primeira, segunda, terceira voz e vai tocando. Então essa foi uma outra perspectiva também, que eu não tinha participado ainda. Eram mais acordes, mesmo fazendo música, tocando a parte harmônica e não dividindo um violão em vozes.

Nessa perspectiva, você trabalhou em grupos artísticos dentro ou fora da universidade, especificamente relacionados ao violão?

- Na época que eu entrei, eu entrei na turma com a Israela... tinham poucas mulheres na minha turma, mas ainda assim foi a turma que, eu não sei como é que tá agora, mas na minha turma tinha, pra uma perspectiva das turmas passadas tinha uma quantidade boa. O violão me levou até o Caboclas, né? Que foi um dos primeiros grupos que eu toquei dentro da universidade. Os ensaios aconteciam lá dentro naquela época, a grande maioria era aluna do curso ainda e aí as meninas faziam mais a parte de voz e geralmente quando elas iam tocar, convidavam alguém pra fazer o violão, mas não era uma pessoa fixa. Até que elas decidiram chamar uma pessoa fixa pra tocar o violão e obviamente que fosse mulher e na época o convite veio pra mim, então a prática de violão obrigatório me deu essa oportunidade de entrar no Caboclas.

E sobre a questão de ensinar: você trabalha ou trabalhou ensinando violão?

³⁴Mostra de música da UFC Sobral, que ocorre a cada final de semestre com o intuito de mostrar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos ao longo do semestre.

- Sim, eu já dava aula antes de entrar na universidade, né? Ainda no esquema das tríades. O que aconteceu foi que amplia o leque, foi isso que a universidade fez com toda a minha formação. Eu já tocava antes, mas a universidade abriu assim, sabe? Eu consegui ver mais longe, enxergar mais coisas a partir da perspectiva do professor da universidade de modo geral. No caso do violão, foi começar a pensar, por exemplo o instrumento como solista, isso foi uma coisa que eu achei muito bacana, que não me era uma realidade, mas que a partir da universidade, você começa a pensar que “Oh, dá certo fazer isso”. Apesar de que eu tive muita dificuldade nessa adaptação do violão solo.

E como você pode dizer que é a sua relação com o violão?

- Olha, agora tá boa, tá tranquila...eu consigo pegar sem traumas. Mas eu confesso que na época da universidade foi um período bem complicado, sabe? Os quatro primeiros semestres nem tanto. O primeiro semestre, por exemplo, eu lembro que foi tranquilo, sabe? Eu lembro que eu passei por ele sem grandes dificuldades, mas isso muito por conta da bagagem que eu já tinha do violão anteriormente. O segundo semestre já foi ficando um pouquinho mais complicado. O meu terceiro semestre não foi com o Marcelo, foi na época que ele saiu pra pesquisa de doutorado, se não me engano. E a gente pegou um semestre com um professor substituto e aí a gente vinha num esquema das aulas do Marcelo, porque o Marcelo tem as coisas muito regradas, ele é bem metódico. Então a gente pegou um professor no terceiro semestre que nem de longe era parecido. Aí isso deu um probleminha porque eu acho que na minha turma de terceiro semestre, ficou um pouquinho prejudicada, sabe? Porque a gente já era pra avançar, a começar a fazer leitura de peça solos, talvez ali no terceiro e gente não conseguiu fazer de jeito nenhum. Eu lembro que eu acho que a gente aprendeu uma única música o semestre inteiro, sabe? Enquanto o Marcelo às vezes coloca dez músicas num semestre pra gente apresentar. Então aí foi um período conturbado, eu acho que isso deu uma prejudicada. Mas no quarto semestre o Marcelo volta e a gente tem um problema porque o Marcelo volta com a parte metódica dele do quarto semestre dele e tem que fazer. Então a gente vinha bem, teve uma queda no terceiro e a gente teve que dar um salto no quarto de novo, sabe? Aí eu lembro que a gente teve que fazer uma peça solo, tinha que apresentar no *EncontraMus* uma peça solo a primeira vez, nossa... foi terrível. Era o terror da turma, sabe? E aí pra tocar você tem que treinar todo dia, só que você cria um trauma e você não consegue. Foi o que me aconteceu ali no muito no quarto semestre. Eu ainda tentei fazer

violão cinco, mas acabei desistindo porque de fato não tava dando pra mim, sabe? Mas foi mais ou menos isso aí que aconteceu.

2) A sua vontade de estudar violão no decorrer do curso, como você pode dizer que ela foi se desenvolvendo? Você acha que ela aumentou ou diminuiu?

- Olha, eu acho que vontade sempre todo mundo tem, sabe? Tipo a minha turma...tive uma turma muito boa. A turma de 2016. As meninas se ajudavam bastante, sabe? Pra chegar até o final, tinha uma vontade, tipo: “Vamos terminar, vamos coesas, vamos tentar chegar todo mundo junto”, sabe? E acabava que isso dava um gás também. Só que quando eu passei e terminei violão IV, pra ir pro violão V, poucas pessoas continuam, né? Porque não é a parte obrigatória e eu lembro que só tinha eu de menina na turma. Então ficava um pouco complicado, eu tinha de fato muita dificuldade pra leitura, porque a gente teve que fazer um salto, né? A gente tinha uma peça solo pra fazer no quarto semestre e no violão V, na minha eram dez. Você tinha que escolher dez músicas pra fazer e a gente só tinha tido um semestre de leitura de violão, sabe? E é complicado porque é uma outra dinâmica e então pra mim, eu tinha vontade mas eu tinha muita dificuldade na questão da prática, né? E isso acaba desestimulando porque quando você não consegue ver as coisas acontecendo, você acaba perdendo a vontade de fazer, sabe? Eu acho que foi essa questão desse salto muito grande, né? De fazer uma peça pra depois fazer dez... acho que isso pra mim foi o que pegou. E também eu acho que eu não consegui manter um nível de estudo bacana, sabe?

3) Sobre a sua percepção como mulher no curso de música e especificamente na disciplina de violão: você poderia comentar algumas dificuldades ou facilidades que você sentiu em relação ao estudo do violão, na disciplina de prática instrumental?

- Na minha turma, se eu não me engano, tinha quatro mulheres, se não me falha a memória, que chegaram até o final, né? Que entraram tinham outras, mas até o final ficaram eu, Israela, Rosy e Alice. Nós éramos quatro, tipo numa turma que... o violão sempre é a turma que mais capta aluno, acho que o Marcelo sempre reclama no começo, né? Porque sempre a sala dele tá lotada, enquanto as outras não tão tantas, na prática instrumental. Aí até o quarto semestre, a gente conseguia se sustentar um pouquinho, sabe? Mesmo com as dificuldades. Mas é complicado você olhar pro lado e não ter por exemplo representatividade, sabe? Você não ter uma pessoa que chegou até ali e disse: “Nossa, dá pra fazer”, você não tem, não tem, de jeito nenhum. Eu não conheço, por exemplo, outra pessoa que tenha terminado violão antes da minha turma. Não faço a menor ideia de quem seja,

sabe? Então é difícil, é difícil você olhar pro lado e não ter ninguém que se pareça com você, por exemplo, né? Outra coisa também no violão V, que eu acho que foi uma coisa que pegou pra mim: não tinha ninguém. Olhava pro lado, eram os meninos e os meninos eram muito desenrolados e muitas vezes vinham de outros instrumentos. Porque às vezes junta também o violão V com o violão VII... então às vezes chegavam os meninos tocando horrores então, pra mim eu me sentia às vezes muito inibida por conta disso. E eu não sei se isso é uma opressão que eu sinto, se é uma coisa pessoal, mas parece que tem sempre um olhar um pouquinho mais crítico quando você é mulher e toca violão. Parece que tem sempre alguém ali prestando mais atenção onde você erra e prestando menos atenção onde você acerta, sabe? A impressão que dá às vezes é essa. Eu não sei se isso é uma percepção só minha ou se isso se repete... mas a sensação que eu tinha era essa, sabe? E isso de fato dá uma desestimulada.

Então nessa perspectiva, você sentiu algum tratamento diferente por ser mulher?

- Eu não...é... é difícil falar porque eu nunca conversei com outra mulher que fez violão V, por exemplo. Eu acho que tu é a única pessoa que chegou a fazer e passou, né? Porque eu cheguei e parei ali, não fui pra frente. Então é até difícil de falar se outras foram tratadas de forma diferente na disciplina ou não. Mas o que eu percebo é que... não sei, parecia... pra mim era a questão da inibição, sabe? Sempre tem esse olhar que é um pouquinho mais crítico, como se tivesse uma exigência a mais, como se eu tivesse que fazer dois degraus a mais por ser mulher.

Você se refere ao violão básico e ao avançado também?

- Não, o básico foi bem mais tranquilo, sabe? No V foi que eu acho que eu senti mais. Até o violão IV, eu creio que eu não tenha sentido tanto. Talvez porque no violão IV eu tava com a minha turma inteira, tinha as meninas, Israela, Alice e Rosy... e no violão V não tinha, era uma turma mais misturada, né? Então talvez tenha sido um conjunto da obra.

Você se sentia à vontade pra tocar violão em outros espaços dentro da universidade, como extensões, ou grupos e rodas da UFC?

- Não... não. Eu tocava no Caboclas, né? Porque o Caboclas é um grupo só de mulheres, né? E a gente se acolhia muito, sabe? Então de fato eu me sentia à vontade pra fazer o que eu sabia fazer ali, sabe? Ainda hoje. Mas em outros espaços da universidade... não. O Marcelo até testava a gente... eu lembro que no violão V eu cheguei a tocar; por exemplo, ele chegava e dizia assim: “Não, cadê as peças de vocês? A gente vai agora ali pra frente do antigo RU e a gente vai tocar ali”. Então, o que ele queria era fazer a gente sentir essa atmosfera do

palco e, a gente foi também em algumas salas... e era bacana, ali dentro do contexto de que a gente tava na aula e tinha o professor ali do lado...na minha cabeça as pessoas entendia que a gente tava num processo de aprendizagem. Mas por exemplo, tinha muita roda, que viria ser as rodas de choro posteriormente, mas eu não sentia à vontade pra participar, sabe? Que não fosse dentro do contexto de aula, por exemplo. Eu não me sentia com confiança, segurança pra fazer.

Eu gostaria que você comentasse um pouco sobre o que você pensa a respeito da mulher no contexto do estudo do violão, no curso de música da UFC Sobral e no contexto de violão brasileiro, como você vê a mulher nesses espaços?

- Olha, eu acho que tem gente fazendo e gente fazendo bem, tocando violão bem, né? Agora o que eu acho é que não chega às referências dentro da universidade, e isso não só no violão...acredito que o que se expande pra todas as áreas é que são sempre masculinas, sabe? E aí, de fato, é difícil. Eu vim conhecer, por exemplo, outras violonistas mais jovens e ver outras mulheres tocando depois que eu saí do violão V, por exemplo. Naquela época não. Pegava o que tava no livro e a referência era sempre masculina, sempre masculina, sabe? Então eu acho que tem gente fazendo, isso é fato, mas eu acho que isso chega pouco pra gente na academia e eu acho que isso é um ponto fraco, sabe? Porque no caso o questionamento da pesquisa é muito bom, né? Por que nós não estamos ocupando esses espaços? A gente tá dentro da universidade, então porque a gente não tá, por exemplo, nas práticas de violão chegando até a prática de violão VIII? E eu acho que talvez falte essa referência, né? Se a gente não tem, por exemplo, ali na hora meninas tocando, que a gente tenha, que a gente consiga ver dentro da universidade, que seja apresentado outras mulheres tocando. Eu acho isso tem pouco... eu acho que aí é uma coisa que peca, na minha visão.

Juliana Cunha - Entrevista realizada em 11/08/2021

1) Primeiramente, eu gostaria de saber como ocorreu a sua trajetória no estudo do violão.

- Foi delicada. Quando eu entrei o curso de música eu não tinha nenhuma iniciação a nenhum instrumento, nem havia tido aula de música em nenhum momento da minha vida... minha relação com a música era muito mais de ouvinte e entrei no curso, sem teste de aptidão, e escolhi o violão por ser o instrumento que eu mais conhecia, a experiência do violão era a que eu tinha mais proximidade, de ver alguém, apesar de eu não ter instrumento.

E foi difícil no sentido de chegar dentro de uma universidade e ver alguns conteúdos que já não são base; pelo menos os conteúdos que eu acredito base pra iniciante, não estavam lá, não eram exatamente esses... eu tinha quer ver acordes com sétima, já tinha algumas coisas de harmonia... então o meu primeiro contato com o violão foi um pouco traumático: eu chegava na aula e eu não entendia nada, o professor falava e do mesmo jeito que eu entrava, eu saía... um pouco mais tonta, mas era isso. E aí por conta que eu não conseguia entender, me encaixar ali dentro da disciplina no primeiro momento, eu fui buscar uma iniciação dentro mesmo da universidade... foi onde eu comecei a ter aula de violão dentro da oficina de música e aí já era pra iniciante. Ali eu comecei a ver o Dó, o Ré... sem as sétimas e umas batidas mais simples; na disciplina do violão já vem os arpejos, dedilhados...e então foi isso. Fui buscar essa iniciação e a partir dali eu comecei aprender a tocar violão gradualmente durante todo o processo dentro do curso, né? Não foi exatamente dentro do período das disciplinas. Reprovei violão I, violão II, violão III... até o momento que eu disse assim: “Não! Não vou conseguir fazer violão agora, calma”. Aí eu saí do I, decidi não fazer... na verdade eu não reprovei violão III não, reprovei violão II. Quando eu vi que não ia dar certo, eu saí. Eu só saí e disse: “Vou fazer as outras disciplinas do meu curso, e aí depois eu volto pro violão”, e assim eu fiz. Saí das disciplinas, fui aprender violão à minha maneira, né? Ter essa intimidade com o instrumento que a gente precisa pra estudar realmente e fui... até o final do meu curso, quando eu decidi fazer as aulas de violão e já foi bem mais simples compreender o que o professor passava. Depois de já ter também passado por outras disciplinas... e foi isso. Hoje eu sou feliz sabendo tocar violão, né? Ainda tenho muita coisa pra aprender mas é um instrumento que é essencial pra minha prática hoje, tanto na sala de aula quanto nos palcos.

Você participou de grupos artísticos, dentro da universidade tocando violão ou fora da universidade?

- Sim, dentro da universidade eu participei da Orquestra de violões e fora da universidade...não. Fora da universidade apenas como professora, né? Durante o período da faculdade eu já fui também, lá pelo terceiro ano, pra dar aula de violão e aí eu comecei a dar aula de violão particular.

2) No contexto do estudo do violão no curso de música da UFC Sobral, em relação ao estímulo desse estudo e na sua percepção, você tinha vontade de estudar violão durante a disciplina de prática instrumental?

- No início não. Eu juro que depois que eu reprovei violão eu quis quebrar o violão. Então, no início não. Eu não tinha...por mais que, não que isso viesse exatamente do professor; mas eu não entendia como uma disciplina que tem muitas pessoas, se mais pessoas sabem, às vezes o conteúdo vai pra essa maioria, mas uma minoria às vezes não é tão contemplada assim. E foi um pouco do que aconteceu, eu não sentia vontade de aprender; mas eu precisava me formar...aí a gente vai atrás. E aí depois, quando eu fui buscar mesmo, depois de um pouquinho de trauma e aí a gente vai aprender... depois que eu aprendi fora da disciplina, cheguei na disciplina um pouquinho mais calejada e aí deu certo.

3) Em relação à sua participação como mulher na disciplina de prática instrumental de violão e no curso de música também, você percebeu algum tratamento diferente por você ser mulher?

- Não. Eu não consigo lhe dizer pessoalmente comigo. Não. Eu não sei se eu senti mais por saber menos do que exatamente pela questão do meu gênero. Eu senti mais por realmente chegar ali sem saber de nada e ver muita gente tocando, a maioria homens, né? Posso dizer que sim, a maioria das pessoas que participavam na disciplina são homens, eram homens também no meu tempo... se não me engano só tinha duas mulheres, mas questão de me sentir menor por ser mulher.... não. Talvez eu me sentia realmente excluída só por saber menos, por não conseguir me encaixar dentro dos que sabiam mais, dos que já tinham uma vivência no violão.

Você em algum momento sentiu que tinha mais dificuldades ou facilidades por ser mulher no estudo do violão durante o curso?

- Não... não consigo lhe citar exatamente um momento ou algo.

Você se sentia à vontade para tocar violão em outras atividades do curso, como extensões, rodas, atividades fora da sala de aula ou da disciplina?

- Então...não. Nem sempre, na verdade, porque o meu foco era mais o canto e aí quando eu tava no curso de música, o violão eu fiz as disciplinas, aprendi, dava as minhas aulas mas era isso, eu não conseguia sair muito disso pras outras atividades do curso. Somente pra questão da Orquestra de violões. Na Orquestra de violões eu tocava e cheguei a reger também... e foi isso. Assim, outras disciplinas também não, eu sempre ia pro canto, o pessoal me colocava sempre pra cantar porque na verdade eu sempre ia pra cantar.

O que você pensa sobre a mulher no contexto do violão dentro do curso de música da UFC Sobral?

- São poucas as que se destacam mesmo, dentro do violão, mas vem muito da vontade de cada um. Eu já não tinha tanta vontade dentro do violão e eu aprendi porque eu precisava me formar. Hoje é essencial pra mim, eu não me arrependo disso. Me formei... hoje o violão é grudado comigo, eu não sou nada sem o violão e o violão não é nada sem mim, mas eu vou até certo ponto, por exemplo: a minha área eu pego mais os acordes, a harmonia e pra mim ficar aqui tá bom, é com o que eu quero trabalhar. Já tem outras que se destacam por causa dos dedilhados, por causa dos arranjos... eu falo até de você porque eu te admiro demais por aqui, porque você já vai para além da harmonia, já pega os arranjos... e é um lugar que eu olho que eu ainda não quero chegar, é essa a palavra mesmo, entendeu? E eu vejo que quando há a participação de mais mulheres, né? Mais mulheres se interessam pra participar... mesmo. Tem você, eu consigo citar a Laídia que tá lá dentro do grupo de choro. Antes de você chegar tinha a Laídia, de repente você chegou... que também vai na mesma linha. E é isso... é uma das coisas que eu consigo perceber, que se a gente ver uma...eu não sei como é que vai ser ou como é que está sendo agora pra você, porque você é um exemplo dentro do curso de música, Ana Jakeline, eu considero um exemplo. Eu já saí do curso mas se eu, Juliana Cunha, estivesse entrando no curso agora, eu gostaria de encontrar uma pessoa como você, porque você me orientaria. Então, às vezes, se eu tivesse encontrado outra mulher que já tivesse muito ativa no curso de música e que ela dissesse "Olha, Juliana", e se aproximasse, né? Porque querendo ou não é mais simples da gente se aproximar, né? Mulheres se aproximarem de outras mulheres...talvez tivesse sido mais simples, talvez tivesse chegado lá sem ter passado por tanto. Mas é isso, é uma coisa que falo, um talvez, mas olhando muito pro que eu vejo hoje dentro do curso de música, olhando pra atuação de vocês.

Sobre o violão brasileiro, como você vê a mulher nesse contexto atualmente?

- Eu também vejo pouco... eu também vejo pouco. Tanto que é muito difícil você encontrar uma mulher que canta e toca, mas ao mesmo tempo... porque geralmente vai sempre pro canto. Se você perceber no sertanejo, tem muita mulher que canta e que toca: Marília Mendonça, ela canta e toca violão, mas ela tá na carreira solo dela no canto, então o violão fica lá de lado, né? Eu não sei como são as histórias nos outros gêneros musicais, mas geralmente a mulher só canta e o violão fica lá do ladinho. Mas existem muitas mulheres que tocam violão, só que o violão tá ali do ladinho. Eu falo muito do popular porque é realmente essa linha que eu acompanho, né? A linha do popular. Se você me perguntar mais pra linha

dos arranjos das violonistas eruditas, eu realmente não vou saber te falar, mas uma coisa que eu vejo muito, eu estou vendo muito são mulheres cantando e tocando violão nas redes sociais nesse período da pandemia. Eu vejo que esse movimento tá bem maior, né? Que talvez já existia mas não tinha a proporção que está tomando agora. Até eu mesma posto vídeos, né? Às vezes a gente se sente mais à vontade postando um vídeo cantando, mas aí quando a gente vê meninas também tocando violão, a gente se sente animada e posta também.

Clara Ferreira - Entrevista realizada em 14/08/2021

1) Primeiramente eu gostaria de saber como ocorreu a sua trajetória no estudo do violão.

- Bom, foi por influência total do meu pai. Então, ele toca um pouquinho, né? Ele repassou o que ele sabia e eu comecei a estudar com as orientações dele. Depois fiquei nessa de aprender músicas que ele me passava...depois eu comecei a ver esses negócios na internet, né? O CifraClub e aí eu comecei a aprender mais músicas, né? Sempre o meu foco foi aprender músicas, então sempre foram acordes pra poder tocar. O foco sempre foi esse. Depois eu peguei aulas com um músico aqui da minha cidade, um guitarrista e ele me deu mais dicas que acrescentou um pouco do que eu sabia. Acho que eu melhorei mais por conta disso também. E ficou nessa... aí eu comecei a aprender mais músicas, mais ritmos diferentes, porque eu era um pouco limitada, comecei a aprender mais ritmos e foi passando, passando e fiquei mais nessa, né? Não me aprofundei tanto, mas já era o bastante pra mim. Há três anos atrás eu comecei a me apresentar publicamente.

E depois você ingressou no curso de música, certo?

- Isso.

Eu sei que você toca na noite, fazendo voz e violão, mas você participa ou participou de algum grupo artístico dentro ou fora da universidade?

- Dentro da universidade já tive participação na mostra artística do EncontraMus, no Projeto Nina e...aquela apresentação que a gente fez lá na recepção dos calouros, né? Se não me engano. Acredito que foram só essas mesmo.

Você trabalha ou trabalhou ensinando violão?

- Não, só me apresentando mesmo. Na verdade eu já, há um ano atrás, antes da pandemia, eu comecei a dar aulas pras meninas do coral da igreja lá do distrito de onde eu venho, o Campo Lindo. Agora eu tô morando em Reriutaba, mas lá em Campo Lindo eu dava aula pra

essas meninas, então a coordenadora lá da capela, a ministra ela decidiu fazer uma compra de violão com o objetivo das meninas do coral aprenderem. E aí como eu já toco lá, eu sirvo lá pra igreja, ela teve a ideia: “Clara, você poderia dar aula pras meninas?” e eu “Tá”, um desafio, né? Porque até então eu nunca tinha dado aula, não sabia nem por onde começar, mas fui. Aí a gente por conta da pandemia deu essa parada, né? E aí a gente não teve como avançar mais.

E qual é a sua relação hoje com o instrumento?

- Minha relação, assim... hoje eu me apresento publicamente em eventos e é mais isso mesmo, relação mesmo profissional, digamos assim.

2) Agora pensando no contexto do violão dentro do curso de música, especificamente na disciplina de violão: na sua percepção, em relação ao estímulo de estudo de violão no curso, o que você pode comentar sobre a sua vontade de estudar violão no decorrer das disciplinas de violão?

- Assim...uma coisa que eu acho que não era tanto o meu foco, inclusive até deu essa crise no semestre passado, no último semestre do violão, que eu não consegui mais avançar na questão da leitura de partituras. Então o meu foco sempre foi mais a questão do repertório, música popular, né? E eu acho que assim, a gente teve um momentos de estudar músicas populares, mas eu acho que eu não desenvolvi tanto o que eu queria, mas acho que foi mais uma coisa pessoal mesmo por conta das outras disciplinas da faculdade. A gente não consegue...no meu caso, eu não consegui focar tanto no que eu queria aprender no violão por conta da demanda das outras disciplinas. Mas eu acredito que essas orientações que o professor deu, eu posso voltar nelas e focar, né? Mas no momento, no curso, no momento das disciplinas eu não consegui desenvolver tão bem assim.

Mas você sempre teve vontade de estudar violão durante os semestres ou em algum momento pensou em desistir ou algo parecido?

- Não, na verdade, como é meu único instrumento, né? Em nenhum momento passou pela minha cabeça, tipo, mudar de instrumento, né? Eu queria ficar nele mesmo, apesar de às vezes: “Meu Deus, que coisa difícil!” , mas pensar mesmo em mudar... eu nunca pensei. Então “Não, eu vou ficar aqui porque esse é o meu instrumento, é o que eu sei, é o instrumento que eu tenho em casa... então eu vou ter como estudar”, né?

3) Agora na última parte da nossa entrevista, eu gostaria de saber da sua percepção como mulher dentro da disciplina de violão. Porque a gente sabe, inclusive por dados que pesquisei

e coletei, que a maioria das pessoas que ingressam na disciplina de violão são homens e consequentemente terminam em maioria também. Eu gostaria de saber a sua percepção como mulher nesse contexto, ambiente mais masculino: você sentiu alguma dificuldade ou facilidade no estudo do violão ou percebeu algum tratamento diferente por ser mulher?

- Bom, sobre isso, só uma curiosidade: antes de entrar no curso, eu não tinha visto mulheres tocando violão, assim de pertinho... pra falar a verdade eu tive esse contato quando eu entrei no curso. Então assim, no momento em que eu entrei, eu senti assim: "Nossa, tem mulheres". Então de certa forma eu me senti representada, sabe? "Nossa, não vai ser só eu, tem mais meninas ali". Então falando um pouco das dificuldades, eu não encontrei nenhuma, mas a questão mesmo é só de se deparar com a grande quantidade de homens, principalmente na disciplina de violão, né? A gente sabe que tem poucas meninas, mas eu ficava: "Nossa, só eu"... no caso quem terminou na turma comigo foi só eu e a Rojania, se eu não me engano. Tipo assim: "Nossa, só nós duas", né? Eu fiquei pensando... só nós duas... é isso aí. Essa questão mesmo.

Você se sentiu à vontade para tocar nas rodas, extensões ou atividades do curso, nos espaços da UFC, quando estávamos presencialmente?

- Sim, me senti. Só uma questão das dificuldades que eu tenho, que eu acho que me impediram um pouco de participar das rodas de choro, da Orquestra de violões... e eu senti dificuldades, então isso meio que me desmotivou um pouco, não a ponto de querer largar o violão, mas me senti mais na minha... "Nossa, eu não consigo desenvolver...", só essa questão mesmo, eu me senti um pouco, né... por essas dificuldades pessoais minhas mesmo com o violão.

Eu gostaria de saber como você vê a mulher no contexto do estudo do violão, dentro do curso de música da UFC Sobral: no contexto violonístico, como você vê a mulher dentro do curso de música?

- Difícil essa... como eu vejo...

Sim... se você acha que falta ou não, ou algo parecido...

- Eu acredito que falta sim...até mesmo pra gente unir mesmo forças, pra aumentar esse número de mulheres. Eu acho que é por aí.

Agora pra terminar, eu gostaria de saber no contexto brasileiro, como você vê a mulher nesse contexto?

- Pronto, agora pensando nesse sentido maior...na verdade, antes de entrar no curso eu não conhecia mulheres... até porque acho que nunca tive curiosidade de pesquisar, mas só quando entrei no curso, eu vi que existem muitas, né? Principalmente essa questão do violão erudito, repertório erudito, eu pude conhecer através das indicações do professor. Eu não tinha muito essa visão de conhecer mulheres violonistas. Então foi só a partir do curso mesmo e eu acho interessante... e dá pra gente se espelhar nessas mulheres sim.

Cinthia Gomes - Entrevista realizada em 20/08/2021

1) Primeiramente eu gostaria de saber como ocorreu a sua trajetória no estudo do violão.

- Aconteceu dentro mesmo da faculdade, certo? Eu comecei com o violão na disciplina de violão I. Eu já tinha vontade já, antes de entrar na faculdade, eu sou a aluna do curso que entrou sem experiência de musicista... eu entrei realmente sem experiência, eu entrei pelo ENEM, então acontece com a gente que entra pelo ENEM, né? A gente faz a faculdade que passa, mas permaneci por uma escolha, certo? Eu costumo dizer que eu entrei pelo ENEM, comecei a cursar porque enfim, era o que dava mas permaneci por escolha: eu tinha escolhido desistir mas permaneci e terminei. E aí todo o meu estudo com relação ao violão, a que sei que é pouco também, de canto também... é com relação aos estudos na faculdade, certo? Então assim, eu não tenho uma trajetória muito grande de estudo. Eu estudava mesmo para as aulas de violão, eu estudava para as avaliações e estudava para o meu próprio aprendizado de violão pra poder pegar o aprendizado de música que eu não tinha.

Durante a faculdade você participou de algum grupo artístico relacionado ao violão?

- Não, no violão não. Os grupos a qual eu fiz parte, eu não fiz parte de muitos na verdade, mas os grupos aos quais eu fiz parte envolviam outros instrumentos ou só canto, certo? E sempre eram os, por exemplo, a oficina de música... não necessariamente fora da grade curricular.

E hoje, você trabalha ou já trabalhou ensinando violão?

- Não, não. Eu utilizo o violão realmente, utilizo dentro da sala de aula principalmente se tratando de musicalização, mas o ensino do violão mesmo eu não tive experiência não.

E hoje, como você pode dizer qual é a sua relação com o violão então?

- É bem longe assim, eu tento realmente estudar, eu tento continuar mas é complicado hoje em dia. Eu passei um bom tempo, depois da faculdade, desempregada e nesse tempo, fiquei só

em casa realmente só focando em estudo, eu tive uma aproximação que eu não tive nem dentro da faculdade, certo? Esse tempo que ficava só eu e ele dentro do meu quarto, eu tive essa aproximação, mas aí depois que começa trabalho e rotina de dar aula o dia inteiro, o tempo ele fica mais, o nosso tempo pra nós da classe trabalhadora, ele fica mais... todo para realmente o trabalho específico e aí fica mais complicado eu arranjar tempo, certo? Eu tento bastante ter uma rotina, mas é complicado, é complicado.. tanto que o meu conhecimento de violão, eu percebo que ele vem só decaindo ao longo do tempo assim, desde que comecei a aprender e tive uma leve evolução e hoje em dia precisava treinar mais. Treinar e estudar, né? A gente usa a palavra estudar porque é melhor, na verdade.

2) Você é egressa do curso de música da UFC e eu queria saber, no contexto do curso de música, sobre o estudo do violão: você sentia estímulo pra estudar violão na disciplina, tinha vontade de estudar?

- Na disciplina em si, nem tanto, certo? A disciplina, você que é aluna do violão sabe, a disciplina é super técnica e por mais repertório que ela pudesse trazer, mais repertório popular que ela pudesse trazer, a técnica eu sempre achei bem chata, pra falar a verdade, certo? Na verdade toda técnica de qualquer conhecimento científico ou não é bem chata, né? Especificamente dentro das disciplinas assim, eu percebia mais estímulos externos das pessoas mesmo. O professor, os meus colegas, principalmente os meus colegas, certo? O professor... o professor fazia o trabalho do professor, né? O professor... o professor tem o trabalho dele de estimular até onde ele pode, ele também não pode fazer tudo. Mas assim, o mais pelos colegas de não ter que desistir e pensar em desistir por causa disciplina de violão, inclusive foi um pensamento que ocorreu em determinado momento porque é um instrumento, ele precisa de um tempo de dedicação e eu não tinha tido, que eu acredito que pudesse ser melhor se eu tivesse tido antes da faculdade, né? Mais cedo, mas enfim... hoje em dia eu sei que eram ideias bem equivocadas e que provavelmente se eu tivesse realmente estudado mais, melhor... hoje em dia eu sei que eu teria um técnica melhor e tocaria melhor, na verdade, essa é a questão.

3) Eu gostaria de saber a sua participação como mulher na disciplina de violão: o que você poderia comentar sobre dificuldades ou facilidades que você encontrou dentro da disciplina de violão, principalmente, por esse olhar de uma mulher?

- Essa questão, ela não era uma questão quando eu era aluna, certo? A única coisa que eu percebia, porque era fato, é que dentro do grupo de violões eu era a única assídua, certo?

Entre as mulheres que participavam. Eu sou da primeira turma do curso e a primeira turma, ela é uma turma quase mitológica porque ela só existe nas histórias realmente. Só entraram, sei lá, trinta pessoas e no final do ano só tinham dez... e no violão que era o instrumento que tinha mais pessoas, tinha sei lá, cinco talvez, no fim do ano. E de assídua de mulher, eu era a única nesse grupo que era pequeno, mas eu era a única mulher. Para mim, não foi uma questão na época eu ser a única mulher, mas hoje em dia depois de amadurecimento, eu entrei com dezessete anos na faculdade, então assim, depois de amadurecer ideias, depois de pensar sobre o assunto, na verdade ela é só o reflexo de tudo que tava acontecendo, né? Ao redor, na sociedade inteira, né? E assim, hoje eu vejo que coisas que não eram questões na época, na verdade foram coisas que afetaram diretamente, por exemplo: eu nunca me considerei boa no violão, mas sabe aquela sensação de ser esperado eu não ser boa no violão? Entre aqueles homens que além de experiência, eles eram mais velhos e... eram homens, sabe? Era esperado que eu não soubesse, certo? Era esperado que eles me ensinassem em determinado momento... isso tudo eu vejo hoje, certo? Na época isso passou muito batido mesmo, mas são problematizações recentes da minha trajetória, certo? Depois de um tempo que foram entrando mais mulheres, que eu fui vendo meninas que já tinham experiência, eu fui vendo... foram entrando mais meninas, mas assim, ainda era assim: num grupo de dez violões, ter duas... talvez três, certo? Mas mesmo assim eu fui vendo essas outras meninas e eu fui percebendo que na verdade a realidade que eu tava vendo era meio...como eu posso dizer.... meio alienada realmente, de verdade. Ideias e brincadeiras que se ouviam, eu já não gostava de ouvir determinadas brincadeiras de uma única mulher no meio de um monte de homens... na verdade foi basicamente o curso inteiro, né? Da minha turma eu era única mulher assídua e dentre os grupos que participei, tanto de violão quanto de bolsa, quanto de... enfim, de tudo, eu era basicamente a única mulher nesses grupos e isso pra mim passava despercebido, mas eu vejo que hoje em dia muitas das coisas foram por causa disso, porque eu era única mulher. Muitas das coisas que aconteciam: coisas de que era esperado que eu não soubesse, como eu falei, era esperado que eu ouvisse as brincadeiras calada, era esperado que, como eu falei também, alguém me ensinasse, alguém deles tava na posição de saber mais, ser melhor, me ensinar enfim, e eu mesma também fazia determinadas coisas: pensar que, sei lá, conhecimentos mais avançados eu tinha que ir procurar um homem. Quando entrou, em determinado momento, uma mulher que sabia tocar, eu mesma não ia procurá-la, sabe? Assim, uma questão de.. é uma coisa que tá dentro da

gente e é difícil tirar. Eu, hoje em dia, vejo tudo isso, certo? Isso é coisa recente real, depois que me formei. Muitas dessas questões foi depois que me formei, depois que saí, depois que fui pensar sobre isso e que fui problematizar mas na época, de verdade, de verdade, eu não sentia nada, nada dessas questões... de ser a única mulher em todos os espaços que eu frequentava... todos eu tô exagerando, mas era, sei lá, noventa por cento do tempo era eu representando o feminino naquele mesmo espaço, então assim... hoje em dia eu vejo isso, mas na época realmente não era nada. Passava realmente batido.

Você se sentia à vontade pra tocar violão nesses espaços ou nas atividades da faculdade?

- Não, não. E aí assim, questões pessoais de eu não me sentir, eu não achar e ainda hoje que não sei. Ainda hoje não me sinto à vontade pra tocar em determinados espaços, em locais e com pessoas que eu vou me sentir muito segura; o que é engraçado porque em sala de aula eu me sinto mais à vontade do que, sei lá, com minha família. Tá aqui na roda de amigos, todo mundo vai arranjar um violão, vai querer que eu toque e eu... não... vou ser resistente. Mas na sala de aula que eu tenho, sei lá, trinta e cinco, quarenta pessoas me olhando... ok também. É muito... uma questão de virar a chave da professora também, certo? Virar a chavinha da professora... vira a chave da professora e aí você perde vergonha de muitas coisas que você costuma ter e muito uma questão de não me sentir à vontade ainda hoje, certo? Eu acho que falta bastante estudo ainda pra eu me sentir segura e à vontade. Na época era pior porque ainda era, na época que eu fazia faculdade, né? Era uma época de aprendizado, né? E a gente tá aprendendo, a gente não tem... eu sinto falta ainda hoje de um estímulo do tipo... “Ai, tu tá aprendendo... tá, ok”, sabe? “Vai errar mesmo”, não lembro de ter tido esse estímulo de “Ai, tá ok, tu tá aprendendo, continua, se apresenta mesmo”, eu sinto falta desse estímulo ainda hoje e na época eu realmente não tinha muito. Tinha de pessoas muito próximas, próximas, reais mesmo, de resto nem tanto.

Eu queria saber, na época que você estava estudando na faculdade, como você via a mulher naquele contexto de violão, principalmente na disciplina?

- Como era que eu via, né? Assim, quando você pergunta como é que eu vejo a mulher, eu penso logo em lembrar de alguém muito... que tava muito em destaque e na minha época não tinham muitas figuras... em destaque, né? Porque a gente sabe hoje em dia que não vai ter, né? Mas assim, tinha uma específica e isso quando o professor trazia exemplos de violonista ela sempre aparecia, mas ela sempre aparecia muito raramente, certo? Ela sempre aparecia muito de... de longe, que era a Badi Assad, que era uma mulher que pra gente ela foi

apresentada como uma mulher no violão e depois eu descobri que o trabalho dela é muito maior também, mas assim, quando ela aparecia ela também tava sempre ligada à figura masculina de alguém. E aí fora ela, especificamente, foi apresentada a mim como uma mulher no violão, certo? Ela é uma figura pra mim de mulher no violão, embora o trabalho dela não seja só no violão, mas ela foi me apresentada e eu nunca senti falta, mas hoje percebendo assim, analisando tudo de novo eu vejo que eu não tinha muitas figuras, certo? Eu não tinha muitas figuras mulheres, meninas dentro do violão, certo? E é bom destacar que assim, figuras femininas também, certo? As figuras que se identificam como feminino a gente não tem tanto, até porque as figuras que são mulheres e são associadas ao violão, elas são masculinizadas, certo? E isso eu vejo hoje em dia e era sempre assim, sempre foi assim. Na época da faculdade eu lembro bem de fazer essa associação de a mulher no violão, na verdade ela é uma mulher masculinizada. Quando ela é mais jovem, ela é ok, é fofinha, bonitinha, mas se ela se mantém adulta, uma mulher adulta no violão ela vai ser de alguma forma ligada à figura masculina. Não é um problema, certo? Isso não é um problema pra mim hoje em dia, não é; ok, beleza, mas é porque era regra, é regra, né? É tido como regra, se você é uma mulher, uma mulher adulta, uma figura adulta vai ser ligada à figura masculina. Não é a regra, sabe? Não era pra ser, pelo menos, né? E aí na época da faculdade, eu vejo... eu via a mulher no violão muito raramente e muito... apagada, certo? Isso também é uma visão minha hoje em dia, na época comigo não existia problematizações do tipo, mas assim eu vejo que figura feminina, figura da mulher dentro do mundo do violão eu ainda não tenho muitas referências, somente essa específica que eu citei e poucas próximas de colegas que eu tinha dentro da faculdade.

Laiany Rodrigues - Entrevista realizada em 21/08/2021

1) A primeira pergunta é a respeito da sua trajetória no estudo violão: como ela ocorreu?

- *Você fala desde o início ou só dentro da graduação?*

Desde o início.

- *Tá. Bom, eu comecei a estudar violão por conta própria ainda na adolescência, né? Então eu tinha aproximadamente uns 14 anos de idade e tinha um tio e uns primos que moravam perto da minha casa que também tocavam violão. Então como a gente tinha uma faixa etária parecida, a gente ficava na calçada ali, eles tocavam e eu ficava observando porque eu já*

cantava desde a infância, tocava flauta então eu já tinha uma vivência musical e me interessava por aquilo, porque eu tinha vontade de aprender a tocar violão. Então eu ia observando o que eles faziam, até que uma amiga da minha mãe deu a ela um violão muito velho, assim, com umas cordas de aço enferrujadas que ela ia jogar fora e ela soube que eu tava querendo aprender violão e me deu, mas olha...aquele violão era terrível. Eu tive até um problema no pulso porque eu tinha que colocar muita força, porque ele tava muito empenado, tava horrível. Mas ainda assim eu tava conseguindo por conta própria, né? Vendo coisas na internet, vendo os meus primos, né? Como fazer os acordes... coisas bem simples até que eu ganhei, de aniversário de 15 anos um violão, né? Um violão tonante bem simplesinho, mas foi o meu primeiro violão de fato. E aí foi por conta própria, eu ficava ouvindo as músicas que eu gostava e procurava cifras, ia aprendendo a tocar, né? Buscando entender aqueles acordes das cifras que eu tava...por exemplo, de alguma cifra que eu queria aprender. E assim foi, foi muito de tocar mesmo... com amigos, depois tocando na igreja, na igreja evangélica, né? Então quando eu entrei na faculdade no curso de música, eu já tocava violão. E aí eu escolhi a prática instrumental de violão justamente porque eu já tocava, eu gostava do instrumento e eu queria na verdade, aprofundar meus conhecimentos no instrumento pra auxiliar na minha prática como professora.

Você participou ou participa de algum grupo artístico tocando violão?

- Não, no momento não. É... no momento eu tô só trabalhando e estudando muito, sabe? Então, no momento não faço parte de nenhum grupo artístico.

Como você pode dizer que é a sua relação com o violão hoje?

- Bom, eu acho que... voltando só um pouquinho assim, depois que eu terminei a prática instrumental de violão, eu queria continuar fazendo as disciplinas optativas de violão, mas o professor Marcelo na época ele não tava podendo ofertar e eu tinha esses créditos de optativas pra fazer e acabei escolhendo flauta transversal e aí aprendi flauta transversal, gostei e enveredei por aí, né? Fui da orquestra, né? Da OSUFC. Desde então, minha prática tinha sido mais voltada pra flauta transversal, mas hoje...e aí o violão continuou comigo, mas como um instrumento que eu utilizo nas minhas aulas. Então eu trabalho com o ensino de música pra crianças desde antes de entrar na universidade eu já trabalhava com crianças e aí o violão tem sido esse suporte, né? Ele, pra mim, é o meu instrumento de aula, então eu canto, eu toco muito em sala de aula com os meus alunos e o violão é o instrumento que eu utilizo todos os dias. Tá ali ele...

2) Agora pensando dentro da universidade, em relação ao estudo do violão, você se sentia estimulada a estudar violão? Tinha vontade de estudar durante as disciplinas?

- Sim, bastante. Tanto que, como eu falei, eu queria dar continuidade a esses estudos pelas disciplinas optativas e acabou que não deu certo, né? Acabou que outro instrumento apareceu aí no caminho, mas eu me sentia sim, porque quando eu entrei na universidade, nas disciplinas de violão eu pude ter uma outra visão do instrumento que até então eu não tinha, porque a visão que eu tinha era de acompanhamento, né? Eu mesma tocando e cantando, então eu não tinha conhecimento por exemplo desse mundo do violão erudito, do violão solado, do violão tocado em grupo, de arranjos pra grupos de violões, né? Que eu gostava muito na disciplina era justamente como, inclusive coisas que a gente aprendia nas disciplinas de percepção e solfejo eram aplicadas ali, porque a gente tinha que ler os arranjos, né? A partitura. E aí eu não conhecia essa perspectiva de por exemplo, você dividir o arranjo ou até mesmo a mesma melodia entre vários naipes de violão e aí cada naipe, cada estudante fazia a sua melodia ou tocava a sua parte dentro do arranjo de acordo, inclusive, com o seu nível no instrumento, né? Então, como professora em formação na época, eu achei isso muito estimulante, né? Porque acolhia a gente dentro do que a gente já sabia fazer, não é? Não tinha essa distinção, apesar de que óbvio, a gente era sim cobrada a estudar bastante, então tinha as provas, as avaliações onde tinha que estudar as peças, né? Então eu não tinha contato com isso de pegar um estudo e praticar porque teria a avaliação, então tudo isso... questões técnicas também no instrumento, que até então eu não tinha conhecimento... então tudo isso me estimulava muito sim a querer aprender cada vez mais e... como eu já queria ser professora e já era, isso também ampliou pra mim essa possibilidade, né? Em relação aos arranjos, não só no violão mas em outros instrumentos também porque eu trabalho com flauta doce também, então eu pego essa mesma perspectiva pra trabalhar com os meus alunos, né? Pegar um arranjo e trabalhar esse arranjo colocando cada estudante pra tocar dentro das suas potencialidades, né? Então... bem bacana.

3) Agora, passando para a última parte da nossa entrevista, eu queria saber a sua percepção como mulher em relação à disciplina de violão: como você se sentia? Você poderia comentar um pouco sobre dificuldades ou facilidades que você sentiu por ser mulher dentro da disciplina ou do curso?

- Esse já é...o fato de ser mulher e estar num ambiente que é majoritariamente masculino, de fato tem alguns complicadores, não só nas disciplinas de violão mas no curso como um todo,

né? Porque a gente sabe por uma série de questões, de razões que o meio musical ele é majoritariamente masculino, né? Então os homens de certa forma têm acesso a algumas coisas que muitas vezes a gente não tem, né? Então talvez eu tive oportunidade de ter contato com o violão porque eu tinha os meus primos, mas os meus primos, eles tinham acesso a isso de uma forma muita mais ampliada do que eu. Então assim, no curso, falando primeiro das disciplinas de violão, tinham pouquíssimas mulheres. Eu nem sei te dizer quantas mulheres de lá pra cá concluíram as disciplinas de violão, eu acho que foram poucas, eu imagino, porque eu sou da segunda turma, né? Do curso de música. E até então eu lembro que na época, quando eu entrei, tinha uma colega minha da primeira turma, era a única mulher da primeira turma que estava cursando violão e eu acho que ela trancou alguma disciplina, alguma coisa, que ela se formou junto comigo, apesar de ser da turma anterior. E tinha... entraram comigo, eu acho que mais umas três ou quatro alunas na disciplina de violão, e aí quando foi no decorrer das disciplinas de violão elas foram algumas desistindo, algumas trancando, algumas desistiram do curso e...eu sei que quando foi pra concluir, por exemplo, na apresentação final da disciplina, acho que era violão IV, essa minha outra colega da primeira turma, inclusive ela faltou, e tava só eu de mulher lá, e tendeu? Assim, eram vários homens e eu era a única mulher na apresentação, mas seríamos duas, né? Ficou só eu. Então eu percebia de alguma forma dos meus colegas, talvez não fosse uma questão consciente ou fosse, mas uma certa... de início por não me conhecer, uma certa dúvida, né? Ou então um descrédito, né? Porque alguns já eram músicos profissionais, e alguns guitarristas já tocavam muito bem, né? Então eu percebia isso, só que eu sempre tive uma personalidade um pouco mais forte, sabe? Eu nunca me deixei abater por isso, até porque como eu me esforçava bastante e eu já tocava, né? Eu já tinha o conhecimento pelo menos básico do instrumento. Então eu consegui acompanhar, né? Conseguia acompanhar. Agora no curso, no geral, isso também acontecia, mas de uma forma mais ampliada, né? Porque afinal de contas era o curso todo, não eram só os colegas que tavam ali na disciplina. E aí da mesma maneira a gente tinha poucas mulheres no curso e aí era a mesma visão de: por ser mulher, você... é como se você tipo assim, não sabe tanto quanto eles, não saca tanto de harmonia, não saca tanto disso daqui... mas comigo... vou te contar por exemplo, uma situação que eu nunca esqueço: na disciplina de... como eu estudava mesmo, modéstia à parte, eu fazia de tudo pra não ficar pra trás, né? E aí, numa disciplina de análise com a professora Adeline, teve a prova e eu tinha... a gente fez a prova e na aula seguinte eu faltei e fui receber minha prova e

eu vi os meninos conversando, os meus colegas... essa disciplina mais uma vez, éramos só duas mulheres: eu e essa minha colega que eu disse que era da primeira turma mas tava comigo, né? E aí eles me perguntavam... eu ouvia eles falando: “Ah, a prova tava muito difícil... fulaninho foi quem tirou a maior nota, ele tirou sete...” e eu aqui calada, quando alguém me perguntou “Ei, Laiany, quanto foi a tua nota?” E eu: “Ah, foi nove”. Eles ficaram em silêncio porque eram todos homens e tipo : “Ah, fulaninho, que era tido como o bambambam, tecladista, pianista, tocava muito, sacava muito de harmonia” e no caso, naquele momento ali, mesmo sendo a única mulher eu consegui mostrar pra eles que não era bem assim, né? E me destacar. Então a gente tinha mesmo que sempre... eu percebia que eu tinha sempre que estar de certa forma, tendo que me validar dentro do contexto do curso, por mais que ninguém chegasse e falasse alguma coisa, mas... acho que você entende né...como é isso, tá ali no ar.

Entendo. A gente sente de alguma forma. Agora passando para a última pergunta, eu gostaria de saber: nessa perspectiva, como você vê a mulher dentro do curso de música, em relação ao contexto do violão e como você vê também a mulher no contexto do violão brasileiro?

- Bom, mais ou menos já no sentido do que eu tava falando: eu acho que nada é compartimentado na vida, sabe? Então a gente tem sim uma cultura, uma estrutura machista, é um machismo estrutural mesmo na nossa sociedade, então não tem como, digamos, o contexto musical, o contexto artístico ele se distinguir disso, né? Afinal de contas é um contexto que está inserido numa cultura maior, numa sociedade muito complexa e muito machista. Então eu acredito sim que o meio musical, como eu falei de início, ele é machista. Machista porque é majoritariamente masculino e mesmo que... né... quando eu digo machista no sentido de muitas vezes você pode até não ser hostilizada, ou ser objetificada, sexualizada... pode até ser que não aconteça, mas a gente sente, como eu disse: paira no ar, você tem sempre que tá se validando, você sente um certo... você se sente um pouco descredibilizada, ou então até mesmo... em alguns momentos sexualizadas também, né? Em alguns contextos, em algumas situações... então eu acho que infelizmente a gente tem muito que avançar nesse sentido, né, de conquistar espaços porque...acredito que até mesmo muitas meninas, muitas mulheres acabam internalizando essa visão, né? “Ah, não é pra mim”, “Ah, se for por exemplo, de trabalhar com música, eu vou cantar, eu vou fazer isso ou aquilo”, “Violão é muito masculino” , ou então como instrumento de sopro também, né? Saxofone, tuba, essas coisas... “Não, mulher toca violino, mulher toca isso, toca aquilo...” , né? Então

existe esse sexismo sim, essa rotulação, sabe? E aí eu acho que a gente ainda tem um caminho a lutar e o curso de música é só um reflexo disso, porque tem uma cadeia, né, na verdade? Eu trabalhava na escola de música, então eu percebo, eu percebia que determinados instrumentos eram mais homens que procuravam, tinham poucas meninas... então tem esse acesso também inicial à formação, esse acesso ao instrumento, esse acesso a contextos em que as meninas, as mulheres possam de fato desenvolver seu interesse e suas habilidades, né? Pra chegar ao ponto de querer, por exemplo, buscar um curso superior em música ou uma carreira artística.

Rosy Almada - Entrevista realizada em 25/08/2021

1) Na primeira parte, eu gostaria de saber como ocorreu a sua trajetória em relação ao estudo do violão.

- Pronto, quando eu entrei no curso de música, eu não tinha nenhuma teoria e não tinha nenhum conhecimento sobre o instrumento, né? Só tinha tocado pelo CifraClub algumas coisinhas, mas nada além disso, né? Aí eu escolhi o curso de música, né? E eu não sabia que tinha que escolher um instrumento. Aí eu participei daquela semana em que a gente explana os instrumentos e o instrumento que eu achei assim, não vou mentir pra você, o mais acessível em questão de valor foi o violão, entendeu? E também como canto, né, seria uma forma de eu estar trabalhando de forma solo, né? Isso quando eu entrei. Aí, eu acabei entrando na disciplina de violão e fui vendo...no começo eu tive muita dificuldade, cara, porque você conciliar a leitura de partitura juntamente com o conhecimento simultâneo da nossa antiga matriz curricular, que era um pouco complicada, que agora foi melhorada... eu assimilar tudo isso e aprender um instrumento foi um desafio e tanto, tanto que nos dois primeiros semestres eu tive notas não tão altas, eu tive dificuldade, entendeu? Mas conforme foi passando o violão pela maestria que o professor Marcelo tem, doutor como tal, entendeu? Ele teve todo um cuidado pedagógico, que eu acabei evoluindo algumas atribuições ao longo da disciplina, então acabei terminando o concluindo os quatro módulos, mas foi assim que se deu. Não foi tão fácil, mas também não foi difícil.

E no decorrer do curso, você participou de algum grupo artístico tocando violão, especificamente?

- Sim, na verdade não foi bem... na verdade eu esqueci o nome da... Camerata de violões... a camerata do Marcelo.

Isso, é a Camerata de violões.

- Isso. Aí eu participei, toquei algumas músicas do Chaves, então eu tive esse convívio coletivo. Por um curto período, mas eu tive.

Você trabalha com o violão, ensinando ou já trabalhou?

- Aconteceu de eu estar aprendendo um outro instrumento, que é a viola de arco, então é uma outra modalidade de cordas, né? Na versão friccionada, mas eu estava antes da pandemia, tendo alguns alunos particulares, né? Que são aqueles sem notório saber... o que abrange a minha qualificação, né, a qualificação básica. Eu tava trabalhando com alguns alunos com o letramento e os primeiros passos no violão, até que eu fui interrompida, entendeu? Mas ora ou outra eu dou uma aula assim...avulso, mas nada fixo por conta da pandemia e do momento social que a gente se encontra.

E hoje, como você considera a sua relação com o violão?

- Hoje... assim, eu utilizo ele tanto para eu verificar algumas coisas de produção e plano de ensino, né? Pra verificar escala e essas coisas, mas mais como ferramenta de trabalho e ora ou outra eu dou uma aula particular. Mas assim, trabalhar só com ele em si eu não trabalho, eu não segui, por exemplo, com a profissão do violão, mas eu utilizo em forma de estudo para músicas da minha aptidão, né? E também para dar algumas ajudas pras pessoas que precisam daquele direcionamento profissional. Mas nada além disso.

2) Dando continuidade às perguntas, eu gostaria de saber em relação ao estudo do violão dentro do curso de música, especificamente na disciplina de violão: como é a sua percepção sobre o estímulo de estudar violão dentro do curso de música? Você tinha vontade de estudar e ela foi aumentando ou diminuindo no decorrer da disciplina?

- Pronto, como eu te falei, o violão foi o meu primeiro instrumento. Então daí já tá a dificuldade de cara, né? Mas quando eu entrei no violão pela dificuldade de entender, de compreender o que era uma leitura de partitura, de ter aquele contato com o violão, eu tive dificuldade no começo, como eu te falei, porém eu passei por algumas questões, não só eu, né? Alguns alunos passaram por algumas questões mesmo de... sentir dificuldade na forma que era passado, porque assim...não que o professor Marcelo seja um professor assim muito rígido: ele é rígido, mas também se você não se dedicar totalmente ou dedicar muito tempo pra disciplina de violão, isso naquele momento da matriz curricular, você se perdia. E era

muito conteúdo, muito conteúdo. Eu entendo que o nosso período de formação é comprimido, né? Mas foi tudo muito rápido e pra mim que tava iniciando o violão, foi um pouco dificultoso. Conforme foi passando os semestres, eu fui melhorando... claro que, né, ter o contato com o violão quatro semestres, você aprende alguma coisa. Mas eu tive algumas dificuldades psicológicas mesmo pela cobrança de mim própria, porque às vezes eu não conseguia acompanhar...muitos alunos conseguiam acompanhar porque já tinha alguma coisa na música... eu tive dificuldade de acompanhar o nível da turma, entendeu? Então as minhas notas não foram maravilhosas, entendeu? Isso me deu um pouco de insegurança com o instrumento, né? Isso me fez ter o contato com o outro instrumento, entendeu? Pela dificuldade. Não que eu me traumatizei, de forma alguma; eu amo violão, sempre eu tento...que eu preciso estudar, de vez em quando eu pego nele pra pegar uma partitura...eu consigo de boa, mas aquela aptidão que eu tinha antes de ficar toda hora “pa, pa, pa” tocando...meio que ficou um pouco de lado. Eu não sei te dizer se é por conta da cobrança de acertar e não se permitir errar ou se foi uma questão mais de trava minha, entendeu? Porque eu acho que eu precisava de mais tempo pra absorver o violão, entendeu? E acabou que foi acontecendo as coisas e eu acabei indo... terminando os quatro módulos e seguindo em outro instrumento e... não, eu não fiquei mais feliz no outro instrumento; acabou que é a mesma coisa: o estudo é necessário. E eu confesso que em meados do curso, deu um cansaço psicológico que até eu baixei um pouco as notas, mas enfim, foi isso, né? Uma confusão em mim, não na disciplina.

3) Agora já passando pra última parte da entrevista, eu queria saber a respeito da sua percepção como mulher dentro do curso de música, especificamente dentro da disciplina de prática instrumental violão: o que você enfrentou? Quais dificuldades ou facilidades você sentiu no decorrer da disciplina e do curso também?

- Assim, nossa turma.. a gente sempre se misturava com outras turmas, mas a minha turma era a maioria homens, certo? Aí tinha a Israela, tinha a Alice, né? E nessa turma, eu não me recordo de ninguém que tenha assim se firmado totalmente no violão, entendeu? Porque a maioria das meninas se interessava mais pelo canto, mas por ser mais repleta de homens, a disciplina se tornava meio...desproporcional, porque às vezes, por exemplo, eu tenho a mão grande tal... em questão de posicionamento, eu não tive esse problema, mas a Alice e a Israela tinham a mão pequena, tá entendendo? E elas tinham dificuldade de ter a velocidade, de posicionamento da mão e também a questão de por ser mais homens, aquela coisa: a

gente sempre quer ficar mais com as meninas, entendeu? E não tinha tantas meninas assim...não deu pra fazer uma coisa diferenciada. Não sei se eu respondi sua pergunta, mas eu acho que entendi mais ou menos assim. Você quer que eu complemente com alguma coisa? Pergunte aí.

Bom, eu gostaria de saber se você se sentia à vontade para tocar violão nas atividades do curso, dentro ou fora da disciplina.

- Eu não tenho tanta assim... afinidade porque é uma coisa minha também. Acredite ou não, eu tenho um pouco de timidez. Então eu fico um pouco nervosa, eu gosto mais de ficar eu e o violão, entendeu? Utilizar ele pra eu completar, pra eu estudar. Eu até costumo falar pra alguns colegas meus do violão, que muitos são cantores e músicos de repertório; aqueles que tocam nos lugares e tal... eu já sou uma versão das pessoas do violão que não é rica em repertório pra tocar por aí mas utiliza mais como ferramenta de trabalho, questão de afinação, de sala, questão de harmonia, entendeu? Não utilizo da forma de repertório como muitos fazem, né?

Você sentiu algum tratamento diferenciado durante as disciplinas ou no curso, por você ser mulher?

- Não. O Marcelo sempre foi muito assim...cuidadoso nessa questão, né? Porque por se tratar de poucas mulheres no violão, ele sempre tentou e conseguiu, né, deixar a disciplina mais leve num aspecto de, por exemplo, dar mais atenção, né? Porque na nossa turma, a gente sentia: eu, a Alice, a Israela, a gente tinha um pouco de dificuldade, né, de velocidade pra aprender e tinha uma parte dos meninos que tocavam mais...mas a questão do Marcelo, por exemplo, numa prova se a gente precisasse de uma aula extra ou coisa assim, ele era totalmente disposto, entendeu? E ele tentava ser o mais tranquilo e sensato possível na hora de passar o conhecimento. Assim, na questão de mudança entre homem e mulher, eu não senti nenhuma. Pra mim ele foi bem gênero, bem neutro...

E em relação aos colegas, você sentiu algum tratamento diferente ou viu alguém passando por uma situação assim?

- Olha... o que acontecia era assim: os meninos sempre se encontravam em frente ao RU³⁵. O violão... começavam a tocar lá, né? E por exemplo, muitos tocam muito, sabe? Já tocam há muito tempo, e naquele momento ali eu tava aprendendo ainda, eu tinha todas as inseguranças do mundo, né? Aí quando a gente pegava o violão pra tocar o pouco que a

³⁵Restaurante Universitário da UFC Sobral

gente sabe, o que canalizou naquele pouco momento de violão, por exemplo, no primeiro semestre, eles... não que isso fosse da forma negativa, mas eles meio que falavam: “Ei! Erros! Tem que estudar” e isso meio que pressiona mais ainda a gente, sabe? Eu acho que foi por isso também que eu fiquei um pouco atrás. Sempre acontecia o momento de música ali perto do RU, né? Eu não me sentia à vontade de tocar, entendeu? Porque por se tratar dos meus colegas de turma, eles meio que olhavam com um olhar crítico demais por eles saberem e tal... não que fosse na maldade, né? Mas por eles saberem demais e não terem o preparo pedagógico pra falar: “Ei, você tá errando nisso aqui”, acabava falando de uma forma meio... né... que dava mais insegurança pra gente. Mas naquele momento ali que eles ficavam tocando violão, eu gostava mais de cantar, entendeu? Entrava em questão musical, mas só cantava; questão de tocar eu não me sentia bem.

Agora na última pergunta, eu gostaria de saber a sua percepção como mulher sobre as mulheres na disciplina de violão e no curso de música, abrangendo em seguida a mulher no contexto do violão brasileiro, se possível.

- A mulher... assim, o nosso papel das mulheres no violão atualmente é um pouco escasso, porque não têm tantas mulheres que se reconhecem no instrumento, se reconhecem instrumentistas, né... não são todas que se reconhecem dessa forma. Vou confessar um negócio pra você: você é a, na minha recordação, você é a única menina assim, que tá a frente do violão, que tá lá, que vai até o final, que tá se aperfeiçoando cada vez mais. Nenhuma das meninas da minha turma que eu conheço, elas não continuaram, entendeu? Então eu acho que esse espaço, eu acho que é um pouco histórico, né? Um pouco histórico porque a mulher na música em si, é recente, né? Porque era uma tarefa dos homens, né? Os homens que iam pra lá, pra noite, pra tocar e tal... uma coisa bem histórica, né, a função da mulher na sociedade, né? Eu acredito que isso refletiu e reflete ainda na disciplina de violão. Eu acho que deve haver alguma forma de incentivar melhor, né, não por falta de incentivo, mas acaba que... eu acho que deveria ter algum... ou algum projeto ou alguma coisa que seja assim só movimento das mulheres: “Mulheres, vamos aprender violão...”, alguma coisa, alguma coisa do tipo, um projeto que inclua apenas mulheres, entendeu? Uma forma de impulsionar, né, a mulher no violão. E no contexto do Brasil acaba sendo a mesma coisa. Não é diferente daqui do Ceará. Quando eu estudei no conservatório Villa Lobos de Osasco, um curto período de dois bimestres no curso de música, né, eu também não via tantas mulheres, entendeu? Então não se trata de ser um problema só da cidade de Sobral. Não se trata de ser

um problema só da disciplina daqui, do Ceará. Eu acho que é um contexto mesmo nacional, entendeu? Eu não tenho ideia assim como fazer pra meio que impulsionar melhor a mulher no violão... eu não sei... porque esse espaço meio que tem que ser conquistado por nós, né? Então eu acho que entra um pouco do feminismo no meio, entendeu? Então essas duas coisas elas andam lado a lado, então uma forma de contribuir para a melhora, principalmente aqui na cidade de Sobral, seria a criação de um projeto que envolvam só mulheres, que...sei lá, que pensem em alguma coisa, enfim.

Jéssica Cisne - Entrevista realizada em 26/08/2021

1) Primeiramente eu gostaria de saber sobre a sua trajetória no estudo do violão: como ela aconteceu?

- Mana, quando eu entrei na UFC eu sabia o básico do básico que era os acordes maiores, digamos, que dava pra tocar algumas músicas... eu lembro de... meu pai tocava violão, né? Então eu cresci ouvindo ele tocando e aí vi o meu irmão do meio ali naquele processo de aprender e de repente eu fui. Só que eu comecei e parei muitas vezes. Porque doía, porque o meu dedo era enrijecido e aí: “Não, isso não é pra mim”...e aí acabou que “Tá, vou para a faculdade” e pensei: “E aí, o que é que eu quero”, né? “Que instrumento será esse?”... já vinha na trajetória toda dessa iniciação com o violão... “vou estudar violão na faculdade”. E aí o primeiro semestre foi lindo, assim, porque era bem o básico que eu sabia, né, ainda aperfeiçoei com escalas, então consegui passar; só que a partir do segundo semestre começam peças e começam outras coisas mais elaboradas e aí começa uma grande dificuldade pra mim porque eu começo também a trabalhar, em horário... eu não sei se foi a partir do segundo ou do terceiro. E aí eu tava trabalhando o horário comercial de quarenta horas numa instituição, não tinha tempo pra estudar e comecei a me dar muito mal no violão, tanto que eu acho que eu reprovei umas duas... eu não lembro se foi o dois e o três...sabe? Teve essas reprovações. Pra ser bem sincera... bem desestimulada. Não gostava porque era um nível de dificuldade muito alto, eu não tinha tempo pra me dedicar. Além de não ter tempo, eu não queria, não era algo como a voz que eu estudava e queria estudar mais, e queria estudar mais... violão não era esse lugar. Mas aos trancos e barrancos, eu fui lá e terminei. Pós faculdade eu fiquei uns dois anos sem tocar, do trauma. Assim...não queria. Não...porque quando eu comecei a cantar mais e sempre tinha gente pra tocar, então eu meio que afastei; e aí a minha tocada era pra dar aula pras minhas alunas, que era fazer uma escala pra acompanhar o vocalize ou pegar uns acordes pra acompanhar um música. Mas eu pegar “Vou aqui fazer voz e violão”..não. Um tempo depois, na verdade eu acho que no meu... não, foi depois que eu até comecei a fazer voz e violão em alguns lugares, só que na época o meu namorado tocava pra mim. Quando eu terminei esse relacionamento, foi o que me forçou: “Cara,

preciso continuar fazendo isso e eu preciso aprender a tocar”. Aí foi assim.. a dificuldade, mas eu fui lá e fiz. Eu lembro que eu tocava tudo muito ruim...como eu já cantava mais, eu tentava dar muito mais brilho na voz e deixava o violão ali, uma coisa em segundo plano, quando eu tava fazendo essa voz e violão e...festa particular, essas coisas. Então a minha trajetória foi bem assim,dentro da faculdade eu posso dizer que foi bem traumática. Essa é a palavra. Principalmente na minha turma que aconteceu tipo...por exemplo, tinha alunos... a gente falava muito das provas, né, o momento da prova, principalmente quando era prova de apresentar EncontraMus, era um momento muito tenso, cara. Eu lembro de ter um amigo meu que estudava lá na época, que ele teve...sabe... distendeu um músculo ou teve uma lesão de tanto ensaiar e não pode nem fazer a prova. Pra você ter noção de como era assim... sabe... era bem tenso e, tinha uma outra coisa também que...como a gente... eu sou da primeira turma, né? O Marcelo também tava iniciando nesse processo, muita coisa foi se modificando, então no começo teve esse nível, só que depois ele subiu o nível muito fortemente pra mim, por exemplo, e aí eu acho que foi uma das coisas que me desestimulou. Por ser também uma das que menos sabia na sala, porque a maioria dos meninos que tavam lá, eu acho que eu era...eu sempre estudei com uma ou duas meninas no máximo... e eu sempre era assim, médio pra ruim; sempre tinha gente muito melhor. E por conta do tempo mesmo e de outras questões, não me aperfeiçoava pra chegar nesse lugar, então por isso que foi esse... um pouco traumático.

-E hoje, você trabalha com o violão dando aula? Qual é a sua relação com o violão hoje?

-Eu trabalho com o violão. O violão é o instrumento que eu levo pra cima e pra baixo...dou aulas com ele, dou aulas de canto, o que não é muito usual, né? Dou aulas de canto com violão e super funciona. Hoje eu tenho uma outra relação assim, hoje eu paro pra pegar músicas: “Ah, queria tocar essa música”, vou lá e fico treinando, de vez em quando eu pego ainda. Não é um estudo para ser uma exímia violonista, não é esse lugar. É melhorar o meu acompanhamento, sabe? Basicamente é isso, hoje em dia.

2) E durante a faculdade ou depois, você participou de algum grupo artístico tocando violão?

- Não.

3) Na última parte da entrevista, eu gostaria de saber sobre a sua percepção como mulher da disciplina de violão e do curso de música, no geral. Eu queria que você comentasse as suas experiências, dificuldades ou facilidades que você sentiu dentro da disciplina, estudando violão: você percebeu algum tratamento diferente por ser mulher? Você se sentia à vontade pra tocar nos espaços da universidade?

- Mana, pra ser sincera, eu acho que na época eu nem fazia ainda essa reflexão, sabe? Eu era mais no sentido...eu acho que era mais um embate entre eu e o violão, do que eu e as pessoas ao redor, mas isso o que eu pensava na época, né? Mas se você for parar pra analisar...eu acho que o fato de todo mundo, eu sempre achava que todo mundo na sala era melhor do que eu, eu tava sempre um nível

abaixo porque parecia que quem escolhia o violão já tocava antes e já fazia, entendeu? Enfim, eu acho que pela a representatividade mesmo, sabe? Não ter outra mana ali, que chegasse e destruisse no violão, que era referência...era sempre masculina, sempre eram os meninos que assumiam esse lugar de instrumentista, né? E eu acho o curso extremamente machista nesse lugar,né, das mulheres que são instrumentistas já terem ali uma... sei lá,uma desconfiança, né? Eu acho que tem ali por...não sei como tá agora, mas ali no início era...eu acho, eu não sei... eu não me encontrava naquele lugar. Não me sentia pertencente, eu me sentia mais fazendo uma obrigação porque eu tenho que me formar e aquilo que eu gostava de fazer ou "Poxa, eu tô vendo aquela pessoa tocar e cantar"... a gente não fazia assim...muito, né? A gente fazia o quê: a gente pegava uma música que era legal, por exemplo, que era um samba pra fazer, treinar as inversões do baixo, né? Baixo aqui, baixo...só que eu gastava tanta energia tentando fazer aquelas posições, que a parte de cantar eu não curti, que eu gostava. Violão pra mim era um instrumento de acompanhamento. E lá eu acho que, no curso, a proposta era muito violão solo. Tinha as partes de acompanhamento, mas como eu te disse: era mais pra trabalhar essa técnica, mas não era estimulado: "Vamos fazer aqui uma roda e todo mundo... o que é que você vai cantar e tocar....se você canta e toca...". Eu sentia falta dessa junção, sabe? De você ver, por exemplo, de um olhar sensível e dizer: "Olha, acho que ela gosta de cantar", então juntar as duas coisas, né? De repente estimular; de... em vez de ser uma prova com a peça solo, que eu não me imaginaria sendo violonista... acho importante você passar pela a experiência, mas de repente focar em algo que fosse... que eu fosse me estimular mais. Eu me senti desestimulada e...assim, apesar de tudo eu tinha amigos assim na sala, que me apoiavam. Eu sempre estudava violão com outras pessoas, pedia ajuda, sempre pedia muita ajuda, sempre tive muita ajuda, isso eu não posso negar. Então eu acho que a reflexão é mais sobre a representatividade, de não ter.. do que assim, a dificuldade por ser mulher e estar ali dentro da sala... eu pelo menos na época, não fazia esse tipo de reflexão.

Você fez um trabalho, o seu trabalho de conclusão de curso foi voltado para a perspectiva do feminismo e você aborda essa questão. Então acredito que essas reflexões vieram com o tempo, chegando a fazer parte até do seu TCC. Eu gostaria de saber: como você vê a mulher no contexto do curso de música e principalmente na disciplina de violão, também abrangendo para o contexto de violão brasileiro?

- Bom, como eu te disse no início, o violão não é a minha área principal. Pra mim ele está como acompanhamento. Então eu não sei, não é algo que eu tô por dentro de quem são as violonistas, quem são as mulheres que fazem acontecer. O que eu conheço de mulheres que tocam violão é sempre ligado à voz: são cantoras que tocam violão. Que é esse universo que eu me aproximo e que eu gosto, e que eu quero pra mim. Apesar de hoje em dia ter uma visão muito mais crítica de "Por que não, se eu quiser?", sabe? Porque antes eu acho que eu tinha

essa coisa de: “Esse lugar não é pra mim, porque isso aqui é muito difícil ou porque...”, enfim, não sei. Eu acho que agora eu não consigo nem te dizer certamente porque que eu pensava isso, mas... de hoje pensar assim, sabe? De...saiu a obrigação... eu acho que é a obrigação era pra mim o pior. Que eu fazia aquilo só pela obrigação de passar na disciplina, e aí não tinha o mínimo de feeling [sentimento], de vontade. Diferente das disciplinas de canto, por exemplo, que independente de ter nota ou não, eu tava lá fazendo optativa, fazendo um monte de coisa. Tanto que quando eu terminei violão, eu me sentia formada, essa era a sensação. Violão e Percepção porque eram as duas disciplinas muito mais difíceis pra mim. Eu acho... no âmbito musical, falando da parte acadêmica, eu espero que esteja mais fácil pras meninas que estão lá, porque o ambiente da UFC, na época que eu estudei, era extremamente machista. Então quando eu fui me ligando disso, né? Quando eu fui ganhando consciência desse processo, a gente foi começando a cantar isso, né, no Caboclas, que me levou a fazer um trabalho sobre isso. É meio que você vai abrindo a sua percepção de coisas que você escuta, de assédio... eu sofri assédio de professores... de professor, né, foi de um professor da UFC e... enfim, extremamente pesado, sabe? Ainda hoje eu escuto histórias de pessoas: “Ah, fulana que tá no curso”, de comentários de colegas. Tem muita gente assim... sabe, cheia de preconceitos e questões. Então assim, um ambiente, eu diria, bem adoecedor. Por isso que eu tava... todo tempo que eu tava lá dentro eu tava, sabe, transformando esses processos, pra não me paralisarem, em arte: colocando pra fora, falando como eu processava aquilo. Eu espero que esteja diferente, né? Que tenham mais mulheres, que esse caminho se alargue aí e eu acredito que, de violonistas... outra coisa: eu não lembro de estudar nenhuma mulher. Não têm referências femininas no violão. Isso é um ponto importantíssimo. Na verdade, têm poucas referências femininas em toda a referência, em todos os livros ou coisas que eu estudei durante a faculdade. São pouquíssimas. Têm poucas mulheres no quadro de professoras e isso se alarga pra poucas violonistas conhecidas, porque eu nem sei te dizer, porque eu nem lembro de ter estudado. Eu lembro de, sei lá, Garoto, Baden Powell... mas referências femininas eu não sei. Então tá muito atrasado nisso, sabe? Porque eu acredito que têm muito mais violonistas, que as mulheres estão tomando seus espaços. Eu acredito ou se eu tenho uma leiga esperança, eu acho que você que tá pesquisando pode me dar uma visão atual... gostaria muito de saber... se puder me dar um resumo de como tá e como é pra ti, né? Porque você, acredito que você é violonista e toca, mas é isso... não foi uma passagem feliz e tranquila não, foi muito trancos e barrancos, sangue no olho e “Eu vou fazer isso aqui

porque eu quero mesmo...não é porque é a coisa mais fácil e propícia do mundo pra eu estar não”.